

MARIA LÚCIA PECCIOLI GALLI

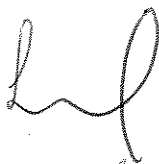
SANTO ANTÔNIO POR VIEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de
História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof.
Dr. Leandro Karnal.

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora em
28 / 08 / 2003

BANCA

Prof. Dr. Leandro Karnal (orientador)



Prof.^a Dr.^a Leila Mezan Algranti (membro)



Prof. Dr. Alcir Pécora (membro)



Prof.^a Dr.^a Eliane Moura (suplente)

Agosto/2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	<i>BC</i>
Nº CHAMADA	<i>TI / micamp</i>
	<i>G 136s</i>
V	EX
TOMBO	<i>BC/55969</i>
PROC.	<i>161124103</i>
C	☒ D ☒
PREÇO	<i>R\$ 11,00</i>
DATA	<i>08/00/03</i>
Nº CPD	

CM00190409-2

Bib id 302178

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Galli, Maria Lúcia Peccioli

G 136s

**Santo Antônio por Vieira / Maria Lúcia Peccioli Galli. - -
Campinas, SP: [s.n.], 2003.**

Orientador: Leandro Karnal.

**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

- | | |
|---|--|
| 1. Vieira, Antônio, Padre, 1608-1697. | 2. Santidade. |
| 3. Brasil - Colônia. | 4. Portugal <i>A</i> Religião <i>A</i> Sec. XVI a XVIII. |
| 5. Hagiografia. I. Karnal, Leandro, 1963- | II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título. |

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar como o jesuíta português Antônio Vieira (1608-1697) apresenta a figura de Santo Antônio nos sermões que lhe dedicou, buscando perceber por que lhe atribui determinados significados naquele momento histórico. Para tanto, partindo de uma descrição analítica dos nove *Sermões de Santo Antônio* de Vieira, estabelecemos comparações entre estas prédicas e narrativas hagiográficas antonianas medievais e modernas, a fim de demonstrar que, ao apropriar-se destas, o jesuíta ressignifica a figura do taumaturgo lisboeta.

ABSTRACT

The present dissertation investigates how the portuguese jesuit Antônio Vieira (1608-1697) represents Saint Anthony in the sermons that were dedicated to him. The objective is to understand why Vieira attributed certain meanings to Saint Anthony in that historical period. Therefore, this work analyses how Vieira, in the nine *Saint Anthony's Sermons*, gives other meanings to the Saint's figure, by appropriating Saint Anthony's medieval and modern hagiographic narratives.

Aos meus pais,
Antônio Daniel e Maria Helena,
E ao meu avô,
Paschoal (*in memoriam*)

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Agradecimentos

Ao meu orientador, professor Dr. Leandro Karnal, agradeço pela paciência, pelo respeito e pela atenção com que conduziu a orientação deste trabalho. Suas idéias, suas sugestões e seu encorajamento foram fundamentais para que a presente dissertação se tornasse possível.

Aos professores Dr^a. Margarida de Souza Neves, Dr. Alcir Pécora e Dr^a. Leila Mezan Algranti, agradeço pela leitura, pelas críticas e pelas sugestões preciosas feitas ao trabalho. À última, agradeço, particularmente, pela gentileza e pelo incentivo a mim dispensados desde o princípio de minhas buscas.

Agradeço, especialmente, à minha irmã Mariângela, às minhas grandes amigas Vanda, Denise, Patrícia, Dalila, Valéria e ao Dr. Mauro pelo afeto, pela paciência e pelo estímulo, que foram essenciais para que eu enfrentasse os desafios que surgiram ao longo destes anos.

À Liane, ao Guilherme e ao Jackson, agradeço pela leitura cuidadosa e pelas discussões enriquecedoras de trechos e capítulos desta dissertação. À Milena, Ana Maria e Ana Cláudia agradeço pela revisão do texto e pelas contribuições para o trabalho.

Ao Leonardo — bibliotecário de referência da Biblioteca Central — e à Deise — bibliotecária do IFCH —, agradeço pela atenção e pela localização de obras fundamentais para esta pesquisa. E ainda, à Sílvia, funcionária da Biblioteca Nacional.

Gostaria de agradecer aos meus pais e familiares pelo apoio, pelo afeto e pela compreensão por estes longos períodos de ausência.

Pelo carinho e pelos momentos de descontração, agradeço ao Zelindo, à Patrícia Gigante, à Renata, à Helena, ao Ita e à Marisa.

Quero agradecer também às minhas colegas de mestrado, Janaína, Mariana, Vitória e Marili.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

SUMÁRIO

Introdução.....	11
 Capítulo 1: <i>Santo Antônio: tradição hagiográfica e devocional</i>.....	13
1.1. Igreja Tridentina e a devoção aos santos.....	15
1.2. Santo Antônio das <i>Legendas</i>	19
1.3. Santo Antônio do <i>Flos Sanctorum</i> de frei Rosário e do <i>Agiológio Lusitano</i>	41
1.4. Aspecto da devoção antoniana na América portuguesa seiscentista.....	63
 Capítulo 2: <i>Sermões de Santo Antônio de padre Vieira</i>.....	69
2.1. <i>Tomarei debaixo de minha proteção esta cidade, e esta mercê lhe farei por amor de mim, e por amor de David meu servo</i>	78
2.2. <i>Vós sois o sal da terra</i>	94
2.3. <i>Sal e luz da mesa do Santíssimo Sacramento</i>	106
2.4. <i>Vós sois o sal da terra</i>	109
2.5. <i>Candeia acesa para deparar as almas perdidas</i>	111
2.6. <i>Aquele que fizer e ensinar, terá nome de grande no reino do Céu</i>	114
2.7. <i>Vós sois a luz do mundo</i>	116
2.8. <i>De tal modo há de luzir a vossa luz diante dos homens</i>	119
2.9. <i>Aquele que fizer, e ensinar (diz Cristo), esse terá o nome de Magno</i>	122
 Capítulo 3: <i>Antônio, apóstolo português</i>.....	127
3.1. Santo Antônio, apóstolo português.....	129
3.2. Antônio e Vieira	147

Considerações Finais	159
Fontes e bibliografia.....	163
Apêndice A	171

Santo Antônio por Vieira

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo investigar como o jesuíta português Antônio Vieira (1608-1697) apresenta a figura de Santo Antônio nos sermões que lhe dedicou, buscando perceber por que lhe atribui determinados significados naquele momento histórico.

Podemos pensar a celebração de um santo como um momento privilegiado no qual todo um repertório sobre sua vida, suas obras, suas virtudes, seus milagres e seus atributos é rememorado e reelaborado de acordo com a circunstância e os efeitos a serem buscados. Portanto, através dos panegíricos vieirianos de Santo Antônio, podemos entrar em contato com um repertório sobre a figura do taumaturgo, que circulava no Seiscentos e que se transformava em argumento nas prédicas do jesuíta. Ao mesmo tempo, parece-nos que o pregador, ao se apropriar deste repertório, contribui para sua reelaboração, ressignificando a figura do taumaturgo nos seus sermões.

Ao trabalhar com os *Sermões de Santo Antônio*, de padre Vieira, pretendemos ressaltar, primeiramente, o esforço dos pregadores católicos em reafirmar a validade do culto aos santos e à Virgem como resposta aos ataques, feitos pelos protestantes, a esta matéria doutrinal. Cabe ressaltar que a Companhia de Jesus foi fundada no bojo da Reforma Católica, no século XVI, tendo se destacado na difusão dos preceitos tridentinos na Europa e nas missões ultramarinas.

Em segundo lugar, procuramos atentar para a grande difusão do culto ao taumaturgo, em Portugal e em suas conquistas na América, bem como para a variadíssima gama de atributos que foram conferidos ao santo, o que demonstra sua força simbólica. Importa também destacar que, no século XVII, há momentos de intensificação e

reelaboração da devoção antoniana em Portugal e na América lusitana, devido, respectivamente, à Restauração Bragantina e às guerras para a expulsão dos holandeses das regiões coloniais produtoras de açúcar.

Por último, gostaríamos de salientar que a presença recorrente do santo português no sermonário de Padre Vieira pode ser pensada a partir de suas teses proféticas. Segundo Jean Delumeau, no Seiscentos, o jesuíta foi o maior propagador, tanto em Portugal quanto na América lusitana, da vocação apostólica dos portugueses, os quais teriam como missão universal instaurar o reino de Deus na terra.¹ Vale lembrar que o taumaturgo, nascido em Lisboa, tinha como principal virtude o ofício apostólico e como maior atributo “deparar o perdido”.

Tendo em vista as considerações acima, a dissertação está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, “Santo Antônio: tradição hagiográfica e devocional”, discutimos, inicialmente, a noção de santidade da Igreja tridentina, tendo em vista os ataques dos reformadores protestantes à devoção aos santos. A seguir, trabalhamos com a figura de Santo Antônio através da análise de narrativas hagiográficas medievais e modernas, bem como da investigação de traços do culto ao taumaturgo em Portugal e na América lusitana no século XVII.

Em “Sermões de Santo Antônio de padre Vieira”, segundo capítulo, procuramos descrever os nove panegíricos dedicados ao taumaturgo pelo jesuíta, buscando observar as circunstâncias da pregação, como também o acento dado pelo pregador à figura do santo em cada uma das prédicas.

No terceiro capítulo, “Antônio, apóstolo português”, estabelecemos comparações entre passagens dos sermões e de narrativas hagiográficas antonianas medievais e modernas, a fim de mostrar que, ao apropriar-se destas, Vieira ressignifica a figura do taumaturgo lisboeta. Nossa análise se centra no estudo da articulação, feita pelo jesuíta, entre o apostolado de Santo Antônio e a missão universal portuguesa, como também na investigação da produção da semelhança entre o jesuíta e o santo.

¹ DELUMEAU, Jean. “Milenarismo português”. In: *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p 187.

Capítulo 1

Santo Antônio: tradição hagiográfica e devocional

"Qual Santo Antônio! Tu és tu.

Tu és tu como nós te figuramos"

Fernando Pessoa, *"Santo Antônio"*

Capítulo 1

Santo Antônio: tradição hagiográfica e devocional

1.1. Igreja tridentina e a devoção aos santos

Em um verbete da *Enciclopédia Einaudi*, Jacques Le Goff propõe-se a refletir sobre o conceito de memória, adotando uma perspectiva histórica. Ao analisar a memória na Idade Média Ocidental, assim define seus principais traços:

*“Cristianização da memória e da mnemotécnica, repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica, desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, aparecimento enfim dos tratados de memória (artes memoriae), tais são os traços mais característicos das metamorfoses da memória na Idade Média.”*²

Para o autor, tanto o judaísmo como o cristianismo são “religiões de recordação”: por um lado, porque ações divinas de salvação localizadas no passado constituem o conteúdo da fé e o objeto do culto; por outro, porque o livro sagrado, assim como a tradição histórica, insistem na necessidade da lembrança como tarefa religiosa essencial.³

Segundo Le Goff, a memória cristã manifesta-se principalmente na comemoração do Evangelho, tendo como momentos privilegiados no calendário litúrgico o Natal, a Quaresma, a Páscoa e a Ascensão. Cotidianamente, a memória de Jesus é celebrada através

² LE GOFF, Jacques. “Memória”. IN: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, Vol. 1 Memória - História, p. 24.

³ *Idem, ibidem, loc. cit.*

da Eucaristia. Contudo, o historiador salienta que, no Ocidente medieval, de forma mais “popular”, a memória cristã cristalizou-se sobretudo nos santos e nos mortos.⁴

No século XVI, a devoção aos santos foi um dos objetos da crítica dos reformadores protestantes ao catolicismo. Estes contestavam, principalmente, o papel de intercessores atribuído aos santos, como também condenavam a veneração às imagens religiosas, considerando-a como prática idólatra.⁵

Segundo Jean Delumeau, os reformadores defendiam uma religiosidade mais interiorizada:

*“Seu objetivo era voltar à pureza da primitiva Igreja e livrar a Palavra divina de todos os disfarces que a traíam. Era preciso eliminar, ainda que pela força, tantos acréscimos idólatras e supersticiosos que os homens enganados de Satã, haviam “introduzido”, “inventado”, “forjado” ao longo dos séculos às custas da mensagem de salvação.”*⁶

Como resposta aos ataques dos protestantes, foi organizado o Concílio Tridentino (1545-1563), um dos concílios mais importantes da história da Igreja. Suas resoluções foram marcadas pela defesa da ortodoxia romana frente ao avanço dos protestantes.

Para o historiador Leandro Karnal, o Concílio não reformulou os postulados católicos tradicionais, mas sim os reafirmou como resposta aos ataques dos reformadores. O autor afirma que a especificidade de Trento reside na *“vigorosa ordenação e sistematização do catolicismo e [n]a decidida vontade de implantar esta unidade.”*⁷

Como vimos, um dos objetos da crítica dos protestantes ao catolicismo era a devoção aos santos. Para responder a tais críticas, os reformadores de Roma reafirmaram a

⁴ LE GOFF, Jacques. *Op. cit.*, p. 26.

⁵ Peter Burke ressalta que: *“Holy people are not unique to Christianity. What does appear to be uniquely Christian, though, is the idea that saints are not only extremely virtuous people, but also efficacious mediators with God on behalf of the living; more powerful, more valuable dead than alive. This was, of course, an idea which came under fire at the Reformation. Erasmus, for example, pointed out that veneration of the saints was “not a great deal different from the superstitions of the ancients”, such as sacrificing to Hercules or Neptune.”* BURKE, Peter. “How to be a Counter-Reformation Saint”. IN: GREYERTZ, Kaspar von (org.). *Religion and Society in Early Modern Europe 1500-1800*. Londres, George Allen & Unwin, 1984, pp.45-46.

⁶ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 57.

⁷ KARNAL, Leandro. *Teatro da fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo, Editora Hucitec, 1998, p. 56.

validade da intercessão dos santos e da veneração de suas relíquias e imagens.⁸ Mais uma vez, Leandro Karnal ressalta que, nestas matérias, nada foi acrescentado à teologia católica tradicional:

*“A novidade a este respeito é definir o católico por este atributo. A intercessão dos santos e sua Representação passam a ser elementos identificadores da fé católica, como a figura do papa já era há muito tempo.”*⁹

Assim, a partir do século XVI, paulatinamente, ser católico passou a ser sinônimo de atributos que diferenciavam a ortodoxia romana do protestantismo. Entre estes atributos, o historiador enfatiza a subordinação à autoridade papal, a crença na transubstanciação eucarística, nas indulgências, procissões, novenas, na supremacia do estado clerical, na veneração aos santos, entre outros elementos.¹⁰

Dos decretos conciliares tridentinos emerge uma preocupação das autoridades de diferenciar o culto aos santos da idolatria, como também de apartá-lo de práticas consideradas supersticiosas e profanas.¹¹ Nesse sentido, se, por um lado, os reformadores

⁸ Tais assuntos foram discutidos em Trento na Sessão XXII, celebrada em 17 de setembro de 1562, e na Sessão XXV realizada nos dias 3 e 4 de dezembro de 1563: *“Manda o Santo Concílio a todos os Bispos, e aos mais que tem o officio, e cuidado de ensinar, que conforme a praxe da Igreja Catholica, e Apostolica, recebida desde os tempos primitivos da Religião Christã, e consenso dos Santos Padres, e Decretos dos sagrados Concilios, instruaõ diligentemente os Fiéis primeiramente da intercessão dos Santos, sua invocação, veneração das Relíquias, e legitimo uso das Imagens: e lhes ensinem que os Santos, que reinaõ juntamente com Christo, offerecem a Deos pelos homens as suas orações; e que he bom, e util invocalos humildemente, e recorrer a suas orações, poder e auxilio, para alcançar beneficios de Deos, por seu Filho Jesus Christo nosso Senhor, que he o nosso único Redemptor, e Salvador.(...)”* O SACROSSANTO e ecumênico Concílio de Trento. Lisboa, Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1808, Tomo 2, pp. 349-351.

⁹ KARNAL, Leandro. *Op. Cit.*, p. 58.

¹⁰ Quanto a este último aspecto, consideramos elucidativo reproduzir a fala de Frei Jaboatão, missionário franciscano da América Portuguesa setecentista, ao referir-se aos “desagravos” cometidos por franceses luteranos a uma imagem de Santo Antônio no século XVII: *“ (...) hereticamente negão o culto e veneração, que ás Sacro-Santas Imagens os verdadeiros catholicos dão (...)”*. JABOATÃO, Antonio de Santa Maria (frei), ofm. *Nove Orbe Seráfico Brasilico, ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil*. Rio de Janeiro, Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858-1862, Vol 1, p. 81.

¹¹ *“Toda a superstição pois na invocação dos Santos, veneração das Relíquias, e sagrado uso das Imagens seja extincta; todo o lucro sórdido desterrado; toda a lascivia evitada: de modo que as Imagens não sejam pintadas com formosura dissoluta, e que os homens não abusem da celebração dos Santos, e visita das Relíquias, para glotonerias, e embriaguezes: como se os dias festivos empregados em luxo, e lascivia fossem em honra dos Santos. Em fim ponhão os Bispos nesta materia tanto cuidado, que nada se veja desordenado, transformado, ou posto em confusão, nada profano, nada deshonesto appareça, pois a casa de Deos só convem a santidade.”* O SACROSSANTO e ecumênico Concílio de Trento. *Op. cit.*, pp. 355-357.

católicos reafirmaram a devoção aos santos, por outro buscaram prescrever como os santos deveriam ser venerados.¹²

No trecho a seguir, extraído dos decretos, podemos perceber que um dos aspectos salientados pelos reformadores católicos quanto ao papel do culto aos santos é que estes seriam exemplos da vivência das virtudes cristãs que deveriam nortear a vida dos devotos:

*“...e que tambem de todas as sagradas Imagens se recebe grande fructo, não só porque se manifestão ao povo os beneficios, e mercês, que Christo lhes concede, mas tambem por que se expoem aos olhos dos Fiéis os milagres, que Deos obra pelos Santos, e seus saudáveis exemplos: para que estes dem graças a Deos, ordenem a sua vida, e costumes a imitação dos Santos, e se excitem a adorar, e amar a Deos, e exercitar a piedade.”*¹³

Em consonância com as afirmações de Jacques Le Goff, anteriormente citadas, o trecho acima aponta como os reformadores católicos reafirmaram o valor dos santos enquanto lugares onde uma memória cristã poderia ancorar-se.

Segundo David Lowenthal, recordações são maleáveis e flexíveis, isto é, quando recordamos, reinterpretemos os acontecimentos tendo em vista a experiência subsequente e a necessidade presente.¹⁴

Dentro desta perspectiva, podemos pensar a celebração de um santo como um momento privilegiado no qual todo um repertório sobre sua vida, suas obras, suas virtudes, seus milagres e seus atributos é relembrado, reelaborado e ressignificado. Nesse dia, são pronunciados sermões que visam a suscitar devoção e piedade, sermões celebrativos da memória do santo e da sua conduta exemplar.

No livro *No Reino do Desejado*, Jacqueline Hermann afirma que, em conformidade com os preceitos tridentinos, o “sermonário barroco” foi grande propagador do valor atribuído à intercessão dos santos.¹⁵

¹² Este esforço dos reformadores católicos também implicará numa revisão das narrativas de “vidas” de santos: *“In first place, an attempt was made to emend the accepted accounts of the lives of the saints and to replace these accounts with something more reliable, judged by the criteria of humanist historical criticism. The most elaborate and systematic attempt at criticism and emendation was of course the work of the Bollandists in the seventeenth century, but the way had been shown by Erasmus himself in the life of St. Jerome prefixed to his edition of Jerome’s works.”* BURKE, Peter. *Op. cit.*, p. 46.

¹³ O SACROSSANTO e ecumênico Concílio de Trento. *Op. cit.*, p. 355.

¹⁴ LOWENTHAL, David. “Como conhecemos o passado”. IN: *Projeto História. Trabalhos da Memória* (Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História do Departamento de História - PUC-SP). São Paulo, n° 17, novembro/98, p. 97.

Entre os panegíricos de santos do sermonário do pregador português Antônio Vieira (1608-97), a figura de Santo Antônio ocupa lugar de destaque. Ao todo, foram nove sermões, pregados em diversos lugares, quais sejam: Roma, Lisboa, São Luís e Bahia, com exceção de um sermão que não chegou a ser pregado. Para produzir estes sermões, Vieira se apropriava, dentre outras fontes, de narrativas hagiográficas e de práticas devocionais do culto antoniano. Passemos, pois, para a análise de hagiografias antonianas para refletirmos, posteriormente, a respeito de possíveis “acomodações”, feitas pelo jesuíta, acerca da “vida” do santo.¹⁵

1.2. Santo Antônio das legendas

A bibliografia que se produziu sobre a figura de Santo Antônio é extremamente vasta e remonta a longa data. Ao fazer um balanço crítico da literatura antoniana, os revisores do livro *Vida de Santos de Butler* concluíram que as obras que se produziram acerca da figura do pregador franciscano apenas foram superadas pelas que se referem à de

¹⁵ HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XV e XVII)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 276.

Na sessão XXII do Concílio de Trento, em 17 de setembro de 1562, sobre a “Doutrina do Sacrifício da Missa”, há um capítulo específico acerca das missas celebradas em memória dos santos, no qual percebemos a preocupação, anteriormente mencionada, de diferenciar tal celebração de práticas idólatras, como também a ênfase dada ao papel dos santos como intercessores: “*Posto que a Igreja tenha de costume celebrar algumas Missas em honra, e memoria dos Santos; com tudo não diz que se lhe offerecem Sacrificios, mas unicamente a Deos, que os coroa. Por onde, nem o Sacerdote costuma dizer: Offereço-te Sacrificio, Pedro, ou Paulo; mas dando as graças a Deos pelas victorias dos Santos, implora os seus patrocínios; para que aquelles se dignem interceder por nós nos Ceos, cuja memoria celebramos na terra.*” O SACROSSANTO e ecumênico Concílio de Trento. *Op. cit.*, p. 95.

¹⁶ Cabe aqui remetermo-nos, de forma sucinta, a algumas informações sobre a vida de Santo Antônio. Nasceu em Lisboa na última década do século XII. Ingressou na vida religiosa na ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, tornando-se mestre em teologia. Porém, em 1220, seduzido pelo ideal de vida franciscano, mudou de ordem religiosa tornando-se um frade menor. Como missionário, embarcou para a África, para cristianizar muçulmanos. Devido a problemas de saúde, frei Antônio teve que retornar para a Europa. Uma tempestade desviou seu barco para a Sicília e, desde então, o frei estabeleceu-se na província franciscana da Itália. Graças aos seus conhecimentos teológicos e ao seu talento como orador, fez inúmeras viagens por toda a Itália e sul da França para pregar e combater os chamados hereges, como também para ensinar teologia dogmática, recebendo, posteriormente, o título de Doutor Evangélico da Igreja. Frei Antônio morreu em Pádua, aos trinta e seis anos de idade, em 1231. Menos de um ano depois, veio a público sua canonização, expedida pelo papa Gregório IX.

São Francisco de Assis.¹⁷ Contudo ressaltam que, apesar da extensa produção, pouco se sabe sobre detalhes da vida do santo, sendo que a maior parte das informações se baseia na primeira *legenda* antoniana conhecida como *Assidua*, designação dada pela primeira palavra latina do texto, escrita por volta de 1232 por um frade menor anônimo.

Nos tempos medievais a palavra *legenda* designava o relato da vida de um santo, escrito para ser lido no ofício litúrgico celebrativo da sua festa, nas horas de colação monástica e nas de devoção¹⁸. As *legendas* eram, acima de tudo, obras edificantes e devocionais cujas páginas celebravam as virtudes e os milagres de heróis cristãos¹⁹.

Na introdução à *Legenda Assidua*, Frei Henrique P. Rema ressalta que as *legendas* medievais se transformaram em fontes para os hagiógrafos do taumaturgo português dos séculos XV, XVI e XVII²⁰. Como também afirma que tais autores, ao se apropriarem daquelas narrativas, inseriram-lhes “as suas próprias fantasias.”²¹ Consideramos tais “modificações” importantíssimas, pois cada versão da vida do santo se constitui num novo documento histórico de grande interesse.

Sobre a *Legenda Benignitas*, assim chamada devido à primeira palavra latina do texto, Frei Henrique salienta que foi utilizada como fonte por vários autores que escreveram

¹⁷ VIDA dos Santos de Butler. Edição completa organizada, revisada e ampliada por Herbert J. Thurston, S. J. e Donald Attwater. Petrópolis, Vozes, 1989, Volume VI, p. 133.

¹⁸ SANTO António de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, 1998, Volume I, p. 18. Com relação ao relato da vida de um santo, Certeau afirma que se trata daquilo que é “preciso ler” (*legendum*) no tempo de sua celebração: “O uso da hagiografia corresponde ao seu conteúdo. Na leitura, é o lazer distinto do trabalho. Para ser lida durante as refeições, ou quando os monges se recreiam. Durante o ano intervêm nos dias de festas. É contada nos lugares de peregrinação e ouvida nas horas livres.”. CERTEAU, Michel de. “Uma variante: a edificação hagio-gráfica”. IN: *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982, p. 270.

¹⁹ Em comemoração ao “8º Centenário do Nascimento” do padre franciscano, foram traduzidas para o português e publicadas diversas fontes hagiográficas antonianas dos séculos XIII e XIV, a saber: *Bula da Canonização* de 11 de junho de 1232; *Vida Primeira de Santo António* também denominada *Legenda Assidua*, por um frade anônimo da ordem dos menores (c. 1232); *Ofício Ritmico de Santo António* por Frei Juliano de Espira da Ordem dos Menores (c. 1235); *Vida de Santo António Confessor* ou *Vida Segunda* por Frei Juliano de Espira da Ordem dos Menores (c. 1235); *Diálogo sobre as Gestas de Santo António* por um Frade Menor anônimo (1245-1246); *Legenda de Santo António* intitulada “*Benignitas*” redigida por João Peckham da Ordem dos Menores (c. 1280); *Legenda Raimondina* atribuída a Frei Pedro Raymond de Saint-Romain (pouco depois de 1293); *Legenda Rigaldina* por Frei João Rigauld, OFM (fim séc. XIII/início séc. XIV); *Livro dos Milagres ou Florinhas de Santo António de Lisboa*. No presente capítulo, ao tratarmos das *legendas* medievais do taumaturgo, trabalharemos com esta edição. SANTO António de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, 1998. 3 volumes.

²⁰ REMA, Frei Henrique Pinto, OFM. “Introdução” (VIDA Primeira de Santo António). IN: SANTO António de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, volume I, p. 30.

²¹ *Idem, ibidem, loc. cit.*

sobre a vida de Santo Antônio, dentre os quais Súrrio.²² Trata-se de Lourenço Súrrio, monge cartuxo, que escreveu “Vidas de Santos” no século XVI. De acordo com Clarêncio Neotti, padre Vieira recorreu àquela obra para produzir seus sermões²³. Neotti constrói esta hipótese a partir da referência que o próprio Vieira faz a este hagiógrafo no *Sermão de Santo Antônio*, pregado em Roma, contra o nome que lhe era atribuído de Santo Antonino:

“Como o concurso e o tropel dos enfermos para tocar o corpo do Santo era infinito, uns chegavam, outros não podiam chegar; mas estes que não podiam chegar, diz Súrrio, bastava que desejassem tocar o Santo, para ficarem sãos.”²⁴

As considerações feitas até aqui têm por fim destacar que, se por um lado a *Legenda Prima* forneceu informações sobre a vida de Santo Antônio, as quais foram reapropriadas pelas demais *legendas* medievais; por outro, estas *legendas* e as coleções de milagres medievais do taumaturgo também foram reelaboradas pelos hagiógrafos modernos nas compilações que fizeram sobre a vida do santo e, por conseguinte, pelo próprio Padre Vieira para produzir seus *Sermões de Santo Antônio*.

Antes, porém, de adentrarmos o mundo das *legendas* medievais antonianas, cabe refletirmos sobre as causas que permitiram que frei Antônio passasse a figurar em tal universo. Estamos nos referindo à sua canonização, oficializada em 30 de maio de 1232, onze meses após a sua morte.

No artigo “How to be a Counter-Reformation saint”, Peter Burke procura demonstrar como a Igreja medieval, paulatinamente, intentou centralizar a definição de santidade. O autor afirma que, já no fim do século XI, o Papa Urbano II enfatizou a necessidade de testemunhas para comprovar as virtudes e milagres dos candidatos à

²² “Por causa de suas muitas novidades e milagres suplementares, não admira que tenha tido seguidores, nomeadamente no Liber Miraculorum e nas biografias de Súrrio e Sicco Polentone, tão largamente utilizados pelos biógrafos dos séculos XVI e seguintes.”. Idem, “Introdução” (*Legenda Benignitas*). IN: SANTO Antônio de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, volume II, p. 14.

²³ NEOTTI, Clarêncio. “Introdução ao Sermão de Santo Antônio”. IN: VIEIRA, Antônio. *Santo Antônio luz do mundo: nove sermões*. Transcrição, introdução e notas de Clarêncio Neotti. Petrópolis, Vozes, 1997, p. 20. Consta do catálogo do setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional o seguinte título: SURIUS, Laurentinus. *De probatis sanctorum historiis, partim ex tomis Aloysii Lipomani ... partim etiam ex egregiis manuscriptis codicibus ... / [... collectis per F. Laurentum ..., [et] nunc recens recognitis atque aliquot vitarum accessione auctis, per F. Iacobum Mosandrum ...]*. Coloniae Agrippinae [Cologne Alemanha]: Apud Gevenium Calenium et haeredis Quentelios, 1570-1586.

²⁴ VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmão - Editores, volume III, 1993, p. 129.

santidade. Entretanto, foi o Papa Gregório IX, no século XIII, quem formalizou as regras para o processo de canonização.²⁵

André Vauchez também se remete a este processo de centralização da definição de santidade que culminou com a concessão ao Papa do direito exclusivo de decidir, em última instância, sobre a canonização ou não de um candidato. Assim como Burke, o autor chama atenção para o maior controle que, no século XIII, se instituiu sobre as virtudes e milagres dos candidatos à santidade, que eram submetidos a um exame da Cúria após a audição de testemunhas:

*“A partir daí, haverá no Ocidente duas espécies de santos: aqueles que, tendo sido aprovados e reconhecidos pelo papa, poderão ser objeto de um culto litúrgico e os outros, que terão de contentar-se com uma veneração local.”*²⁶

A questão que se coloca é a seguinte: que motivações teriam levado o papa Gregório IX e a Cúria Romana a reconhecer frei Antônio como santo?

A *Bula da Canonização* de Santo Antônio, datada de 11 de junho de 1232, pode oferecer alguns indícios para responder, em parte, a tal questão. Em primeiro lugar, de acordo com tal documento, a santidade residiria sobre dois requisitos: a “santidade da vida e a verdade dos sinais”, isto é sobre os méritos precedentes e os milagres subseqüentes.

*“Enquanto viveu no mundo possuiu grandes méritos; agora, vivendo no céu, brilha com muitos milagres, que demonstram de forma evidente sua santidade.”*²⁷

De acordo com a Bula, para verificar se frei Antônio contemplaria tais requisitos foi nomeada uma comissão para recolher os testemunhos dos seus milagres, composta pelos seguintes membros: Bispo de Pádua, Frei Jordano de São Bento, Frei João de Santo Agostinho e Priores dos dois conventos dos Frades Pregadores de Pádua. Em consonância com as considerações anteriormente mencionadas dos historiadores Peter Burke e André

²⁵ Não por acaso, foi este Papa quem organizou o Tribunal da Inquisição. Burke ressalta que, para definir santos e hereges, “*He used similar legal methods in both instances: trials.*” BURKE, Peter. *Op. cit.*, p. 45.

²⁶ VAUCHEZ, André. “O santo”. IN: LE GOFF, Jacques (direção). *O homem medieval*. Lisboa, Editorial Presença, 1989, p. 219.

²⁷ BULA da Canonização (11 de junho de 1232). IN: SANTO António de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, volume I, p. 24.

Vauchez, podemos perceber a importância dada pela Bula em ressaltar que a santidade de frei Antônio foi confirmada pelo relatório da comissão e pelos depoimentos das testemunhas acerca de suas virtudes e milagres:

*“Há pouco tempo, porém, tanto pelo relatório dos citados Bispo e Prioros, como pelos depoimentos das testemunhas recebidas sobre o assunto, certificamo-nos das virtudes de Antônio e dos seus milagres insignes.”*²⁸

Por outro lado, segundo o documento o principal mérito de frei Antônio residiria na sua atuação para propagar a fé católica:

*“É que em nossos dias, para confirmação da fé católica e confusão da maldade herética, Deus visivelmente renova seus sinais e emprega com poder as maravilhas, fazendo brilhar por meio de milagres aqueles que robusteceram a fé católica com o ardor das suas convicções, com a eloquência da sua palavra e o exemplo da sua virtude.”*²⁹

O trecho acima nos leva a refletir sobre o modelo de santidade representado por frei Antônio naquele momento histórico para a Igreja. O século XIII foi marcado pelo avanço das chamadas heresias, as quais questionavam a ortodoxia romana. Neste momento, as ordens mendicantes ocupavam um lugar de destaque pois ofereciam um grande número de pregadores na cruzada contra os “hereges”. De acordo com Orlando Bernardi, o Papa Gregório IX tinha objetivos e preocupações específicas ao canonizar um padre franciscano, cujos principais méritos recaíam sobre o mistério da pregação e confissão:

*“Semelhante modelo torna-se impraticável aos leigos. Por sua vez, a oficialização deste modelo de santidade obedece a uma opção do Papa, cujas preocupações fundamentais, nesse momento histórico, são de fortalecer a cristianização da sociedade frente ao avanço da heresia.”*³⁰

²⁸ BULA da Canonização (11 de junho de 1232). *Op. cit.*, p. 25.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 24.

³⁰ BERNARDI, Orlando OFM. “O franciscanismo de Santo Antônio”. IN: *Cadernos do IFAN*. Bragança Paulista, EDUSF, 1997, n° 18, p. 69.

A oficialização da canonização de frei Antônio o inseriu no universo das *legendas*. A partir de então, sua vida foi contada tendo em vista modelos de perfeição cristã. Segundo Michel de Certeau, a hagiografia é um gênero literário que privilegia os santos e visa à edificação. Nesse sentido, “a individualidade conta menos que o personagem”, e sua estrutura se refere não essencialmente “àquilo que passou”, como faz a história, mas “àquilo que é exemplar”:

*“A hagiografia é a rigor, um discurso de virtudes. (...) Cada vida de santo oferece uma escolha e uma organização próprias destas virtudes, utilizando para este fim o material fornecido seja pelos fatos e gestos dos santos, seja pelos episódios pertencentes ao fundo comum de uma tradição.”*³¹

As *legendas* antonianas medievais consultadas parecem ser passíveis de uma primeira divisão: as *Legendas Assidua*, *Vida Segunda* e a *Raimondina*, ao relatar sua “vida”, celebram suas virtudes e, majoritariamente, mencionam milagres realizados após sua morte, de acordo com os preceitos da *Bula da Canonização* e com a ortodoxia romana.³²

A este respeito afirma frei Juliano de Espira, na *Vida Segunda*, ao exaltar a virtude de frei Antônio de “anunciar a todos toda a verdade”:

*“14. Esta virtude era nele tão resplandecente que não havia olhos que a não vissem; virtude certamente superior aos milagres, que as mais das vezes realizados em vida, são enganadores.”*³³

E ainda frei Pedro Raymond de Saint-Roman, a quem é atribuída a *Legenda Raimondina*, ao mencionar a eficácia de suas pregações em Pádua, bem como a devoção dos habitantes daquela localidade ao padre franciscano:

³¹ CERTEAU, Michel de. *Op. cit.*, p. 274.

³² Ao analisar a hagiografia de Guillaume de Saint-Pathus sobre São Luís, datada provavelmente de 1303, Jacques Le Goff ressalta: “É evidente que São Luís, de acordo com o que desejava a Igreja desde Inocêncio III, não consumou milagres antes da morte: por isso há um desequilíbrio a favor da vida (quer dizer das virtudes e da piedade) nos testemunhos anteriores ao processo de canonização.” LE GOFF, Jacques. *São Luís. Biografia*. Rio de Janeiro - São Paulo, Editora Record, 1999, p. 301.

“13. Conquanto o nosso Santo não tivesse ainda brilhado em toda a parte com milagres corporais, todavia glorificava a majestade do Senhor com prodígios mais poderosos.”³⁴

Já as *legendas* antonianas medievais *Benignitas* e *Rigaldina* celebram o maravilhoso na vida de Antônio, isto é, se diferenciam das demais por descreverem inúmeros milagres e outras maravilhas em meio a suas ações. Estas maravilhas passam, então, a constituir o repertório hagiográfico do taumaturgo e muitas serão apropriadas por Vieira como argumento para mover seu auditório durante as festas em honra ao santo lisboeta.

Passemos para a análise das *legendas*.

A *Legenda Assidua* ou *Vida Primeira de Santo Antônio* foi escrita por um frade anônimo da ordem dos menores por volta de 1232³⁵. Trata-se da *legenda* em que os demais hagiógrafos irão buscar informações para produzir sua versão da “vida” e “milagres” do frade lisboeta, como anteriormente mencionamos, por isso vamos acompanhar mais detidamente sua narrativa.

A *legenda* principia com o nascimento do santo, em Portugal, numa residência “digna de sua condição social”³⁶. Foi batizado como Fernando e em idade própria ingressou na escola anexa à Sé de Lisboa.

Para afirmar suas virtudes a *Assidua* ressalta que, durante sua juventude, Fernando não cedeu aos “ímpetos da carne”, mas antes os refreou. Seus méritos são mais uma vez afirmados quando é mencionada sua opção para ingressar na ordem de Santo Agostinho no mosteiro de São Vicente de Fora em Lisboa:

³³ ESPIRA, Frei Juliano de. “Vida de Santo Antônio Confessor ou Vida Segunda”. IN: SANTO António de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, volume I, p. 128.

³⁴ SAINT-ROMAIN, Frei Pedro Raymond de. “*Legenda Raimondina*”. IN: SANTO António de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, volume II, p. 76.

³⁵ De acordo com Francisco da Gama Caeiro: “A redação da *Legenda* deve-se talvez a determinação do papa Gregório IX, quase a seguir à canonização do Santo, efetuada em 30 de maio de 1232, e, assim feita pouco depois, decerto dentro do ano seguinte de sua morte, ocorrida em 13 de Junho de 1231.” CAEIRO, F. da Gama. *Santo Antônio de Lisboa. Introdução ao estudo da obra antoniana*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, volume I, pp. 6-7.

³⁶ A *Legenda Assidua* não menciona a data de seu nascimento. Tal datação suscita polêmicas até os dias atuais. Frei Henrique P. Rema afirma que a *Legenda Raimondina* foi a primeira a fixar que Antônio teria nascido em 1195. No século XVII foi estabelecido que seu nascimento teria ocorrido no dia 15 de agosto de 1195. Contudo, ao longo do século XX esta tradição foi questionada por alguns estudiosos que retrocederam a data de seu nascimento para o ano de 1190, sem precisar o dia e mês. Sobre este assunto ver: REMA, Frei Henrique Pinto (OFM). “Vida e obra de Santo Antônio de Lisboa. Evocação do 8º Centenário do

“Para aqui, finalmente, abandonadas as seduções do mundo, se transferiu o varão de Deus e, com humilde devoção, recebeu o hábito de Cônego Regrante”³⁷.

Em Lisboa permaneceu por dois anos, após os quais se transferiu para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, importante centro de estudos na época. Segundo a *Assidua*, tal mudança teria sido motivada pelos incômodos causados pelas constantes visitas de parentes e amigos que obstruíam seu caminho para a perfeição³⁸. Em Santa Cruz teria permanecido por nove anos, se dedicando ao estudo da Bíblia e da patrística, progredindo em “virtude e ciência”.

A mudança de nome e de ordem religiosa é tema do quarto capítulo da *legenda*. De acordo com a *Vida Prima*, o ingresso na ordem dos menores teria sido motivado pelo martírio dos cinco frades franciscanos enviados ao Marrocos para pregar aos mouros. Recorrendo a um lugar da hagiografia, a *Assidua* e as *legendas* seguintes ressaltam que o cônego regrante teria sido tomado pelo “desejo de martírio”, o que o teria levado a ingressar na ordem dos menores para realizar tal missão³⁹. Fernando teria sido recebido pelos frades menores no Convento de Santo Antão, localizado nas proximidades de

Nascimento”. IN: *Voz Lusitana*. Revista da Academia de Ciências, Letras e Artes. São Paulo, nº 5, segundo semestre de 1995, p. 12.

³⁷ VIDA Primeira de Santo António também denominada *Legenda “Assidua”*. IN: SANTO António de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, volume I, p. 36.

Além da atração espiritual, Francisco da Gama Caeiro menciona outras motivações que teriam levado António a escolher o Mosteiro de São Vicente de Fora: “*A grande proteção que os reis dispensavam ao mosteiro e as isenções importantes que este havia alcançado do papa davam-lhe um lugar de justificado revelo no meio português, ainda reforçado pelo prestígio e proeminência espiritual dos seus cônegos — havendo tudo isto, sem dúvida, contribuído para que o santo elege-se a canônica de São Vicente de Fora para o seu ingresso na vida religiosa.*” CAEIRO, Francisco da Gama. *Op. Cit.*, p. 20.

³⁸ Mais uma vez recorremos a Caeiro para o qual a mudança de casa religiosa, feita por Fernando, teria sido impulsionada por uma dupla aspiração intelectual e espiritual: “*Crê-se que o jovem regrante Fernando Martins passara do Mosteiro de São Vicente ao de Santa Cruz para neste dar novo impulso às suas ardências espirituais e, ainda, talvez sobretudo, para ali receber a lição dos mestres famosos que voltavam prestigiados de Paris e aproveitar os elementos de estudo mais copiosos que o segundo mosteiro lhe podia oferecer.*” *Idem, ibidem*, p. 97.

³⁹ Quanto a mudança de ordem religiosa, Francisco da Gama Caeiro afirma que, se, no Mosteiro de Santa Cruz, a aspiração intelectual de Fernando foi contemplada, o mesmo não teria ocorrido com sua “ambição de virtudes”, pois quando entrou para o referido mosteiro o mesmo se encontrava “decaído moralmente”, o que provavelmente teria influenciado sua decisão para ingressar na ordem dos menores. A par o “relaxamento”, luxo e ostentação de Santa Cruz, outro fator teria contribuído para a decisão de António: o novo estilo de vida praticado pelos franciscanos, assentado na vivência radical das virtudes evangélicas, e, mais particularmente, a proposta de São Francisco de uma pregação universal à maneira da praticada pelos apóstolos. O autor afirma que a entrada solene em Santa Cruz das relíquias dos cinco mártires franciscanos teria produzido um “choque espiritual” em António. *Idem, ibidem*, p. 102.

Coimbra. Temendo represálias de parentes, procurou se esconder mudando seu nome para Antônio. Tal escolha é interpretada como presságio de sua missão apostólica:

“13. Assim foi o próprio Antônio em pessoa, que, substituído o vocábulo, se impôs o nome e com ele, por um feliz presságio, designou qual havia de ser o arauto da palavra de Deus. 14. Antônio, pois, significa por assim dizer aquele que atoa os ares. E na realidade a sua voz, qual trombeta portentosa, quando expressava entre os doutos a Sabedoria oculta no mistério de Deus, proclamava com ênfase tais e tão profundas verdades das Escrituras, que mesmo, e nem sempre, o exegeta poderia compreender a eloquência da sua pregação.”⁴⁰

Após ter ingressado na ordem dos frades menores, Antônio foi enviado para o Marrocos. Na África durante todo o inverno foi acometido de uma “doença providencial” que o impediu de dar seguimento ao seu intento e o forçou a retornar para a Europa para recuperar sua saúde. Durante sua viagem para a Europa, “ventos” desviaram seu barco para a Sicília: mais uma vez é ressaltada a ação da providência nos caminhos de Antônio.

Por esta época foi realizado um Capítulo Geral da ordem franciscana, em Assis, ao qual compareceu o frade lisboeta. Terminada a reunião, não foi requisitado por nenhum Ministro da ordem por ser, de acordo com a *Assidua*, desconhecido e considerado de pouca valia. Suplicou então ao Frei Graciano, Ministro da Romagna, que o levasse para aprender os “rudimentos da disciplina”. Para destacar a humildade e devoção de Antônio, afirma-se que não se referia a seus “conhecimentos literários” nem à sua condição eclesiástica e que desejava abraçar toda “ciência e inteligência” que levasse à obediência de Cristo. Cativado por tais virtudes Frei Graciano o levou para o eremitério de Monte Paolo. A *Legenda* descreve o período de permanência neste ermo como um momento de entrega à solidão, orações, vigílias e jejuns, uma espécie de noviciado não canônico na ordem, ou ainda, uma preparação para a missão apostólica que depois iria desempenhar.

Tal missão principia com a “revelação” de seus dotes oratórios e de sua sabedoria durante uma cerimônia de ordenação de frades franciscanos e dominicanos em Forli. De acordo com a *Vida Prima*, no momento da colação, o superior solicitou aos frades pregadores que pronunciassem um sermão; contudo, cada um deles se escusou dizendo que não queria nem deveria pregar de improviso. Dirigiu-se, então, a Antônio e lhe ordenou que

⁴⁰ VIDA Primeira de Santo António também denominada *Legenda “Assidua”*. *Op. cit.*, p. 39.

pregasse “o que o Espírito Santo lhe sugerisse”, apesar de desconhecer sua ciência, “confiando apenas na sua presunção”. O frade tentou declinar a solicitação, contudo, por obediência, acatou o pedido do prelado e começou a pregar. A descrição procura destacar, por um lado, a humildade e obediência de frei Antônio e, por outro, a admiração do auditório diante de sua sabedoria, eloquência e caridade.

“7. Para que dizer mais? Escusou-se com todas as forças, mas teve que render-se às instâncias do Ministro e começou primeiramente de falar com simplicidade, e tendo a sua língua ou antes, pena do Espírito Santo, mostrado no decorrer do sermão a mais rara eloquência, e o dom de dissertar muito em pouco, os Frades pasmados em extremo, ouviam mui atentos, todos sem exceção, a pregação do servo de Deus. 8. Se a inesperada elevação de suas sentenças assombrava os ouvintes, não menos o espírito com que falava e sua ardentíssima caridade os edificava.”⁴¹

A pregação de Forlì foi comunicada ao seu Ministro, que lhe atribuiu o ofício de pregador. A *Assidua* descreve que Antônio percorria cidades, castelos e aldeias da região da Romagna, cristianizando os ouvintes e convertendo os hereges.⁴²

A partir do sermão de Forlì, a *Legenda* irá celebrar o santo pregador e confessor, dando grande ênfase à popularidade de suas pregações, bem como à eficácia de suas palavras.⁴³

A *Vida Prima*, no entanto, descreve de forma mais detida as pregações que frei Antônio realizou em Pádua durante a quaresma que antecedeu sua morte. Não podemos desconsiderar que a *Assidua* se propõe a perpetuar a memória do santo paduano.⁴⁴

No Capítulo Geral em que foram trasladadas as relíquias de São Francisco, frei Antônio foi dispensado das ocupações de governo interno da ordem e recebeu a autorização de pregar onde bem lhe aprouvesse. Escolheu a cidade de Pádua:

⁴¹ VIDA Primeira de Santo Antônio também denominada *Legenda “Assidua”*. *Op. cit.*, p. 42.

⁴² A *Legenda Prima* não menciona que frei Antônio foi o primeiro professor de teologia da ordem. Das *legendas* consultadas a primeira que menciona tal ofício é a *Raimondina*. Também não se refere a sua atuação como pregador, professor e responsável por ocupações de governo interno da ordem no sul da França. Tais menções aparecem na *Benignitas* e, sobretudo, na *Rigaldina*.

⁴³ Menciona que, durante sua estadia em Roma, “por motivos urgentes da Ordem” pregou ao Papa (Gregório IX), de quem recebeu o título de “Arca do Testamento” devido à sua eloquência e conhecimentos bíblicos.

⁴⁴ Cabe aqui esclarecer a “dupla identidade” do santo. Como nasceu em Lisboa, é chamado Santo Antônio de Lisboa e, como morreu em Pádua, é conhecido também como Santo Antônio de Pádua. Como procuramos demonstrar nestes páginas, a *Legenda Assidua* contribuiu decisivamente para a apropriação do santo pela cidade italiana.

“3. Mas, porque noutra ocasião, quando certamente compunha os *Sermões Dominicais* ao longo do ano, tinha estabelecido sua residência na cidade de Pádua e havia experimentado a fê sincera dos seus habitantes e se lhes afeiçoara por laços de caridade, atraído pela sua extraordinária dedicação, decidiu visitá-los na primeira viagem que empreendesse.”⁴⁵

Em Pádua, frei Antônio se dedicou durante todo o inverno à produção dos *Sermões para a Festividade dos Santos*. Contudo, ao se aproximar a quaresma, deixou esta atividade e passou a pregar, ensinar e ouvir confissões.⁴⁶

A *Assidua* destaca a popularidade das pregações quaresmais em Pádua, bem como a eficácia das palavras do frade menor, capaz de mover o auditório e modificar seus ânimos. Segundo a narrativa, após as pregações os ouvintes acorriam às confissões para as quais não era suficiente o número de sacerdotes que acompanhavam o pregador. Os fiéis chegavam a afirmar que Antônio aparecia em sonho, induzindo-os à confissão. Tamanha era a devoção dos paduanos ao pregador, que ele várias vezes procurou meios para se resguardar do seu assédio.⁴⁷

Segundo a *Assidua*, ao se aproximar o tempo da colheita, frei Antônio achou melhor interromper as pregações e se dirigir para Camposampiero para um período de descanso e de contemplação. Foram feitas cabanas numa nogueira para ele e seus companheiros, onde, de acordo com a *legenda*, estaria mais próximo do céu, para “onde era necessário ascender”.

Em Camposampiero, sua saúde já debilitada pelos trabalhos e jejuns quaresmais agravou-se. Num certo dia, logo após o almoço, sentiu-se muito mal e pediu aos companheiros que o levassem de volta para Pádua. No caminho encontraram um frade que iria visitar Antônio; tal religioso, vendo o estado em que se encontrava o pregador,

⁴⁵ VIDA Primeira de Santo Antônio também denominada *Legenda “Assidua”*. *Op. cit.*, p. 45.

⁴⁶ “6. Efectivamente tão grande fervor de pregar se apossou dele, que se disporia a pregar durante todos os quarenta dias. E é indubitável que o fez. 7. E coisa admirável! Sendo ele um homem atormentado por uma certa obesidade natural, e com achaques continuos, todavia, por causa do ardoroso zelo das almas, permanecia muitas vezes em jejum, pregando, ensinando e ouvindo confissões, até o pôr do sol.” *Idem*, *ibidem*, p. 45.

⁴⁷ “9. No final, no calor da devoção, as mulheres, de tesouras em punho cortavam-lhe a túnica na ponta da franja e, quem pudesse ao menos tocar-lhe na franja do hábito, tinha a convicção de que haveria de ser feliz. 10. Ao invés, não poderia defender-se de um punhado de homens que se fizeram para ele, se não fora resguardado por um numeroso grupo de jovens alentados, ou não espreitasse solícito o local por onde fugir ou ele próprio, depois de multidão ter debandado, não esperasse a melhor ocasião.” *Idem*, *ibidem*, p. 47.

aconselhou-os a levá-lo para a moradia dos franciscanos junto ao mosteiro das clarissas em Arcella. Nesta residência morreu Antônio em 13 de junho de 1231.⁴⁸

Morto em “odor de santidade”, seu corpo passou a ser disputado pelas clarissas, que desejavam que permanecesse em Arcella, e pelos frades menores que residiam junto à Igreja de Santa Maria, local onde frei Antônio havia morado durante sua estadia em Pádua. As disputas ultrapassaram os limites do claustro e apenas findaram com a intervenção da hierarquia eclesiástica e do *podestà* de Pádua que deu como veredicto que o corpo deveria ficar com os frades da Igreja de Santa Maria. Para esta resolução pesou o argumento de que o próprio Frei Antônio havia pedido para ser levado para lá quando estava muito doente em Camposampiero. Daí a ênfase que a *Assidua* e demais *legendas* dão a esta passagem:

“5. *Pressentindo o servo de Deus Antônio que a dissolução de seu corpo estava iminente, chamando junto de si um dos frades e seus companheiros, chamado Rogério, disse-lhe: Se estiveres de acordo, irmão, para evitar o incomodo a estes irmãos, irei para Pádua para residência de Santa Maria.* 6. *Havendo o irmão concordado, atrelado o carro, nele colocou o santo pai, apesar dos frades da residência se terem oposto o mais possível, a que fosse de algum modo para o outro lado.* 7. *Mas, porque viam que esta era a vontade do mui bem-aventurado Antônio, muito embora contrariados, cederam.*”⁴⁹

No quinto dia após sua morte, seu corpo foi levado para a Igreja de Santa Maria, onde foi sepultado. De acordo com a *legenda*, a partir deste dia, “aconteceram” os primeiros milagres no seu túmulo e ocorreram grandes manifestações de devoção e piedade.⁵⁰ Diante de “tais sinais”, organizou-se uma comissão enviada para Roma para tratar da canonização de Antônio, oficializada em 30 de maio de 1232.

⁴⁸ Importante ressaltar que se trata da primeira data mencionada pela *Assidua*.

⁴⁹ VIDA Primeira de Santo Antônio também denominada *Legenda “Assidua”*. *Op. cit.*, p. 54.

⁵⁰ “1. Logo no mesmo dia, foram trazidos muitíssimos doentes, com enfermidades várias, que, pelos merecimentos do bem-aventurado Antônio, foram de imediato restituídos à saúde primitiva. 2. No mesmo instante, em que o doente, fosse ele quem fosse, tocava a urna, após a sepultura, experimentava a alegria de se ver liberto de toda espécie de enfermidade. 3. Mas aqueles que, em virtude da multidão não podiam permanecer diante da urna, quando transportados para fora das portas da igreja, saravam, na praça pública, à vista de toda a gente. 4. Ai, na realidade, abriram-se os olhos aos cegos; ai, o coxo saltou como o veado; ai, aos surdos abriram-se-lhes os ouvidos; ai, a língua dos mudos, solta, proclamava, rápida e com perfeição, os louvores de Deus. 5. Ai, desarticulada a paralisia, consolidavam-se os membros do corpo na sua primitiva função; ai, o corcunda, a gota, a febre, e várias outras enfermidades pestíferas são postas em fuga como por encanto.” *Idem, ibidem*, pp. 66-67.

Grande ênfase é concedida pela *Legenda* à descrição de sua morte, sepultamento e canonização. Ao todo são dedicados 12 capítulos a este tema (capítulo XV ao XXVII). Cabe ressaltar que esta descrição teve espaço cada vez mais reduzido nas *legendas* medievais posteriores.

Podemos perceber nestes capítulos da *legenda*, mais uma vez, uma ênfase na celebração do santo de Pádua, como bem demonstra o trecho a seguir, que menciona a “pranto dos paduanos” por ocasião da morte do pregador franciscano:

“6. Para onde vais, ó pai, exclamam, para não mais voltares? Ó Pai da cidade de Pádua, seu carro e condutor! Pai venerando, para onde vais sem os teus filhos? Que mensageiro da verdade da palavra de Deus se encontrará a ti semelhante, para nós, órfãos?”⁵¹

Por outro lado, em consonância com a *Bula da Canonização*, há uma preocupação em afirmar a veracidade dos milagres relatados na *legenda*. Como por exemplo, no capítulo sobre a “Missão de delegados enviados à Cúria para a canonização de Santo Antônio”:

“9. De toda parte, acorrem enormes multidões de ambos os sexos, que afirmam, em testemunho de verdade, que foram libertos de diversas calamidades; e daqui e dali refulge um número muito grande de milagres. 10. Aceitam-se os depoimentos firmados com juramento e redigem-se por escrito os milagres aprovados, depois de registrados os testemunhos da verdade.”⁵²

Ou ainda no prólogo da parte que trata dos milagres do santo:

“Contudo, selecionando estes poucos dentre os muitos, também dos mais conhecidos, transcrevemos os mais certos para que não só dêmos ocasião aos que desejam acrescentar louvores mas, também, recusando o incerto, enquanto pretendemos louvar, poupemos à língua o vício de mentir.”⁵³

A seguir gostaríamos de pontuar alguns aspectos das demais *legendas* medievais antonianas.

⁵¹ VIDA Primeira de Santo Antônio também denominada *Legenda “Assidua”*. *Op. cit.*, p. 57.

⁵² *Idem, ibidem*, p. 71.

⁵³ *Idem, ibidem*, p. 99.

A *Vida de Santo Antônio Confessor* ou *Vida Segunda* foi escrita pelo Frei Juliano de Espira, da Ordem dos Menores, em meados de 1230. Frei Juliano também pôs em verso musical a vida do taumaturgo lisboeta, compondo o *Ofício Rítmico de Santo Antônio* (c. 1235).⁵⁴

Frei Henrique Rema afirma que Juliano de Espira utilizou como fontes para produção de suas obras a *Legenda Assidua*, a qual “resumiu com maestria”, apresentando pouquíssimas novidades em relação a esta obra, além de outras informações escritas ou orais, a Bíblia, a liturgia e a tradição hagiográfica. A seguir, frei Rema se refere a uma série de sermões compostos por Frei João de La Rochelle, dedicados a Santo Antônio, iniciados em 1238 e que se inspiraram na *Legenda Juliana* e no *Ofício Rítmico*.

Entretanto, num interessante artigo sobre tais sermões, Francisco Blanco ressalta que eles propõem uma releitura da “vida” do santo a partir de uma chave franciscana. Para tanto João de La Rochelle se baseou na tipologia de santidade proposta por Juliano de Espira nas suas referidas obras, as quais, segundo Blanco, apresentam uma imagem de Santo Antônio que, nos meios universitários dos frades menores em Paris, estava se consagrando como a imagem do santo franciscano que reunia os ideais de pobreza de São Francisco e os ideais de uma cultura teológica voltada para a santidade da vida. Para o autor, tal construção era uma resposta aos frades que viam com receio a afirmação dos estudos na ordem franciscana.⁵⁵

Podemos perceber esta reelaboração da vida do santo feita por Juliano de Espira no trecho a seguir, quando se refere às consequências da revelação dos dons oratórios de frei Antônio durante sua pregação em Forli:

“A noticia deste fato chegou depressa aos ouvidos do Ministro Geral, o qual confiou imediatamente a Antônio o ministério da pregação, obrigando-o a aparecer em público. 10. E, na verdade é com todo o mérito que fica encarregado da pregação um homem versado

⁵⁴ Na introdução ao *Ofício Rítmico*, frei Rema apresenta alguns dados biográficos de Juliano de Espira. Era poeta e mestre de música na corte do rei de França entre 1223 e 1227. Ao entrar na ordem dos frades menores, foi incumbido de compor os ofícios de São Francisco e, mais tarde, os de Santo Antônio. REMA, frei Henrique Pinto. “Introdução” (*Ofício Rítmico de Santo Antônio*). IN: SANTO Antônio de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, volume I, p. 103.

⁵⁵ BLANCO, Francisco de Asís Chavero, OFM. “Los Sermones de Sancto Antonio de Juan de La Rochelle. Para una tipologia de la santidad franciscana”. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E TESTEMUNHO. 8º Centenário do Nascimento de Santo Antônio. Actas. Braga, Universidade Católica Portuguesa - Família Franciscana Portuguesa, 1996, Volume II, pp. 835-851.

na divina sabedoria, já reconhecido como pobre em espírito no meio da fraternidade dos pobres e que não assume por si esta honra mas por chamamento.”⁵⁶

O acento colocado sobre a construção da imagem de um santo franciscano, próprio desta *legenda* bem como das seguintes, fica mais patente se compararmos a citação acima com um trecho da *Assidua* que se refere à mesma passagem da vida do santo, no qual há uma maior preocupação em enfatizar sua virtude apostólica:

*“1. Uma vez que uma cidade edificada sobre um monte não pode esconder-se, é o senhor quem o atesta, não decorreu muito tempo, sem que tudo o que acontecera houvesse sido relatado ao seu Ministro e, interrompido o silêncio da sua quietude, foi Antônio compelido a sair a público. 2. Imposto que lhe foi o ofício de pregar, é obrigado o amigo do ermo a sair dele e de sua boca, há tanto tempo fechada, abre-se alegre para anunciar a glória de Deus. 3. Apoiado, portanto, na autoridade de quem manda, tanto se esforçou para cumprir o ministério da pregação, que havia de justificar a coragem de seus atos o nome de evangelista. Percorria as cidades, as praças fortes, as aldeias e as povoações e espalhava a sementeira da vida tão abundante como ardorosamente por todos e cada um (...).”*⁵⁷

Para Francisco Blanco, a *Vida Segunda* e o *Ofício Rítmico* “franciscanizam” o taumaturgo. Tratava-se, naquele momento, de uma apropriação do novo santo por parte dos menores, já que a *Assidua* enfatiza em demasia o santo de Pádua.⁵⁸ Portanto, as obras de Juliano de Spira não são apenas resumos feitos com maestria da *Legenda Prima*, como afirma Rema, mas sim apresentam especificidades de grande interesse.

Outra particularidade de tais obras é atribuir ao santo a “virtude milagrosa” de deparar o perdido. Tal atributo será amplamente utilizado pelo padre Vieira como

⁵⁶ ESPIRA, Juliano de. *Op. cit.*, p. 128.

⁵⁷ VIDA Primeira de Santo Antônio também denominada *Legenda “Assidua”*. *Op. cit.*, pp. 42-43.

⁵⁸ Uma novidade da *Vida Segunda* é a introdução da narrativa da aparição de São Francisco durante uma pregação do santo lisboeta. Este relato foi tomado da obra de Tomás de Celano, *Vida Prima di san Francesco*, escrita quando Antônio ainda era vivo. A inserção daquela narrativa na *legenda* do santo pode ser interpretada como indício da apropriação do novo santo por parte dos franciscanos, já que coloca o patriarca da ordem autorizando as palavras do pregador: “11. E eis que aparece, suspenso no ar, por estupendo e incrível milagre, o glorioso pai S. Francisco, ainda vivo naquela altura mas habitando noutra longínqua região. 12. Em sinal de aprovação das palavras do homem de Deus e a mostrar quão digno era da imitação dos ouvintes, manifesta-se aos olhos dos presentes com os braços abertos como no patíbulo da cruz e, abençoando os seus filhos presentes, traçou sobre eles o sinal da cruz.” ESPIRA, Juliano de. *Op. cit.*, p. 131.

argumento para sua *invenção*⁵⁹ nos sermões dedicados ao pregador franciscano. Não podemos desconsiderar que, no século XVII, esta prerrogativa emerge como uma das principais do culto antoniano e, como tal, se constitui como argumento eficaz para mover o auditório do jesuíta.

*“10. Pelos gloriosos méritos do Santo, desde o dia da sua morte até agora, acabam as necessidades e desaparecem os perigos dos atribulados de qualquer gênero: lepra, demônios, erro, morte e desgraça acabam; 11. Doentes de qualquer enfermidade levantam-se as mãos; soltam-se as cadeias dos prisioneiros e o mar amaina para quem corre perigo de naufrágio: aqueles que, de ambos os sexos e de qualquer idade, procuram objetos perdidos, recuperam-nos. Que se alguém deseja obter graças particulares, ouça os miraculados e os paduanos lhe hão-de garantir que se trata de fatos autênticos.”*⁶⁰

A *Legenda Raimondina*, escrita pouco depois de 1293, recebe tal designação devido ao nome do frade menor a quem é atribuída: frei Pedro Raymond de Saint-Romain.⁶¹

A *legenda* se divide em duas partes: a primeira relata a “vida” do santo e a segunda se refere aos seus milagres, divisão típica das *legendas* do século XIII. No prólogo da primeira parte, o frade menor adverte o leitor e/ou o ouvinte:

*“5. Ao escrever a Vida de Santo Antônio, obrigado pela obediência, confesso que descreverei certas coisas de modo diferente de alguns biógrafos que me precederam, tendo eu chegado à verdade dos fatos graças à investigação segura e testemunhos dignos de fé.”*⁶²

Em relação às *legendas* anteriores, esta apresenta algumas novidades, dentre as quais a menção de que Antônio recebera ordenação sacerdotal ainda quando era cônego regente e que, em Monte Paolo, celebrava missas para os frades menores. A *legenda*

⁵⁹ *Invenção* tem aqui o sentido da *inventio*: “com seu sentido técnico nas retóricas clássicas; refere-se aí à parte do discurso relativa ao estoque de tópicos e seus esquemas argumentativos básicos com vistas à persuasão.” PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento. A unidade teológica-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira*. São Paulo - Campinas, Edusp - Editora da UNICAMP, 1994, nota 15, p. 43.

⁶⁰ ESPIRA, Juliano de. *Op. cit.*, pp. 146-147. Além da recuperação de objetos perdidos, os especialistas afirmam que não encontraram na *Assidua* outras três prerrogativas: cura de possessos, de leprosos e libertação de cativos.

⁶¹ Segundo frei Rema, esta *legenda* interessou minimamente a ordem franciscana para além do círculo que a originou. REMA, Henrique Pinto, OFM. “Introdução” (*Legenda Raimondina*). IN: SANTO Antônio de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, volume II, p. 52.

⁶² SAINT-ROMAIN, Frei Pedro Raymond de. *Op. cit.*, p. 55.

também informa que o taumaturgo tinha 36 anos ao morrer em 1231, por isso frei Rema lhe atribui a primazia na datação do nascimento do santo.

Além da introdução de dados novos acerca da “vida” do santo, Saint-Romain apresenta outra provável motivação para a produção de sua obra no prólogo da segunda parte: incentivar a devoção ao taumaturgo ao acrescentar novos milagres àqueles narrados na *Assidua*, tendo a maioria destes “ocorrido” no ano de 1293:

*“julguei que não devia cobrir com estéril silêncio mas antes para despertar os corações entorpecidos, descrever brevemente alguns dos muitos milagres, vários dos quais realizados no ano do Senhor de 1293 e que nós pudemos ver com os nossos olhos e tocar com as nossas mãos, os quais foram realizados pelos méritos do glorioso confessor de Cristo, o bem-aventurado Antônio, cujo nobre corpo é guardado honorificamente pela insigne e magnífica cidade de Pádua.”*⁶³

Portanto, os milagres citados pela *Raimondina* teriam ocorrido após a morte do santo. Nesse sentido, como a *Assidua* e a *Vida Segunda*, a *legenda* de Saint-Romain privilegia a celebração dos méritos precedentes e dos milagres subseqüentes de acordo com os requisitos acerca da santidade afirmados na *Bula da Canonização* do santo. E como a *legenda* anterior, também faz uma leitura da “vida” do santo sob a clave franciscana:

*“9. Os irmãos devem ter na memória principalmente isto: que o Santo, cheio de reconhecimento e tomado de sincero zelo pela honra da sua Ordem religiosa, quando ouvia dizer que a simplicidade dos Frades era desprezada ou molestada pelos adversários, sem olhar ao seu bem-estar corporal e para não esquecer os gemidos de sua mãe, logo oferecia aos irmãos ofendidos o refrigério da sua presença. 10. Assim, com prudência de serpente destruiu por toda a parte as faces caninas dos invejosos; e o Santo pobre e humilde, refutando com sabedoria os soberbos, os mentirosos e os zombadores, que atacavam a cidade do Senhor, devolvia a tranquilidade aos cidadãos.”*⁶⁴

⁶³ SAINT-ROMAIN, Frei Pedro Raymond de. *Op. cit.*, pp. 87-88.

Eis os títulos dos milagres narrados na *legenda*: “Cura duma monja paralítica”, “Daquele que foi salvo do perigo da morte”, “Cura de Pedro surdo e mudo”, “Cura de Frei Bernardino que sofria da garganta”, “Frei Câmbio miraculosamente curado”, “Martinho livre da perseguição diabólica em 1278”.

⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. 72.

Importante mencionar que se trata da única *legenda* antoniana medieval consultada que, em vez de iniciar com o “relato” dos primeiros anos da “vida” do santo, principia com um capítulo dedicado ao martírio dos cinco frades franciscanos e aos efeitos que tal acontecimento produziram em Antônio, dando grande ênfase à pregação apostólica proposta pela regra franciscana:

“4. Na verdade, ao futuro distinto pregador convinha perfeitamente aquela Regra, que forma claramente tanto para a vida apostólica como para a pregação; está muito ajustada a quem sente o desejo do martírio, pois que ensina os homens experimentados e acabados que têm aspirações de evangelizar os infiéis.”⁶⁵

Frei Saint-Romain descreve da seguinte forma as pregações antonianas:

“8. Trabalhando como destemido soldado de Cristo, Antônio percorreu inúmeras províncias e, falando de modo admirável a linguagem do povo, exprimia-se aos estrangeiros com tal clareza que a sua pregação era compreendida por todos, como se falasse ao mesmo tempo muitas línguas diferentes.”⁶⁶

As duas *legendas* medievais de que trataremos a seguir são as que celebram o maravilhoso na “vida” de Antônio, isto é, que introduzem milagres e outros relatos maravilhosos em meio à narrativa de suas ações: estamos nos referindo às *Legendas Rigaldina* e *Benignitas*.

A *Legenda Rigaldina* recebe esta denominação devido ao nome do frade menor a quem é atribuída: Frei João de Rigauld, da província minorítica da Aquitânia, que a teria escrito entre os anos de 1298 e 1317.

No prólogo, Rigauld afirma que escrevera tal obra para preservar a memória dos milagres que “Deus dignou-se a operar” por meio de frei Antônio quando este era Custódio de Limoges, já que tais milagres não se encontravam inseridos na sua *Vida*; além disso, a redação de tal *Legenda* objetivava incentivar a veneração ao santo.⁶⁷ Tratava-se de

⁶⁵ SAINT-ROMAIN, Frei Pedro Raymond de. *Op. cit.*, p. 62.

⁶⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 72.

⁶⁷ “Enquanto S. Antônio residiu na Custódia de Limoges foi nomeado Custódio e nessa ocasião Deus dignou-se operar por meio dele alguns milagres de que eu, desde que entrei na Ordem, tomei conhecimento mediante seguro testemunho dos frades de comprovada virtude, mas que não encontrei inseridos na sua Vida. 3. Por

introduzir as tradições de Limoges nas hagiografias antonianas e, desta forma, ressaltar sua atuação no sul da França.⁶⁸ Uma nova faceta do taumaturgo seria delineada: o Santo Antônio de Limoges.

Em consequência de tal motivação, grande número de maravilhas narradas em meio à “vida” do santo tem como espaço a diocese de Limoges, quando Antônio lá atuou como Custódio.⁶⁹ Frei João de Rigauld procura ressaltar o testemunho dos monges, frades ou cônegos que teriam presenciado ou sido objeto de tais maravilhas, numa clara tentativa de afastar qualquer idéia de embuste associada à sua obra.

As maravilhas mencionadas na *Legenda* também se constituem como narrativas edificantes, já que se produziram a partir das virtudes do frei, mais precisamente devido a quatro virtudes caras à espiritualidade franciscana: humildade, pobreza, “oração profunda” e “verdadeiro anúncio da palavra”. Frei Rigauld constrói seu discurso de maneira a provar que a vivência de cada uma destas virtudes fez com que Deus cumulasse Antônio de milagres ainda em vida.⁷⁰

Com relação à sua pregação, exalta:

*“72. Oh! Feliz pregador,
que ensinou com a palavra e o exemplo, sem distinção de pessoas;
para confirmar a sua pregação,*

isso, levado, não por presunção, mas pela devoção ao Santo, quis pô-los por ordem para que juntos não se perdessem e pouco a pouco desaparecessem da memória dos frades; demais disso, para estimular a inteligência dos ouvintes a uma profunda veneração do santo.” RIGAULD, Frei João de, OFM. “*Legenda Rigaldina*”. IN: SANTO Antônio de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, volume III, p. 15.

⁶⁸ Cabe ressaltar que a *Legenda Benignitas* faz referência, embora em menor proporção, à presença de Antônio na França.

⁶⁹ Entre estas maravilhas, Rigauld narra uma que teria ocorrido durante uma pregação do santo na diocese de Limoges: “16. Pregando ao povo, freqüentemente predizia o que lhe havia de acontecer durante a pregação. 17. Pregando um dia na diocese de Limoges, perto de S. Juniano e tendo-se reunido tão grande multidão de pessoas que a capacidade da igreja não as podia conter, foi necessário que o homem de Deus se mudasse, com a multidão do povo reunido, para uma vasta praça. 18. Depois de preparado à pressa um estrado de madeira, o homem de Deus subiu para ele e fez a seguinte profecia: ‘Sei que o inimigo fará em breve um desacato durante o sermão. Mas não tenhais medo, porque ninguém sofrerá dano’. 19. Após breve tempo, o estrado em que o Santo estava ruiu com admiração de todos, mas nem ele nem os circunstantes ficaram feridos. 20. Este facto animou o povo a maior reverência para com o homem de Deus, no qual viam brilhar o espírito de profecia. Preparado de novo o lugar, Antônio foi escutado com a mais apurada atenção.” RIGAULD, Frei João, OFM. *Op. cit.*, pp. 39-40.

⁷⁰ Trata-se da temática dos seguintes capítulos: Capítulo V. “Da sua admirável humildade e das complacências divinas a seu respeito”; Capítulo VI. “Da sua muita pobreza e de como Deus supria admiravelmente as suas necessidades”; Capítulo VII. “Da sua sublime oração e de como eram atendidos os seus desejos” e Capítulo VIII. “Da sua famosa pregação e do dom das curas”.

*Francisco apareceu à vista;
também os seres irracionais lhe obedecem;
as nuvens, que num lugar destilam a chuva, noutra não a deixam cair;
pela sua pregação abrandam os corações duríssimos dos pecadores
e a língua dele, morto, rende testemunho à verdade.*"⁷¹

Como na *legenda* que iremos trabalhar a seguir, a *Rigaldina* recorre às tradições bíblicas para representar Santo Antônio como um apóstolo, cujas pregações eram corroboradas por milagres:

*"41. Antônio, pondo-se a caminho, pregava por toda a parte, e o Senhor cooperava com ele, confirmando a sua palavra com os milagres que o acompanhavam."*⁷²

A valorização que João Rigauld concede ao maravilhoso na vida de Antônio é analisada da seguinte forma por frei Vergílio Gamboso:

*"Enquanto no século de Duzentos, da Assidua à Raimondina, nos fazem do Santo um retrato de exemplar sobriedade, em que dominam uma estrênuia interioridade, uma estupenda dedicação à atividade apostólica da pregação e do ensino teológico, com a Rigaldina assiste-se a uma viragem nítida para o culto do maravilhoso, o qual Santo Antônio se torna, antes de mais, o Taumaturgo."*⁷³

Cabe ressaltar que esta *Legenda* também possui um capítulo intitulado "Milagres realizados após a morte do bem-aventurado Antônio", no qual o hagiógrafo acrescenta aos milagres narrados na *Assidua* aqueles que foram recolhidos pelo frei Pedro Raymond de Saint-Romain no ano de 1293, enquanto foi Leitor em Pádua (com exceção de um, que afirma ter recebido duma "relação muito segura" de frei Pedro Pomarada). Entre estes milagres, consta um que teria se passado na Província de Portugal.⁷⁴

⁷¹ RIGAUD, Frei João, OFM. *Op. cit.*, p. 45.

⁷² *Idem, ibidem*, p. 42.

⁷³ Cf. REMA, Frei Henrique Pinto, OFM. "Introdução" (*Legenda Rigaldina*). IN: SANTO Antônio de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, volume III, p. 14.

⁷⁴ "80. Conforme ouvi contar a Frei Pedro Raymond, uma mulher foi libertada do desespero e do perigo de afogamento pela invocação do bem-aventurado Antônio. 81. Com efeito, na província de Portugal havia uma mulher que era freqüentemente atormentada pelo demônio. Um dia, o marido, encolerizado, atirou-lhe injuriosamente à cara que ela era possessa do demônio. 82. Não podendo suportar aquela afronta, a mulher afastou-se com a intenção de se atirar a um rio. 83. Sendo o dia da festa do bem-aventurado Antônio, e tendo

A *Legenda Benignitas*, assim chamada devido à primeira palavra latina do texto, tem provocado grandes polémicas em torno de sua datação e “autoria”. Vergílio Gamboso inclina-se para a hipótese de que teria sido escrita por Frei João Peckham por decisão do Capítulo Geral de Pádua, no Pentecostes de 1276, enquanto Léon de Kerval defende que teria sido escrita no século XIV⁷⁵. Francisco da Gama Caeiro afirma que a *Legenda* data de 1316 e teria sido composta por um frade menor italiano anônimo.⁷⁶

A *Benignitas* celebra ao mesmo tempo o “santo doutor” e o “exímio taumaturgo”. Para tanto, introduz uma série de maravilhas em meio às suas atividades apostólicas. Como afirmamos anteriormente, a *legenda* parece ter como modelo as pregações dos apóstolos, as quais eram confirmadas por milagres:

“28. Eia, pois, ó famoso pregador e notável taumaturgo! Doravante devem aderir com toda confiança aos ensinamentos da tua pregação todos quantos queiram passar deste mundo à felicidade prometida da vida eterna. Pois teus ensinamentos, o próprio Senhor Jesus Cristo, rei dos céus, se dignou a aprová-los e confirmá-los com inumeráveis conversões de hereges, com a reverência dum animal ao sacramento eucarístico, com uma inaudita linguagem percebida em várias línguas, com a prodigiosa ubiqüidade em Montpellier, com a recuperação instantânea dum menino tolhido, com a cura duma menina parálitica e epiléptica, com a nobre dama a quem o lodaçal não sujou, e enfim com a tua voz a ser ouvida a enorme distância.”⁷⁷

de passar em frente da Igreja dos frades, ao dirigir-se apressadamente para o rio em que tencionava afogar-se, pensou entrar na igreja e rezar a Deus para morrer em seguida. 84. Entrando na igreja, adormeceu na oração. O bem-aventurado António apareceu e disse-lhe: ‘Levanta-te, mulher, e guarda esta cédula com cuidado; por ela serás livre dos tormentos do demónio.(...)’ 87. O marido, desconhecedor destes factos, perguntou-lhe como tinha sido liberta dos tormentos do demónio. 88. Ela lhe contou de que maneira. Então o marido, querendo divulgar o milagre, referiu o caso ao rei de Portugal. Este pediu a cédula e o homem entregou-lha. O rei não quis devolvê-la e então o diabo, como era seu costume, voltou a atormentar a mulher. 89. O marido, compadecido da mulher, como não pudesse reaver a cédula, por intermédio dos Frades Menores conseguiu do rei uma cópia da mesma, e esta, do mesmo modo que a cédula original, libertou a mulher dos ataques do demónio.” RIGAULD, Frei João, OFM. *Op. cit.*, pp. 60-61.

⁷⁵ REMA, Frei Henrique Pinto, OFM. “Introdução” (*Legenda Benignitas*). IN: SANTO António de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, volume II, p. 13.

⁷⁶ CAEIRO, Francisco da Gama. *Op. cit.*, p. 144.

⁷⁷ PECKHAM, Frei João. “*Legenda de Santo António intitulada “Benignitas”*”. IN: SANTO António de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, volume II, p. 31.

É importante ressaltar que no Apêndice, dedicado aos milagres que teriam ocorrido após a morte de Antônio, há um capítulo dedicado exclusivamente aos de Portugal. São dois: no dia de sua canonização sinos teriam tocado milagrosamente em Lisboa, e a “ressurreição” de um parente do santo, que mais tarde se tornaria franciscano.

Frei Henrique Rema afirma que tanto a *Rigaldina* quanto a *Benignitas*, devido ao grande número de relatos maravilhosos e de milagres que introduziram na hagiografia do santo, foram utilizadas, entre outras fontes, para a produção de *I Fioretti de Santo Antônio*, coleção de milagres do século XIV de grande importância hagiográfica e devocional⁷⁸. Esta obra é fundamental para a construção do repertório que envolve a memória do taumaturgo nos séculos subsequentes. É importante destacar que a grande maioria das maravilhas citadas por Vieira em seus *Sermões de Santo Antônio*, embora com variações, constam no *I Fioretti*.

Ao propor indicações para uma história do discurso hagiográfico, Certeau afirma que ao longo de seu desenvolvimento ocorre uma diferenciação:

“(...) distingue-se a Vida destinada ao ofício litúrgico (tipo mais oficial e clerical) e a Vida destinada ao povo (tipo mais ligado ao sermonários, aos relatos de jograis, etc.)”⁷⁹

O que nos interessa ressaltar é que os sermões vieirianos irão se alimentar de um repertório produzido em torno da figura do santo que “cultiva o afetivo e o extraordinário” por serem argumentos eficazes junto ao auditório.

⁷⁸ *I Fioretti de Santo Antônio* faz parte da *Crônica dos XXIV Gerais*, coleção que se refere a personalidades e narra acontecimentos da ordem franciscana, escrita no século XIV. Tal obra é atribuída a Frei Arnaldo Serrano, morto pelos anos de 1374, o qual se dedicou a compilar informações que diziam respeito à ordem dos frades menores. O capítulo dedicado a Santo Antônio compreende 66 episódios, dando origem ao *Livro dos Milagres* ou *Fioretti de Santo Antônio*. *I FIORETTI de Santo Antônio: o livro dos milagres*. Tradução para o italiano: Vergilio Gamboso. Tradução Carmelo Surian. Aparecida, Editora Santuário, 1995, pp. 5-6.

⁷⁹ CERTEAU, Michel de. *Op. cit.*, pp. 267-268.

1.3. *Santo Antônio do Flos Sanctorum de frei Rosário e do Agiologio Lusitano*

De acordo com a historiadora Leila Mezan Algranti, no século XVI em Portugal, após o Concílio de Trento, aumentou o número de publicações de caráter devocional, entre as quais “vidas” de santos:

*“Se atentarmos às múltiplas reedições poderemos afirmar que alguns destes livros tiveram uma ampla divulgação nos séculos seguintes, sendo seu grande objetivo a exemplaridade que despertavam, assim como a proposta de uma leitura freqüente.”*⁸⁰

No *Sermão de Santo Inácio*, padre Vieira trata da importância da leitura das “vidas” de santos para transformar o cavaleiro Inácio num santo:

*“Mas vede quanto importa a lição de bons livros. Se o livro fora de cavalarias, sairia Inácio um grande cavaleiro; foi um livro de vidas de santos, saiu um grande santo.”*⁸¹

E mais adiante:

*“O Flos Sanctorum era a flor, Santo Inácio foi o fruto.”*⁸²

⁸⁰ ALGRANTI, Leila Mezan. “A hagiografia e o ideal de santidade feminina: o impacto da leitura de vidas de santos nos conventos do Brasil colonial”. Separata da *Revista de Cabral A Pedro I*. Porto, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2001, p. 166.

Consultando a relação de obras enviadas de Portugal para a América lusitana no período de 1769-1807 e de 1808-1822, feita pela pesquisadora Márcia Abreu, a partir dos pedidos de licença enviados para Real Mesa Censória, localizamos inúmeras solicitações de remessas de autos e vidas de santos, dentre os quais: *Auto (Atos) de Santo Aleixo, Vida de Santo Antonio, Atos de Santa Catharina, Vida de N. Senhora, Vida de S. Francisco de Paula, Acto de Santa Maria Igypciaca, Vida de S. Bartolomeu dos Martires*. Estes pedidos demonstram a ampla circulação destas narrativas exemplares ainda nos séculos XVIII e XIX.

⁸¹ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 418.

⁸² *Idem, ibidem*, p. 448.

A santidade de Inácio nasceu da leitura do *Flos Sanctorum*. Podemos inferir a importância dada pelo jesuíta, bem como pelos demais agentes tridentinos às narrativas hagiográficas para transformar leitores e ouvintes a partir de modelos de heróis cristãos.

Localizamos a obra *Flos Sanctorum das Vidas e Obras Insignes dos Sanctos. Com muitos Sermões & praticas espirituas, que servem para muitas Festas do anno* do dominicano F. Diogo do Rosário, natural de Évora, morto em 1580. Trata-se da terceira edição impressa no ano de 1590. Innocencio menciona várias reedições daquele livro ao longo dos séculos XVI, XVII e uma vez no XVIII, o que aponta sua ampla divulgação e circulação. A primeira edição apresenta outro nome, e é a partir da terceira que passará a ser denominada *Flos Sanctorum*.⁸³ A obra reúne compilações de vidas de santos e outros textos referentes a celebrações do calendário litúrgico católico, dispostos ao longo dos meses do ano, tendo em vista suas datas comemorativas. Por exemplo, no mês de fevereiro, além de relatos sobre a vida de santos celebrados naquele mês, encontramos outros títulos próprios deste período do calendário litúrgico: “Da purificação da gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora”, “Da Sexagésima”, “Sermão do santo tempo da quaresma”, entre outros. Podemos supor que tal obra poderia também ser utilizada por pregadores para a produção de sermões comemorativos das datas litúrgicas.

No mês de junho encontramos a “História da vida do glorioso Santo Antônio de Pádua, da ordem dos Menores, segundo S. Antoni. 3. par. na Chronica de S. Francisco”. É interessante mencionar que há uma representação do santo segurando numa das mãos uma maquete da Igreja. Esta representação é a dos doutores da Igreja, título que será oficializado apenas em 1946.

A narrativa inicia citando o nome da cidade onde nasceu Fernando, nome de batismo de Santo Antônio. A seguir menciona o nome de seus pais, Martim de Bulhões e Tereza Taveira, uma novidade em relação às *legendas* medievais consultadas, que no mais

⁸³ A primeira edição data de 1567 com o seguinte título: *Historia das vidas & feitos heroicos & obras insignes dos sanctos: com muitos sermões & praticas spirituaes, que servem a muitas festas do anno. Revistas & cotejadas cõ seus originaes autenticos, pelo padre frey Diogo do Rosario da ordem de são Domingos, de mandado do muy illustre & Reverendissimo senhor dõ frey Bartholomeu dos Martyres Arcebispo & senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, & c. Impresso em Braga em casa de Antonio de Maris Impressor de sua senhoria Reverendissima. Anno 1567. - Tudo ho que n'este livro se tracta somete ho author aa censura da sancta madre ygreja catholica. Foy vista & examinada & aprovada a presente obra por mandado de sua senhoria Reverendissima. Com privilegio Real. — Este livro foi reimpresso nos seguintes anos 1577, 1590, 1622, 1647, 1681 e 1741. SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. 2ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1926, Tomo II, p. 174.*

das vezes ressaltam que eram de condição nobre e virtuosos.⁸⁴ Refere-se também aos seus estudos na igreja anexa à Sé de Lisboa, onde estudou até os 15 anos, tendo aprendido as primeiras letras, o latim e os princípios da doutrina cristã. O ingresso na ordem de Santo Agostinho é visto pelo hagiógrafo como abandono das vaidades e contentamentos do mundo, quando o santo decide servir a Deus. Tal como as demais *legendas*, esta também afirma que as importunações de amigos e parentes o levaram a mudar de convento, foi para Santa Cruz de Coimbra, onde:

*“aproveitou em tanta perfeição de virtude e religião, que sua mudança se pode imputar a obra do Espírito Santo.”*⁸⁵

Ao tratar do ingresso de Antônio na ordem franciscana, o *Flos Sanctorum* traz outra novidade em relação às *legendas* consultadas, ao afirmar que as relíquias dos cinco mártires franciscanos foram trazidas para o convento de Santa Cruz de Coimbra. O hagiógrafo ressalta em tom bélico que o exemplo de tais franciscanos motivou o cônego regente a alcançar a palma do martírio, desejo apenas possível com a mudança de hábito:

*“Não vio estas obras maravilhosas o santo varão Antonio sem fruto, mas a maneira do elefante com a vista do sangue animado aa peleja, alvoroçado cõ vivo fervor e zelo da fee, determinou de se ir offerecer aaquelle cruel tirão de Marrocos para alcançar também a palma do martírio.”*⁸⁶

⁸⁴ Com exceção da *Legenda Benignitas*, que menciona que seu pai se chamava Martinho e a sua mãe Maria.

⁸⁵ ROSÁRIO, Frei Diogo do. *Flos Sanctorum das Vidas e Obras Insignes dos Sanctos. Com muitos Sermões & praticas espirituas, que servem para muitas Festas do anno*. Vistas & cotejadas com seus originaes authenticos, pelo padre Frey Diogo do Rosayro, da Ordem de Sam Domingo. [For] mandado do Illustriss. & Reverendiss. Senõr dom frey Bartholomeu dos Martires, Arcebispo & Señor de Braga, Primaz, & c. Agora nesta ultima impressam emendado com muita diligencia, & acrescentado de novo algumas vidas de Sanctos, como se vera na Taboada. Com licença do Conselho Geral da Sancta Inquisição, & do Ordinario. A custa de João Despanha, & Miguel Darenas livreiros. Com Privilégio Real. 1590, verso fl. 230.

⁸⁶ *Idem, ibidem, loc. cit.*

Este tom bélico na descrição do “desejo de martírio” que teria impulsionado Antônio a mudar de ordem aparece nas *Legendas Benignitas*, *Vida Segunda* e, sobretudo, na *Rigaldina*, como podemos perceber no trecho a seguir: “4. Em consequência da morte e do triunfo glorioso destes mártires e dos milagres manifestos, devidos à sua intercessão, a fama e o rumor encheram os ouvidos de todos e não chegaram em vão aos de Fernando, que se assemelhava a um esforçado corcel preparado para o dia da peleja ou a um elefante excitado para o combate à vista do sangue. 5. Imediatamente se propõe tomar o hábito dos Frades Menores para poder viver a mesma vida dos santos mártires e, finalmente, conquistar a palma do martírio. 6. Dizia: Mudarei de hábito e assim entrarei na batalha.” RIGAULD, Frei João de, OFM. *Op. cit.*, p. 20.

Quando os frades menores foram pedir esmolas naquele convento, como habitualmente faziam, “descobriram-lhe o pensamento” e ocorreu a mudança de ordem em 1220, após onze anos como cônego regrante.⁸⁷ Para se esconder, Fernando mudou seu nome para Antônio, orago do convento dos menores em Coimbra.

Partiu para África onde adoeceu, pois, de acordo com o *Flos*, Deus o preservara do martírio para ser “capitão e doutor de muitos povos”. No retorno para a Espanha, ventos teriam desviado seu barco para a Sicília. Por esta época, Antônio foi para Assis, juntamente com outros companheiros, para participar do Capítulo Geral da ordem. Ao final da reunião, ressalta o hagiógrafo que, apenas o frade lisboeta, por ser desconhecido e enfermo, não foi requisitado por qualquer provincial. Antônio pediu a Frei Graciano, ministro da Romagna, para que o levasse com ele. Como havia solicitado para ser levado para um lugar solitário, o ministro o enviou para o ermo de Monte Paolo, onde se dedicou a orações, meditações, mortificações e jejuns: um verdadeiro exemplo de observância. Há uma ênfase na humildade de Antônio que, naquele ermo, viveu como “idiota” pois encobriu seus conhecimentos. Portanto, esta narrativa hagiográfica não menciona, como na *Raimondina*, que Antônio no ermo de Monte Paolo rezava missa para os demais frades, já que havia se ordenado padre quando era cônego regrante.

Após a “revelação” de seus dons oratórios em Forlì, o hagiógrafo relata que São Francisco o instituiu pregador⁸⁸. Passa, então, a narrar suas pregações itinerantes destinadas à reforma dos fiéis e a combater os chamados hereges, buscando destacar a eficácia de suas palavras num tom mais próximo do século XVI:

*“Maravilhavam se os letrados e grandes pregadores da sotileza de seu engenho e da copia das suas palavras, e da agudeza de sua lingua, e da discrição que guardava em tudo o que falava”*⁸⁹

Após se referir às pregações itinerantes do santo, o hagiógrafo afirma que ele foi mandado para a França, mais precisamente para a província da Aquitânia, como Custódio de Limoges. Como anteriormente mencionamos, entre as *legendas* medievais é a *Rigaldina*

⁸⁷ Na maior parte das *legendas* medievais consultadas não há referência a datas ao longo da descrição da “vida” do santo. Já no *Flos Sanctorum* ora analisado o recurso à cronologia é mais freqüente.

⁸⁸ Cabe ressaltar que as *legendas* medievais consultadas não mencionam que foi São Francisco que lhe designou o ofício de pregador, mas sim seu ministro.

a responsável por inserir as tradições daquela região nas hagiografias antonianas medievais, embora a *Benignitas* faça, em menor proporção, referências à sua atuação na França:

“Foi santo Antonio mandado a França, [aa] provincia da Aquitania por custodio de Limonges, [peraque] convertesse com suas maravilhosas pregações muitos hereges que naquellas partes avia, e confirmasse os catholicos: [polo] qual ficou memoria e muitos milagres que o snõr por elle naquelas partes obrou. E porque seria largo contar a diversidade das terras por onde este santo andou, e quanta multidão de almas ganhou [aosnõr], direi brevemente alguma coisa.”⁹⁰

A seguir o hagiógrafo se refere a 18 relatos de milagres e outras narrativas maravilhosas envolvendo a figura de Antônio em lugares distintos. Este recorte é diferente, por exemplo, daquele realizado pela *Assidua*, que, recorrendo à mesma justificativa da necessidade de abreviar o relato da missão apostólica do frade menor, afirma optar por fatos que “*mais se impõem e mais provas evidentes das suas virtudes se manifestam*” e, a seguir, passa a descrever as pregações quaresmais em Pádua, no ano de 1231.⁹¹

Com relação às narrativas maravilhosas antonianas relatadas no *Flos Sanctorum*, é importante destacar que a maior parte delas está relacionada com seu ofício de pregador. Como no *Agiológico Lusitano*, obra publicada no século XVII que a seguir iremos trabalhar, o *Flos* menciona duas bilocações do taumaturgo de Pádua para Lisboa para salvar o pai em situações diferentes: uma para livrá-lo da força e outra de problemas com funcionários do rei. Tais “bilocações” também aparecem nos sermões vieirianos como argumento para sua *invenção*.⁹²

Outro episódio, a narrativa da conversão dos ladrões durante uma pregação do frade menor, apresentada pelo *Flos Sanctorum*, aproxima-se da relatada por Vieira em seus sermões. Em ambos os casos, são contabilizados 22 ladrões que, ao ouvirem as palavras de

⁸⁹ ROSÁRIO, Frei Diogo do. *Op. cit.*, verso fl. 231.

⁹⁰ *Idem, ibidem, loc. cit.*

⁹¹ VIDA Primeira de Santo Antônio também denominada *Legenda “Assidua”*. *Op. cit.*, p. 44.

⁹² Cabe ressaltar que Vergílio Gamboso, ao traduzir do latim para o italiano o livro *I Fioretti de Santo Antônio*, insere no apêndice da obra uma narrativa da bilocação de frei Antônio para salvar o pai da força, retirada do texto hagiográfico de Bartolomeu de Pisa; portanto, tal maravilha não constava do *Livro dos Milagres* do século XIV. Contudo, não sabemos quando aquela narrativa começou a circular, pois Gamboso não menciona a data da obra de Bartolomeu de Pisa.

Antônio, se converteram. Já a versão do *Fioretti* é outra: menciona que 12 ladrões teriam ouvido sua prédica; porém, nem todos teriam se convertido.

Uma outra diferença: enquanto o *Flos Sanctorum* cita duas aparições de São Francisco em Arles, a narrativa presente no apêndice do *Livro dos Milagres*, retirada da *Vita Prima di san Francesco* de frei Tomás de Celano, menciona uma única aparição. Por último gostaríamos de ressaltar que, na obra de frei Diogo do Rosário, há o relato de uma tentativa demoníaca de enganar uma mulher para atrapalhar a pregação de Antônio que não consta na coleção de milagres do santo do século XIV. As demais maravilhas narradas são citadas pelo *Fioretti de Santo Antônio*, apesar de existirem variações entre as versões.

Retomando a narrativa, de acordo com o *Flos Sanctorum*, no Capítulo Geral da Ordem em 1230, Antônio foi ordenado pelo Papa pregador e Leitor Geral, uma novidade em relação às outras *legendas*.⁹³ Neste mesmo Capítulo, foi desocupado dos ofícios da ordem para se dedicar à “salvação das almas”. É importante ressaltar que a hagiografia não cita que o taumaturgo foi o primeiro professor de teologia dos frades menores, designado pelo próprio São Francisco, como também não há qualquer referência à composição de obra sermonária.

Diferente das *legendas* medievais, a obra de frei Diogo do Rosário afirma que Santo Antônio apenas teria ido para Pádua após percorrer várias províncias. As descrições das pregações paduanas, no entanto, são parecidas com as relatadas na *Assidua*, *Vida Segunda*, *Raimondina*.

Terminada a quaresma e “chegando-se o tempo de sua morte”, o “prodigioso menor” se retirou para um lugar solitário para se dedicar à contemplação, foi quando se agravou seu estado de saúde. O hagiógrafo menciona que Deus havia lhe revelado que iria morrer cedo; no entanto, não se refere à visão de que Pádua seria engrandecida por guardar suas relíquias, como aparece em muitas *legendas* medievais. Ao piorar seu estado de saúde, frei Antônio pediu para ser levado para Pádua, mas os irmãos acharam melhor levá-lo para o oratório perto da cidade, onde morreu.

Tal qual a *Legenda Benignitas*, o *Flos Sanctorum* também faz a seguinte divisão de sua vida:

⁹³ A *Assidua* menciona que frei Antônio recebeu autorização oficial de pregar.

*“Viveo trinta e seis annos. Quinze em casa do pai e see de Lisboa onde servio e aprendeo latim, os dous seguintes no mosteiro de san Vicente de Fora da mesma cidade onde tomou o habito de conego regrante, e no mosteiro de santa Cruz da cidade de Coimbra nove annos: e na ordem de Sam Francisco viveo pouco mais de dez anos cheo de grande doutrina, virtude e milagres.”*⁹⁴

A hagiografia não menciona as disputas por seu corpo, suas exéquias e milagres realizados em seu túmulo. Como vimos, estas passagens são descritas de forma detalhada na *Assidua*, no entanto têm seu espaço cada vez mais reduzido nas *legendas* medievais posteriores. A seguir, o hagiógrafo remete às seguintes passagens: a canonização do santo por Gregório IX no ano de 1232; a construção de um templo para Antônio em Pádua; a trasladação de seu corpo e o encontro da língua incorrupta em 1263. E finaliza seu relato remetendo à obra *Crônica de São Francisco*, indicada para quem quiser ler mais sobre os milagres do santo.

Percebemos que o *Flos Sanctorum* de frei Diogo do Rosário privilegia na sua descrição o santo pregador e taumaturgo que, à maneira dos apóstolos, tinha suas palavras confirmadas por milagres.

Além deste, outros traços do santo lisboeta são delineados numa hagiografia portuguesa do século XVII.

Trata-se da obra *Agiolégio Lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas*, que se refere, como o próprio título sugere, à vida e aos feitos heróicos de figuras do império lusitano. A obra se divide em quatro volumes, cada qual dedicado a efemérides dos personagens ilustres: o primeiro volume corresponde aos meses de janeiro e fevereiro; o segundo aos de março e abril, o terceiro aos de maio e junho, e o quarto aos de julho e agosto. Os três primeiros tomos são de autoria de Jorge Cardoso (1606-1669), clérigo secular lisboeta, licenciado em teologia pela Universidade de Coimbra, e foram publicados, respectivamente, nos anos de 1652, 1659 e 1666.⁹⁵ O último tomo é de D. Antônio Caetano de Sousa (1674-1759), clérigo regular teatino, também

⁹⁴ ROSÁRIO, Frei Diogo do. *Op. cit.*, frente e verso da fl. 234.

⁹⁵ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, Tomo IV, pp. 163-164.

nascido em Lisboa, que se propôs a continuar o plano da obra de Cardoso, mas apenas publicou este volume em 1744.⁹⁶

Segundo Innocencio, esta seria a principal, senão única, obra de Jorge Cardoso, trabalho vastíssimo, escrito com “*erudição extraordinária*” e “*louvável zelo pelas coisas da pátria*”.⁹⁷

Cabe ressaltar o contexto em que foram publicados os três primeiros volumes da obra, qual seja durante o período de consolidação da Restauração Bragantina.

Devido a uma crise de sucessão dinástica, causada pela morte de D. Sebastião no norte da África, o reino português perdeu sua autonomia e foi governado pelo rei de Espanha entre os anos de 1580 e 1640. Após 60 anos de domínio filipino, Portugal recuperou sua autonomia, num movimento conhecido como Restauração Bragantina, pois a coroa foi entregue para a casa de Bragança, assumindo o governo D. João IV. Contudo, a Espanha não aceitou perder o reino português; desta forma, tem início uma guerra entre as duas nações ibéricas que perduraria até 1668, quando viria a ser assinado um tratado de paz. Em meio às lutas para conservar a autonomia portuguesa, são publicados os três volumes de Jorge Cardoso com vistas a celebrar a memória dos santos e varões portugueses e, por conseguinte, enaltecer a própria pátria.

O trecho a seguir, extraído de uma das licenças para publicar o terceiro volume da obra, mais precisamente da aprovação do Dr. D. Próspero dos Martyres de 10 de setembro de 1664, bem demonstra a ênfase em se produzir tal coleção visando ao “crédito do reino”, para utilizar uma expressão de Jorge Cardoso:

“(...) prosegue as acções, & vidas de varões Portuguezes, illustres em virtude, & sanctidade: tantos em numero, que empobrece os guarismos, i enriquece o Reino, cõ tanta gloria delle, como enveja dos estranhos, que não tendo noticias destas memorias, i elogios, imaginavão os Estrangeiros, que era falta de Sanctos em Portugal, a sobeja modestia dos naturaes; sendo tantos, que com esta terceira parte delles, presume o encarecimento, que se póde encher a terceira parte dos spiritus, que do Ceo com Lucifer se despenhãrão (...) O assumpto he tam proveitoso para ella [alma], que qualquer acção que toque, he clarim da devoção, & não há duvida, que movem mais os exemplos

⁹⁶ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. 2ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924, Tomo I, pp. 101-103.

⁹⁷ *Idem, ibidem*, Tomo IV, p. 163.

dos proprios, que as relaçãoes dos alheios. (...) V. Magestade deve obrigar com favores ao Autor, para que apresse o gyro do meio anno, que falta, q he tanto do bem commum. (...)”⁹⁸

Por outro lado, podemos perceber no trecho acima que se tratava de uma obra edificante, cujas narrativas exemplares visavam a reformar a conduta dos seus leitores a partir de preceitos cristãos. Contudo, os interlocutores privilegiados são os próprios portugueses, pois a obra é endereçada particularmente para eles, como enfatiza o hagiógrafo:

“(...) para que se ateie nos coraçoes dos Portuguezes (como em materia disposta) hum ardente desejo de exacta reformation de costumes, abominação de vicios, & aborecimento de peccados, dirigindo sempre todos nossos disgnios, & acertos a maior gloria de Deus, & honra dos Sanctos de Portugal, & suas Conquistas.”⁹⁹

Ou ainda:

“Pois não escrevemos estes Agiologios para que publicamente se leão na Igreja, mas para que sua devota lição resulte algum fructo spiritual aos Leitores; principalmente aos naturaes deste religioso Reino de Portugal.”¹⁰⁰

⁹⁸ CARDOSO, Jorge. *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas. Consagrado aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio, insignes patronos desta inclyta cidade Lisboa, e a seu illustre Cabido Sede Vacante, composto pelo licenciado George Cardoso natural da mesma cidade. Tomo III. Que comprehende os dous meses de Maio, & Junho, com seus commentarios*. Lisboa: na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza, anno 1666, “Licenças”, s.n.

Num dos textos introdutórios do terceiro volume, intitulado *A quem ler*, há a seguinte afirmação quanto à função da obra: “*Obra he esta (segundo dizem) util, & necessaria ao Reino, pois por falta de Ecclesiasticos Historiographos, tem por si as naçoens estranhas, que he esteril de Sanctos, sendo elles tantos, que excedem o numero de estrellas, & areas do mar, vendose neste, como nos mais tomos, a fortaleza dos Martyres, a vigilancia dos Pontifices, a mortificação dos Confessores, a observancia dos Abbades, o retiro dos Anacoretas, a pureza das Virgens, & a continencia das Matronas, exemplos vivos a nosso descuido, para maior confusão, ou castigo.*” Ao final, o autor se refere a uma carta (a qual é transcrita no texto), datada de 5 ago. 1556, enviada por D. João III ao Bispo Pinheiro para este providenciasse “*summarios autenticos das vidas dos nosso Sanctos*” e os enviasse para o padre Lourenço Surio, na Alemanha, que compunha uma obra sobre “*Vidas dos Santos*”. O rei havia recebido uma informação de que faltava o volume sobre os estrangeiros, daí a importância de enviar os sumários sobre a vida dos santos portugueses, evitando, assim, que os lusitanos fossem esquecidos. Ao final, conclui: “*Esta carta se acha na Torre do Tombo, a qual nos pareceo copiar aqui, para ~q se veja a grande piedade, & zelo, que tinham os nossos antigos Reis da Igreja Lusitana*”. *Idem, ibidem, A quem ler*, s.n.

⁹⁹ *Idem, ibidem*, “Aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio, inclytos patronos da cidade de Lisboa, e a seu illustre Cabido Sede Vacante”, s.n.

¹⁰⁰ *Idem, ibidem*, “Protestação do autor”, s.n..

O que nos remete para as considerações anteriormente feitas com relação aos decretos do Concílio Tridentino acerca dos santos, os quais deveriam ser modelos cujas vidas e feitos inspirariam seus devotos e cuja intercessão e valimento foram reafirmados diante dos ataques dos protestantes, objetivando a propagação de seu culto. E Portugal, como reino católico e “filho obedientíssimo” de Roma, para usar uma expressão de Vieira, deveria honrar e louvar seus “illustres filhos”.¹⁰¹

Num artigo sobre a arte portuguesa do século XVII, Joel Serrão ressalta que, nos últimos anos da dominação filipina, a produção artística assume um novo sentido de militância política, o que se renova com a Restauração Bragantina de 1640 e se estende ao longo da segunda metade de seiscentos.¹⁰² Segundo o autor, neste período, retórica e imagem se aliaram no combate contra Espanha e na construção da legitimidade do Portugal Restaurado, ambas souberam articular o discurso tridentino e a militância de valores pátrios.¹⁰³ Neste contexto, há uma renovação do culto aos santos portugueses expressa, sobretudo, através da multiplicação de sua representação:

“(...) neste âmbito se enumeram os cultos de Santo Antônio de Lisboa, de São Teotônio, de São Geraldo, de São Gonçalo do Amarante, de Santa Teresinha de Basto, de São Dâmaso, e de tantos outros, que surgem representados em pinturas ou imagens na Capela Real do

¹⁰¹ Podemos notar uma preocupação do autor em afirmar que tudo que escreve está dentro dos parâmetros da ortodoxia romana: “(...) não pretendemos (por estes nossos elogios) attribuir a alguém culto, nem introduzir veneração, fama, & opinião de sanctidade, ou de martyrio, nem tam pouco acrescentala, nem juntar cousa alg-ua a sua estimação, nem abrir caminho a futura Beatificação, Canonização, ou comprovação de Milagres: mas que todas estas cousas as deixamos no proprio estado, que ellas tem de presente, sem este nosso trabalho; o qual protestamos com todo affecto, como deve, quem pretende proceder, como obediente filho da Igreja Catholica; & que seus escritos sejam por ella admittidos, para maior gloria de Deos, & não menor utilidade dos fieis.” Podemos perceber também como o hagiógrafo procura autorizar suas fontes: “He conveniente saberse, que quasi todas as narrações que se contêm nesta obra, andão já impressas em approvados, & graves Autores, dos quaes Nós as referimos com os mesmos titulos, que nelles andão, & as modificamos em muitos, a que elles dão titulos de Sanctos, ou Beatos. E as principaes cousas, que acrescentamos de Relações m.s. são tiradas das memorias, & autenticos instrumentos das sagradas Religio-es. E se alg-uas outras ajuntamos (que pela maior parte são menos raras) as recebemos de pessoas de autoridade, & dignas de fê.” CARDOSO, Jorge. *Op. cit.*, “Protestação do autor”, s.n.

¹⁰² Em estudo anterior, Hernani Cidade já havia destacado a existência de uma produção literária com propósito separatista durante a dominação filipina e, em meio à Restauração Bragantina. CIDADE, Hernani. *A literatura autonomista sob os filipes*. Lisboa, Livraria Sá da Costa — Editora, [19_?].

¹⁰³ Como afirma João Hansen: “Principalmente depois da Restauração, a partir de 1640, a oratória sacra dos jesuitas portugueses, afirmou esta íntima fusão dos poderes [temporal e espiritual], visando a “conservação” e “aumento” da monarquia como aperfeiçoamento da “política católica” do Estado absoluto aliado do papa.” HANSEN, João Adolfo. “Sermões”. IN: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil. Um Banquete no Trópico*. 2ª ed. São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 1999, p. 29.

Paço da Ribeira e em muitos outros lugares de culto em edifícios entretanto sujeitos a renovação.”¹⁰⁴

Pautando-se nas idéias de Reynaldo Santos, Carlos Xavier C. Brunetto também ressalta esta multiplicação de representações de santos portugueses no século XVII, em particular de Santo Antônio. Assim como Joel Serrão, tais autores interpretam aquela multiplicação como afirmação da pátria no contexto histórico referido.¹⁰⁵

João Francisco Marques também aborda a intensificação do culto a Santo Antônio durante a dominação filipina e a Restauração Bragantina através da análise de sermões por ele designados de “restauracionistas”, por terem como tema a conquista e preservação da autonomia do reino português frente à Espanha. Como é próprio deste gênero de discurso, estes sermões procuravam ressaltar como a independência lusitana teria sido conquistada graças à ajuda celestial. Nossa Senhora, São Francisco Xavier, São José, Santo Antônio, o Anjo Custódio de Portugal, entre outros, são vistos como protetores dos lusitanos na contenda contra Castela:

“O Concílio de Trento, reafirmando que Cristo é o único salvador e o redentor dos homens permite e incentiva recorrer a tal valimento, pois declara ser bom e útil invocá-los para se obter de Deus as graças imploradas. (...) A situação política e os eventos ocorrentes proporcionavam, de resto, as referências que lhes são feitas por todo o sermonário da Restauração. Com mais desenvolvimento em certas ocasiões panegíricas a São José, no aniversário natalício de D. João IV, e Anjo Custódio de Portugal, os padroeiros da nação, os santos portugueses e os que, por razões históricas ou pias tradições, se encontravam ligados ao Reino e seu império, aparecem compreensivelmente numa presença e cadências significativas.”¹⁰⁶

¹⁰⁴ SERRÃO, Joel. “A parenética e a linguagem da pintura”. IN: MENDES, Margarida Vieira, PIRES, Maria Lucília e MIRANDA, J. Costa (organizadores). *Vieira Escritor*. Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. 141.

¹⁰⁵ BRUNETTO, Carlos Javier Castro. “A iconografia portuguesa de Santo Antônio e sua difusão no Brasil”. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E TESTEMUNHO. 8º Centenário do Nascimento de Santo Antônio. Actas. Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1996, Volume II, p. 1188.

¹⁰⁶ MARQUES, João Francisco. “A tutela do sagrado: a proteção sobrenatural dos santos padroeiros no período da Restauração”. IN: BETHENCOURT, Francisco e CURTO, Diogo Ramada (organização). *A memória da nação*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1991, p. 276.

João F. Marques afirma que dos “sermões restauracionistas” emergem como protetores do reino português a Imaculada Conceição, o Custódio de Portugal, São Francisco Xavier, São José, Santo Antônio, São Tomé, D. Nuno Álvares Pereira e Aljubarrota, D. Afonso Henriques, e a Rainha Santa Isabel. Sobre este tema ver também a seguinte obra do mesmo autor: *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668. A Revolta e a mentalidade*. Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989, Volume 1, pp. 97-178.

De acordo com Marques, os oradores recorriam a Santo Antônio sobretudo por ele ser natural do reino e deparador do perdido, para que este restituísse aos portugueses sua autonomia. O desprendimento do braço da imagem de Cristo em direção à porta da igreja do taumaturgo, no dia 1 de dezembro de 1640, foi visto como sinal definitivo da tutela do franciscano sob o movimento restauracionista, do qual foi considerado patrono.¹⁰⁷

Cabe mencionar aqui a simbólica carreira militar de Santo Antônio no século XVII, em Portugal, ao qual foram atribuídas patentes e soldo.¹⁰⁸ Maria Alegria F. Marques destaca que o taumaturgo foi incorporado ao exército português em 1623, por Felipe III; mais tarde, durante as guerras de restauração, por ordem de D. Afonso VI, assentou praça no Regimento de Lagos e foi promovido a capitão por D. Pedro II, em 1668.¹⁰⁹ Esta militarização, contudo, não se restringiu ao reino lusitano: na América portuguesa assim como em outras partes o taumaturgo também galgou postos militares.

Mas voltemos para o *Agiológio Lusitano* para investigar como o taumaturgo é representado nesta obra seiscentista.

O terceiro volume da obra foi dedicado a Santo Antônio e a São Vicente, patronos de Lisboa. Em relação ao frade menor, quatro datas são abordadas neste volume: 30 de maio, dia de sua canonização, e 12, 13 e 20 de junho, respectivamente dia de sua vigília, festa e oitava.

¹⁰⁷ HERMANN, Jacqueline. *Op. cit.*, p. 276.

¹⁰⁸ São inúmeros os estudos sobre o tema, dentre os quais podemos destacar: AGUIAR, José Pinto de. *Santo Antônio de Lisboa Oficial do Exército e Herói Nacional*. Lisboa, [s.n.], 1952. BRANCO, Manuel Bernardes. *O Padre Santo Antônio de Lisboa, Taumaturgo e Oficial do Exército Português*. Lisboa, Tavares Cardoso, 1887. LIMA, Henrique de Campos Ferreira. "Santo Antônio Militar". IN: *Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Lisboa, 1939, volume 9, pp. 233-251. MATOS, Gastão de Melo de. "Notas sobre Santo Antônio Militar". *Ibidem*, Lisboa, 1940, volume 10, pp. 149-158.

¹⁰⁹ MARQUES, Maria Alegria Fernandes. "O culto de Santo Antônio na diocese de Coimbra. Subsídios para a sua história." IN: CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E TESTEMUNHO. 8º Centenário do Nascimento de Santo Antônio. Actas. Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1996, Volume II, p. 1142. Ao investigar o culto ao santo na diocese de Coimbra, a autora destaca que foi no seiscentos que a devoção ao taumaturgo mais se espalhou na localidade, tendo em vista o número de capelas que lhe foram dedicadas naquele período. E ainda menciona que Santo Antônio foi elevado à categoria de padroeiro da Sé da diocese de Coimbra ao lado de Nossa Senhora, sua padroeira tradicional, quando assumiu a cadeira episcopal o franciscano D. Fr. Álvaro de S. Boaventura (1672-1683).

Com relação às narrativas hagiográficas anteriormente analisadas, podemos destacar uma primeira diferença: Jorge Cardoso celebra o português, dando grande ênfase ao fato de o taumaturgo ter nascido em Lisboa, sendo, portanto, natural do reino.¹¹⁰

Ao tratar da vigília do santo, Cardoso afirma ser ele o “principal filho” de Lisboa, e a seguir menciona a sua missão apostólica:

*“... que professou nas inclytas Religiões Canonica, & Seraphica, com avantajada gloria de ambas, & prègou pela redõdeza do Orbe, com tanto fructo das almas: resplandecendo, assi em vida, como depois da morte, com raras maravilhas, & portentos incredívies, que por serem de cada hora, tem perdido totalmente o espanto, & admiração.”*¹¹¹

No *Comentário ao XII de junho*, o hagiógrafo compara esta militância com as conquistas portuguesas. Como veremos no próximo capítulo, este paralelo é amplamente desenvolvido por Vieira no *Sermão de Santo Antônio* de 1670:

*“Grande nome, & fama adquirio a populosa Cidade de Lisboa, pelo muito que obrarão as victorias, & invenciveis armas de seus temidos filhos no Universo, mas à vista das insignes virtudes, & façanhas spirituaes de Antonio, não ficão avultando nada. Porque se o valor, & brio Lusitano estendeo seu domnio, atè os ultimos fins da terra, o de Antonio foi tal, que dominou o mundo, & seus quatro Elementos, exercitando plenaria jurisdição em todos elles com grande imperio, segundo consta dos Annaes Ecclesiasticos, & Chronicas Seraphicas.”*¹¹²

A missão salvífica do santo é novamente afirmada pelo hagiógrafo ao tratar das possíveis motivações que lhe teriam propiciado a prerrogativa de deparar o perdido. Mais uma vez aqui identificamos um argumento amplamente utilizado por Vieira no *Sermão de Santo Antônio* de 1657, no qual propõe que o taumaturgo é deparador das almas perdidas em dois vícios capitais: a cobiça e a sensualidade:

“Em Portugal he S. Antonio [avogado] das cousas perdidas, como S. Rosendo em Galiza, de que ignoramos a causa, quiça sera por aver adquirido, & ganhado para o Céu

¹¹⁰ Cabe mencionar que, nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, do século XVIII, dia 13 é considerado dia santo pois Antônio é natural do reino.

¹¹¹ CARDOSO, Jorge. *Op. cit.*, p. 644.

quantidade de almas perdidas, ou por ter perdido o seu Breviário, como querem as nossas velhas, o qual dizem achou no fim do 13. dias, & por isso recorrem outros tantos a suas casas antes da festa como também às quarta-feiras pelo [discurso] do anno, em que publicação livrou seu pai do patibulo.”¹¹³

Emerge do trecho acima o santo deparador do perdido, prerrogativa muito apreciada no seiscentos português e que se propagou para as conquistas lusitanas. Num interessante artigo sobre as constantes solicitações dos colonos da América portuguesa para que o taumaturgo recuperasse escravos fugitivos, Luiz Mott cita um “Responso das coisas perdidas” recolhido no processo inquisitorial de Ana Martins, acusada de feitiçaria, em 1694:

*“Milagroso Santo Antônio, pelo cordão que cingiste,
Pelo breviário que rezaste, pela cruz que levaste ...
Vos peço Santo Antônio, façais aparecer
(o que furtou, perdeu ou fugiu...)”*¹¹⁴

Por outro lado, a citação de Jorge Cardoso também nos remete a práticas devocionais, isto é, à frequência dos devotos às igrejas do taumaturgo antes de sua festa e às quartas-feiras para pedir pela intercessão daquele que se notabilizara como “o Santo, por antonomásia”.¹¹⁵

Ao abordar os milagres do taumaturgo, no *Comentário ao XIII de junho*, Jorge Cardoso menciona, em primeiro lugar, “a pregação aos peixes”, “a mula que adorou a eucaristia”, “as duas bilocações do santo de Pádua para Lisboa para salvar seu pai”. Parecem ser estas narrativas maravilhosas as mais célebres do taumaturgo, como o próprio hagiógrafo afirma, pois elas são citadas, embora com modificações, em *legendas* medievais, no *Fioretti de Santo Antônio*, no *Flos Sanctorum* de Diogo do Rosário, como também nos *Sermões de Santo Antônio* do padre Vieira.

Dos cinco outros milagres e narrativas maravilhosas narrados nesta parte do texto, três se referem à recuperação de objetos graças à intercessão do taumaturgo, o que mais

¹¹² CARDOSO, Jorge. *Op. cit.*, p. 655.

¹¹³ *Idem, ibidem*, p. 680.

¹¹⁴ *Apud* MOTT, Luís. *Op. cit.*, p. 127.

uma vez reforça como tal “virtude milagrosa” era preponderante na devoção antoniana do seiscentos português. O hagiógrafo se refere a pinturas, tradições, textos hagiográficos, adaptações teatrais da vida do santo e ex-votos como fonte e prova dos milagres, que passaremos a resumir: num convento na Catalunha, uma imagem do santo, mergulhada num poço de cabeça para baixo, recuperou um molho de chaves que lá havia caído; uma mulher foi castigada porque trabalhou no dia de Santo Antônio; através da intercessão do santo o anel de um devoto foi recuperado; como também graças à sua mediação uma bolsa cheia de dinheiro de um mercador, que caíra num rio, foi encontrada após o “infeliz” ter pedido aos franciscanos que rezassem o responsório.

Ao tratar dos milagres e da iconografia do santo, no *Comentário ao XIII de Junho*, Jorge Cardoso atribui às imagens do taumaturgo um papel efetivo na concretização do milagre, como podemos perceber no “caso” da escultura de Santo Antônio, que, mergulhada no poço de cabeça para baixo, recuperou o molho de chaves, ou, ainda, no trecho abaixo, no qual se afirma que a imagem de santo d’entre Vinhas vai “pessoalmente” acudir aos que invocam sua intercessão:

“Depois desta Imagem, a de S. Antonio d’entre Vinhas, á vista de [Dunhete], o Tejo de por meio, que he de grandes milagres, está assentada, as mãos descansão sobre os joelhos, & os olhos elevados no Ceo, a qual em tempo de necessidades, falta do altar, sendo de pederneira, & vai acudir aos que o invocão intercessor, & torna muitas vezes orvalhado, ou empoado do caminho, como he publico, & notorio”¹¹⁶

A citação acaba nos remetendo à relação dos devotos com seus santos. Particularmente, no que diz respeito ao culto de Santo Antônio, há estudos que indicam,

¹¹⁵ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 213.

¹¹⁶ CARDOSO, Jorge. *Op. cit.*, p. 680.

Além das duas imagens do santo citadas, Jorge Cardoso se refere a outras formas de representação: Santo Antônio com o coração nas mãos lançando chamas: “*Em alg-uas partes o vemos com o coração nas mãos, lançando chamas pelo abrazado zelo que teve da salvação das almas, ou pela viva [lavareda] que saio delle para queimar a hum atrevido herege, que picava com mao animo h-ua pintura sua.*” E ainda com um peixe sobre o livro; com a custódia nas mãos; com a cruz e o ramo de açucenas em uma das mãos e na outra o Menino Jesus sobre o breviário: “*Em outras com hum peixe sobre o livro, alludindo ao celebre milagre do mar Adriatico, ou com as Custodia nas mãos, por aver sido acerrimo defensor do [vivifico] Sacramento. E tambem milagroso caso da mulla. I em muitas com as mãos ambas occupadas, numa a Cruz, & ramo de açucenas, em final de sua incorrupta pureza, & das maravilhas raras, que obrou em virtude deste sacrosancto Lenho, & noutra o Menino Jesu sobre o Breviario, o qual muitas vezes se vinha regalar entre seus braços (...)*” *Idem, ibidem, loc.cit.*

tanto em Portugal quanto na América portuguesa, a prática de atar sua imagem e deixá-la de cabeça para baixo, ou ainda de retirar o Jesus menino de seus braços até o voto ser realizado.

Ainda ao mencionar as representações de Santo Antônio, Jorge Cardoso aborda outro elemento interessante do seu culto no seiscentos português, isto é, uma predisposição do taumaturgo para interceder por seus naturais:

*“Com variedade se costumam pintar as Imag-es de S. Antonio, conforme as maravilhas que tem obrado. A mais antiga deste Reino que sabemos he a do Convento de Sanctarem, onde està com as mãos postas, & olhos no Ceo, intercedendo por seus naturaes, & devotos, (...).”*¹¹⁷

Com relação às festas celebradas em honra ao santo, Jorge Cardoso menciona as seguintes: vigília, oitava e festa de guarda celebradas em Lisboa, em muitos bispados do reino e na ordem franciscana:

*“Celebra a Igreja a S. Antonio com officio Semiduplex, & a de Lisboa Duplex de 2. Classe, com vigilia, octava, dia de Guarda, & procissão pela manhã, & à tarde, tudo com aprovação da See Apostolica. I em muitos Bispados deste Reino se festeja do mesmo modo; & outro si na Religião Seraphica, por aver sido officio morgado della. Não fallamos da cidade de Padua (cofre de suas Reliquias) onde se fazem todos annos extraordinarias festas, como a seu Patrono, & defensor, assi em toda Italia he chamado o Sancto por antonomasia.”*¹¹⁸

Em relação às comemorações paduanas em homenagem ao santo, destaca a festa de guarda mas, sobretudo, a celebração da oitava do santo, devido à tradição de que no dia 20 de junho de 1256 a cidade teria sido libertada da tirania de Ezzelino da Romano por intercessão do frade menor. A seguir, narra a “maravilha” buscando lembrar que a proteção da cidade italiana foi operada pelo português Santo Antônio:

“Desta voz que saio do sagrado tumulo, testemunharão muitos religiosos, que seguirão os passos do seu devoto prelado, orando na Igreja. Por este celestial favor, que o nosso

¹¹⁷ CARDOSO, Jorge. *Op. cit.*, p. 679.

Thaumaturgo Portuguez conseguiu do Omnipotente naquelle memoravel dia, a Republica Paduana se achou tam obrigada, que mandou perpetuar este milagroso sucesso todos annos, fazendo sempre as mesmas festas, & regozijos, que no mesmo dia, acclamado Patrono, & Tutelar, consagrandolhe o altar mór de sua Cathedral, onde collocou suas preciosas Reliquias, para serem veneradas dos fieis com religioso culto, devido a tantos merecimentos, & prerrogativas."¹¹⁹

Para celebrar a festa do santo, dia 13 de junho, Jorge Cardoso apresenta sua própria versão da vida do taumaturgo, da qual gostaríamos de salientar alguns aspectos.

O hagiógrafo inicia a narrativa afirmando que o santo aprendera as primeiras letras e documentos sagrados na Igreja Maior de Lisboa, cujo orago é Nossa Senhora, com quem o taumaturgo travava conversas. Aos 15 anos, *"tocado de celestial impulso trocou o delicioso e paternal regalo pelo desabrido e pela obediência da Religião"*, ingressando no mosteiro de São Vicente de Fora. O hagiógrafo procura enfatizar que Antônio professou *"com grande consolação sua e edificação dos religiosos"* e apresenta suas virtudes: modéstia, afabilidade, humildade, fervente oração e inflamado espírito de Deus. Como as demais *legendas* consultadas, afirma que lá permaneceu por dois anos; no entanto, inoportunas visitas de parentes e amigos motivaram sua mudança para o convento de Santa Cruz em Coimbra, *"rompendo com os laços e caricias maternais"*.

Ao descrever sua permanência no convento de Santa Cruz, o hagiógrafo destaca sua vida contemplativa e a dedicação aos estudos, tudo feito para ser útil a Deus e para proveito do próximo. Durante nove anos, o santo permaneceu naquele convento, onde progrediu em ciência e virtudes, recebendo de Deus favores e ilustrações. Como na passagem anterior sobre os colóquios com Maria, podemos perceber a ênfase em apontar o contato de Antônio com o divino, isto é, em realçar sua faceta mística. Também na permanência em Coimbra, Cardoso afirma o carisma do cônego regente junto aos irmãos.

Como em todas as *legendas* consultadas, a mudança de ordem religiosa é descrita como decorrência de um "desejo de martírio" tendo em vista o exemplo de cinco franciscanos mortos no Marrocos ao pregar para os "infiéis". Diferentemente do *Flos Sanctorum* de Diogo do Rosário e de algumas *legendas* medievais, esta hagiografia não recorre a um tom bélico para descrever o ingresso na ordem dos menores. Outra diferença

¹¹⁸ CARDOSO, Jorge. *Op. cit.*, p. 680.

diz respeito à mudança de nome: de acordo com a versão de Jorge Cardoso, o santo teria mudado seu nome para Antônio pois:

“ocultava melhor a fama que corria de sua virtude, e pessoa em toda parte”¹²⁰

Tendo em vista as *legendas* consultadas, esta é a primeira narrativa a destacar tal aspecto. Podemos perceber como Jorge Cardoso procura afirmar que, já em Portugal, Antônio era pessoa muito virtuosa e famosa. Também no *Comentário ao XIII de junho*, o hagiógrafo se refere novamente a alguns dados biográficos do santo priorizando a fase em que permaneceu no reino lusitano:

“Até aqui temos dado cõ brevidade relação dos paes, & irmãos de S. Antonio, serà bem que agora com a mesma apuremos alguns pontos essenciais de sua vida ressuscitando as limitadas memórias, que nos deixou, quando se auzentou da Patria, não por ingrata, mas por indigna do precioso thesouro de seu corpo sagrado.”¹²¹

Portanto, podemos notar a preocupação de Cardoso em realçar o período em que o santo viveu em Portugal: diferentemente das demais *legendas* analisadas, o *Agiológico* busca enfatizar que o santo é português.

Após mencionar a tentativa frustrada de martírio de frei Antônio na África, o hagiógrafo introduz um elemento que não localizamos nas outras narrativas hagiográficas, isto é, Jorge Cardoso descreve sua permanência na Sicília, no “Convento Taurominiense”, onde o frade menor teria se dedicado à penitência, mortificações e aos ofícios simples da cozinha e cultivo da horta. Para ressaltar o poder taumatúrgico do santo, afirma que árvores, plantadas pelo frade menor naquele convento, possuíam propriedades medicamentosas.

¹¹⁹ CARDOSO, Jorge. *Op. cit.*, p. 751.

¹²⁰ *Idem, ibidem*, p. 660.

¹²¹ *Idem, ibidem*, p. 677.

Após mencionar inúmeras informações sobre a família de Antônio, novamente Jorge Cardoso se refere a seu ingresso na ordem dos cônegos regantes. Contudo, diferente da menção anterior, o hagiógrafo data tal acontecimento: foi no ano de 1210. Também se refere à mudança de ordem religiosa em 1221, quando Antônio se instalou no Convento de Santo Antão dos Olivais, destacando que sua cela ainda se encontrava preservada. A seguir, menciona a morte do santo em 13 de junho de 1231, aos 36 anos de idade. É importante ressaltar que, no *Comentário ao XIII de Junho*, Jorge Cardoso cita a data de nascimento de Antônio: 15 de agosto de 1195. Segundo Frei Rema, foi justamente no século XVII que tal data foi fixada, mais precisamente, o dia e o mês.

O *Agiológio* também menciona a vida eremítica de frei Antônio no ermo de Monte Paolo, para onde foi levado pelo Ministro Geral da Romagna depois do Capítulo de Assis de 1221. A novidade neste trecho diz respeito às tentações demoníacas sofridas por frei Antônio. É importante lembrar que a *Legenda Benignitas* também narra estes “assaltos”, mas não precisa o local, apenas menciona que ocorriam na sua cela durante sua vida eremítica.

A seguir, a hagiografia menciona a “revelação” dos dons oratórios do santo na cerimônia de ordenação de frades mendicantes em Forlì. De acordo com o hagiógrafo, nesta celebração Antônio também se ordenou sacerdote e sua primeira missa teria sido na Igreja da Anunciação em Bolonha. É importante destacar que Jorge Cardoso contesta a informação de que frei Antônio já era padre ao entrar na ordem franciscana, chegando a postulá-la como um dos erros presentes nas obras sobre a vida do santo. Como vimos, foi a *Legenda Raimondina* a responsável por introduzir tal informação, sendo ela confirmada pelos estudiosos contemporâneos da vida do taumaturgo.

Jorge Cardoso também apresenta versão diversa das *legendas* consultadas sobre os destinos de Antônio após a “revelação” de seus dons oratórios. Enquanto as últimas se referem às pregações e magistério, Cardoso afirma que a notícia da excelência oratória do frade fez com que São Francisco o enviasse para Vercelli para se aperfeiçoar nos estudos das Sagradas Letras com Tomás Galo, que é designado como mestre de Antônio. Dois anos depois, o fundador da ordem lhe deu a patente de Pregador e Leitor de Teologia.

Ao descrever as pregações de Antônio, além de mencionar a eficácia de sua palavra junto ao auditório, o autor afirma que sua apostólica doutrina era confirmada por milagres, tal qual menções do *Flos Sanctorum* de Diogo do Rosário e das *Legendas Rigaldina* e *Benignitas*:

“(…) assi não era menos effectiva sua Apostolica doutrina, acreditada do Ceo com portentosos milagres para tirar peccados, que a aspereza de sua rigorosa vida, & familiar tratto com Deos, esmaltada de perpetua penitencia, i extasis soberanos. Era tanto o côcurso que acodia a seus Sermões, que os officiaes deixavão o trabalho, & fechavão as logeas pelos ouvir, despovoandose tal vez lugares inteiros para este fim, cõstando o auditorio de mais de trinta mil pessoas, as quaes sendo muitas de nações, & lingoas diversas, entendião todas a de Antonio, prerrogativa, & dom singular, concedido aos sagrados Apostolos, depois de confirmados em graça. Ardentissimo era o zelo com que procurava a saude das

almas, reduzindo tantos a bom viver, que não pòdem numerarse, nem dizerse com palavras”¹²²

Ao afirmar os dons proféticos do taumaturgo, o hagiógrafo mais uma vez ressalta a militância do santo, que teria alcançado vitórias contra os vícios através da sua missão apostólica:

“Sobre todas estas graças, & dões sobrenaturaes, teve o de profecia cõ tanta singularidade, ‘q não só conhecia o futuro, mas o ‘q se passava em distâtes regio-es, & assi serão necessarios muitos volumes para referir seus vaticinios, & victorias, ‘q alcãçou dos vicios, cõfessando, & prègãdo, como que andava sempre cõtra elles em cãpanha.”¹²³

A seguir, Jorge Cardoso se refere ao título de “Martelo dos Hereges”, atribuído ao taumaturgo devido ao grande número de “hereges” que teria convertido à doutrina católica com suas pregações, disputas e milagres:

“A constancia cõ ‘q seu Apostolico peito fazia viva guerra aos depravados costumes daquelle tempo, com esta mesma se opunha aos hereges, & a seus perniciosos dogmas, impugnadoos acerrimamente a toda hora, & por isso alcançou o Antonomastico nome de Martello de hereges. Vencendo milhares em publicas disputas, reduzindoos de lobos infernaes, a cordeiros celestiaes, trazendo em resolução à Igreja Catholica mais gente com sua orthodoxa doctrina, & fruttifera prègação, que muitos Principes Christãos com suas poderosas armas, i exercitos victoriosos.”¹²⁴

Além do título acima referido, Jorge Cardoso atribui ao frade menor outros tais como: “Restaurador da Ordem” e “Segundo Fundador”, ao declinar o primitivo rigor da regra franciscana, numa alusão à provável participação de frei Antônio na comissão formada em 1230 para consultar o Papa sobre o valor do *Testamento de São Francisco* e sobre a interpretação da *Regra* franciscana.¹²⁵ Ou ainda, afirma ser o frade menor inventor

¹²² CARDOSO, Jorge. *Op. cit.*, p. 662.

¹²³ *Idem, ibidem*, p. 662.

¹²⁴ *Idem, ibidem*, pp. 662-663.

¹²⁵ Esta consulta resultou no documento “*Quo eloganti*”, datado de 28 de setembro de 1230: “*Nele, fundamentalmente, se deu a solução a dois problemas que eram motivo de preocupação para a maioria dos frades do Capítulo. O primeiro diz respeito a não obrigatoriedade do Testamento, como norma, permanecendo, sim, como marco de um valor espiritual muito grande. O segundo ponto referia-se ao*

dos “Disciplinantes”, grupos de pessoas que percorriam as ruas das cidades em procissão, entoando cânticos religiosos e praticando a autoflagelação.¹²⁶ Esta atribuição aparece na *Legenda Benignitas*; no entanto, na hagiografia medieval tal prática teria como local a cidade de Pádua, enquanto Jorge Cardoso não precisa onde era realizada.

Antes de mencionar sua ida para a cidade italiana, Jorge Cardoso descreve um período de solidão de Antônio no Monte Alverne, onde teria se dedicado à oração, contemplação e composição de uma obra com seus ensinamentos como professor de teologia e pregador. Trata-se de uma novidade em relação às demais narrativas hagiográficas consultadas. O hagiógrafo também não cita o Capítulo Geral de 1230, no qual o franciscano teria sido dispensado dos cargos de governo interno da ordem e autorizado a pregar onde lhe conviesse.¹²⁷ Cardoso afirma que depois de algum tempo na solidão Antônio teria ido ao Convento de Pádua, onde havia estado outras vezes e por ser muito “*apetecida sua doutrina, & venerada sua pessoa*” lhe pediram para pregar na Quaresma.

A narrativa das pregações do santo em Pádua, na quaresma de 1231, se encontra bastante reduzida nesta hagiografia:

*“Pelo que forão mui avantajados os frutos, que colheo destes ultimos Sermões, experimentandose nos ouvintes, detestação de vícios, & inflamação de corações, & vontades. Não se contentava ainda com estas louváveis obras, agregava a ellas, incessante penitencia, & continuo jejum, com que no fim dos 40 dias estava tam atenuado, & debilitado, que mal podia sustentarse em pé.”*¹²⁸

Devido à sua debilidade física, frei Antônio se retirou para um local mais afastado de Pádua para descansar. O hagiógrafo afirma que o frade menor teria ido para Arcella, nas proximidades de Pádua, onde os frades tinham residência junto a um convento de clarissas. No entanto, de acordo com as *legendas* e estudos mais recentes, Antônio foi para Camposampiero, local de habitação de franciscanos, também próximo a Pádua. Nesta

compromisso que os frades, segundo a regra haviam assumido de viver segundo a forma do santo Evangelho. Os frades perguntavam ao Pontífice se se tratava de todo o Evangelho, e o Papa respondeu que não, mas apenas dos assim chamados conselhos evangélicos.” BERNARDI, Orlando OFM. *Op. cit.*, p. 72.

¹²⁶ Estudos apontam que este movimento apenas foi introduzida na Itália em 1260, portanto, quando o santo não mais era vivo.

¹²⁷ Cabe mencionar que estudiosos contemporâneos procuram demonstrar que a ida a Pádua não foi casual, mas resultado de uma intervenção papal devido à reforma religiosa que naquela região a Cúria desejava implantar.

localidade permaneceu por algum tempo se dedicando à oração. No dia 13 de junho passou mal depois do almoço e foi levado de volta para Pádua; contudo, seu estado de saúde impediu que chegasse à cidade, vindo a falecer em Arcella.

Como o *Flos Sanctorum* de Diogo do Rosário e a *Legenda Benignitas*, Jorge Cardoso afirma que o primeiro milagre do santo após sua morte foi a cura do Abade de Vercelli que sofria com dores de garganta e a quem Antônio teria aparecido anunciando de forma metafórica a própria morte. O hagiógrafo também reproduz a tradição iniciada pela *Assidua* de que, apesar de os religiosos tentarem ocultar a morte do taumaturgo para evitar tumultos, meninos por “inspiração divina” percorreram as ruas de Pádua gritando “*Morto he o Sancto, morto he o sancto*”. A seguir procura enfatizar a devoção dos paduanos a frei Antônio ao mencionar a comoção geral pela morte:

“daquele universal pai, a consolação dos afflictos, a amparo dos órfãos, o exemplar dos costumes e o operador dos milagres.”¹²⁹

Cabe ressaltar que no *Agiológico Lusitano* encontramos outra versão sobre as disputas pela custódia de seu corpo. De acordo com o hagiógrafo, os conflitos teriam ocorrido entre paduanos e religiosos, tendo a contenda sido resolvida a favor dos primeiros. Como vimos, a *Assidua* dedica grande parte de sua narrativa às disputas pelo corpo de Antônio; no entanto, as partes litigiosas são outras, quais sejam: as clarissas de Arcella e os frades menores residentes na Igreja de Santa Maria em Pádua, local onde morou Antônio durante sua permanência na cidade italiana. Ao final do conflito, que ultrapassou os muros dos conventos e envolveu também a população local, o corpo foi levado para Pádua.

Cardoso finaliza a narrativa se referindo ao seu enterro no mausoléu em Pádua, que, segundo o hagiógrafo, logo no primeiro dia se transformou num “tribunal de graça”, devido aos milagres operados.¹³⁰

Podemos perceber que Jorge Cardoso, além de enaltecer Antônio como um apóstolo cuja militância teria propiciado a “reforma de fiéis” e a conversão de “hereges”, também

¹²⁸ CARDOSO, Jorge. *Op. cit.*, p. 664.

¹²⁹ *Idem, ibidem*, p. 666.

¹³⁰ Da canonização do santo, Cardoso trata em outra parte, no dia 30 de maio. Ao descrever sua inscrição no catálogo dos santos, o autor menciona a maravilha, que consta da *Legenda Benignitas* e do *Fioretti de Santo Antônio*, que neste dia os sinos repicaram milagrosamente em Lisboa.

ressalta outras facetas do santo, dentre as quais: o santo português, por ele designado “nosso santo”; o taumaturgo; o santo doutor, professor de teologia em diversos conventos da ordem; o exemplo de observância cuja participação foi fundamental nos destinos da ordem franciscana ao intervir na sua reforma; ou ainda, o responsável pela introdução de novas práticas religiosas no tempo em que viveu.

Desta forma, notamos que as *legendas* e as coleções de milagres medievais foram sendo apropriadas e reelaboradas pelos hagiógrafos modernos. Cada compilação apresenta seus recortes e constrói sua própria versão da vida do santo.¹³¹

1.4. Aspectos da devoção antoniana na América portuguesa seiscentista

Estudiosos da religiosidade colonial ressaltam que a devoção antoniana encontrou grande acolhida na América lusitana. Em seu livro *A propósito dos frades*, Gilberto Freyre salienta:

“ (...) santo franciscano que tendo aqui competido com orixás e santidades, venceu-as todas em popularidade, tornando-se santo ao mesmo tempo festejado por soldados e por mulheres; por meninos e por velhas; pelos fidalgos das Ordens Terceiras e pela gente do povo mais humilde; protetor dos senhores bons contra os negros fujões e protetor dos escravos cristãos contra os maus senhores; querido das iaiás de sobrado e predileto de mulatas de tabuleiros, para algumas das quais é tradição ter conseguido marido bom ou esposo branco: esposo alvo, louro, gordo, vindo da própria Lisboa. (...). Santo como nenhum ligado ao cotidiano, à rotina, à intimidade da vida brasileira da Bahia, do Brasil, do mundo português. ”¹³²

Na propagação deste culto na América portuguesa é atribuído um papel fundamental aos missionários franciscanos e jesuítas.

¹³¹ É importante ressaltar que na relação bibliográfica citada por Jorge Cardoso não há referência às *legendas* medievais, mas sim aos *Martirólogos*, *Flos Sanctorum* de diferentes autores, entre os quais de Diogo do Rosairo; *Crônicas da Ordem Franciscana* entre outros.

¹³² FREYRE, Gilberto. *A propósito dos frades*. Salvador, Progresso Editora, 1959, pp. 53-54.

A este respeito, consideramos interessante mencionar a afirmação do cronista da ordem franciscana no século XVIII, frei Jaboatão, segundo o qual a ação missionária dos frades menores foi feita sob os “*influxos da mystica luz de Santo Antônio*”. Na relação que o autor faz dos conventos fundados pela ordem na América Portuguesa entre 1585 e 1660, os de maior número são aqueles que têm Santo Antônio como orago. Assim, podemos perceber como a ação missionária dos franciscanos tinha como referência a figura do taumaturgo. Cabe lembrar que os frades menores que para cá vieram eram da Província de Santo Antônio em Portugal e deram a mesma denominação à Custódia franciscana fundada aqui, no ano de 1585.¹³³

Serafim Leite, na sua obra sobre a história dos jesuítas no Brasil, afirma que as Casas da Companhia de Jesus do Grão-Pará e Maranhão tinham grande e particular devoção pelo taumaturgo lisboeta.¹³⁴ Podemos perceber tal predileção ao verificarmos a marcante presença do santo no sermonário de padre Vieira.

No século XVII, devido às invasões holandesas na América lusitana seiscentista, há uma intensificação do culto antoniano.

Como vimos anteriormente, uma crise de sucessão dinástica levou o reino português a ser governado pelo rei espanhol entre os anos de 1580 e 1640. A união das coroas ibéricas afetou as relações comerciais entre Portugal e as Províncias Unidas tendo em vista que os holandeses se encontravam em guerra de independência contra o império espanhol.

Como forma de preservar e expandir suas atividades nas áreas coloniais, os flamengos criaram, em 1621, uma companhia para a qual foi concedido o monopólio do comércio, navegação e conquista da América e África Ocidental, a chamada Companhia de Comércio das Índias Ocidentais (W.I.C. — *West Indische Compagnie*). O primeiro alvo da W.I.C. foi a América portuguesa devido, entre outros fatores, aos lucros que a exploração do açúcar e pau-brasil poderiam oferecer, bem como ao fácil acesso às povoações localizadas junto ao litoral. Outra motivação, apontada por Evaldo Cabral de Mello, para a escolha da América portuguesa seria a sua suposta vulnerabilidade, pois, como era uma possessão lusitana, provavelmente, sua defesa seria preterida pela monarquia espanhola.¹³⁵

¹³³ JABOATÃO, Antonio de Santa Maria (frei), ofm. *Op. Cit.*, volume 1, p. 7.

¹³⁴ LEITE, Pe. Serafim SJ. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Rio de Janeiro, Livraria Portugália: Instituto Nacional do Livro, 1943, Tomo IV, p. 246.

¹³⁵ MELLO, Evaldo Cabral. “Os holandeses no Brasil”. IN: HERKENHOFF, Paulo (org.). *O Brasil e os Holandeses 1630-1654*. Rio de Janeiro, GMT Editores Ltda, 1999., p. 22.

Em 1630, seis anos após uma primeira tentativa frustrada de conquistar a Bahia, os holandeses ocuparam Pernambuco. E, paulatinamente, dominaram outras capitanias vizinhas, estabelecendo seus domínios na América, onde permaneceram até 1654.

Excluindo a primeira invasão da cidade de Salvador, a historiografia costuma dividir em três períodos a ocupação holandesa na América: o primeiro, de 1630 a 1637, corresponde à guerra de resistência ao domínio batavo; o segundo, de 1637 a 1645, abrange principalmente o governo do Conde João Maurício de Nassau; o terceiro, de 1645 a 1654, engloba a chamada “guerra de Restauração”, que resultou na expulsão dos batavos.¹³⁶

Durante estas lutas, foi atribuído um papel de destaque à intercessão de Santo Antônio. No *Orbe Seráfico*, frei Jaboatão se refere aos prodígios operados pelo pregador franciscano para proteger os colonos contra o inimigo holandês.¹³⁷

Luiz Mott afirma que a imagem do santo encontrava-se estampada nos estandartes pernambucanos nas batalhas contra os flamengos.¹³⁸ Cabe ressaltar que, já em 1645, o taumaturgo era padroeiro de Pernambuco. De acordo com José C. de M. Soares, no mesmo ano a Câmara da Bahia fez votos a Santo Antônio para pedir pela restauração do domínio português na capitania vizinha, visto que ao taumaturgo foi atribuído um importante papel para a expulsão dos batavos de Salvador, intercessão celebrada pelo padre Vieira em um dos sermões dedicados ao pregador franciscano, como veremos no próximo capítulo.¹³⁹

Segundo Evaldo Cabral, o taumaturgo lisboeta foi considerado o grande protetor da restauração pernambucana. Entre os aspectos apontados pelo autor para esta proeminência do santo lisboeta, cabe mencionar a própria popularidade do culto antoniano em Pernambuco antes mesmo das invasões holandesas:

*“(...) resultante não só da sua popularidade em Portugal como de um esforço concentrado da Custódia Franciscana do Brasil, como a do reino colocada sobre o padroado do taumaturgo lisboeta.”*¹⁴⁰

¹³⁶ MELLO, Evaldo Cabral *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. 2ª ed. revisada e aumentada. Rio de Janeiro, Topbooks, 1998, p. 15.

¹³⁷ JABOATÃO, Antonio de Santa Maria (frei), ofm. *Op. Cit.*, volume 2, p.p. 374-375.

¹³⁸ MOTT, Luiz. *Op. Cit.*, p. 124.

¹³⁹ SOARES, José Carlos de Macedo. *Santo Antônio de Lisboa militar no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio - Editora, 1942, p.14.

Por outro lado, o autor chama atenção para o lugar ocupado pelo santo no “catolicismo popular”. Além de ser considerado um “paráclito universal”, um santo do cotidiano a quem se apelava nas dificuldades da vida diária, a ele era atribuído o dom de deparar as coisas perdidas, como foi anteriormente mencionado. Nesse sentido, Evaldo Cabral afirma:

*“Deus dera o Brasil aos portugueses; o flamengo herege usurpara-o; Santo Antônio lho restituiria.”*¹⁴¹

O historiador ressalta que o fato de frei Antônio ser português e, portanto, ser considerado santo natural do reino, o predispunha a proteger os lusitanos na luta contra os holandeses calvinistas.

Para Cabral, muito provavelmente as lutas para a expulsão dos flamengos, ou melhor, a intercessão atribuída ao taumaturgo lisboeta nestas lutas contribuiu para o culto ao santo como protetor militar das possessões portuguesas, devoção esta que se traduziu no seu alistamento e promoções militares, bem como no pagamento de soldos para a Ordem Franciscana.

Esta faceta do culto ao santo na América lusitana é tema do artigo “Santo Antônio, o divino capitão do mato” de Luiz Mott. De acordo com o autor, a partir do seiscentos há na colônia uma inovação da devoção antoniana ao incorporar-se o santo ao exército, transformando-o num santo guerreiro, responsável por defender os domínios portugueses na América das invasões dos “hereges” franceses e holandeses, por proteger os senhores das revoltas escravas e, ainda, por ajudar na recuperação de escravos fugitivos. Sua hipótese é que a militarização do taumaturgo expressa uma atualização de seu carisma original de pavor dos infiéis e martelo das heresias. Para Luiz Mott, a figura de Santo Antônio teria agido como catalisador do sentimento lusitano, quando a pátria e suas conquistas eram ameaçadas por povos de outras nacionalidades, etnias ou religião.¹⁴²

¹⁴⁰ MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro Veio: o imaginário da restauração pernambucana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 308.

¹⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 312.

¹⁴² MOTT, Luís, *Op. cit.*

O primeiro trabalho dedicado exclusivamente à militarização do santo no Brasil foi de José Carlos de Macedo Soares, autor de *Santo Antônio de Lisboa militar do Brasil*, no qual procura mapear, ao longo da história colonial, as patentes e honras militares concedidas ao santo. Soares salienta que também em Portugal

Enquanto Luiz Mott enfatiza a faceta guerreira de Santo Antônio, Gilberto Freyre, no livro *Casa Grande e Senzala*, ressalta que sua intercessão era muito solicitada para realizar enlances amorosos, acrescentando que os santos de maior devoção em Portugal e também na colônia eram aqueles a quem se atribuía “*milagrosa intervenção em aproximar os sexos, em fecundar as mulheres, em proteger a maternidade*”.¹⁴³

Cabe ainda ressaltar que a historiografia colonial aponta a existência de um caráter afetivo nas relações dos devotos com seus santos. Tendo como referência os argumentos apresentados por Gilberto Freyre na obra *Casa Grande & Senzala*, Laura de Mello e Souza afirma que o culto aos santos na América portuguesa foi marcado por esta afetivização, que se expressava pela seguinte ambigüidade: caso desapontasse seus devotos, o santo venerado também poderia ser odiado com rompantes de cólera.¹⁴⁴ Este caráter também foi enfatizado por Luiz Mott, que considera que as relações dos devotos com certos santos e oragos incluía louvores, adulações, rituais propiciatórios, intimidação e agressão física. Dentre estes santos, o historiador aponta Santo Antônio:

*“Para efeito de obter a intercessão de sant’Antoninho em aproximações amorosas e enlances conjugais, tiravam-lhes as devotas o Divino Infante de seu braço só o restituindo depois de obtido o milagre, ou então arrancavam-lhe o esplendor, deixando-nos dias seguidos de cabeça para baixo, pregando uma moeda no lugar da tonsura.”*¹⁴⁵

do século XVII e na Espanha do século XVIII, o taumaturgo recebeu investiduras militares. O autor ainda faz referência a outros países onde sua imagem recebeu insígnias militares, como, por exemplo, Alemanha e Baviera. Entretanto, Luiz Mott procura demonstrar, no artigo “Santo Antônio, o divino capitão do mato”, que esta faceta guerreira do santo foi uma inovação devocional colonial, afirmando que o pregador franciscano foi incorporado pela primeira vez ao exército português na Bahia no final do século XVI ou início do XVII, enquanto na metrópole somente em 1668 se tornou soldado raso no 2º Regimento de Infantaria da Vila de Largos, tendo como fiadora Nossa Senhora. Esta matéria constitui tema polêmico, haja vista a afirmação de Maria Alegria F. Marques, anteriormente citada, de que o “prodigioso lisboeta” foi incorporado ao exército em Portugal no ano de 1623, ainda durante o governo do rei espanhol Felipe III. E em meio às guerras de restauração (1640-1668) recebeu promoções militares. Cabe ressaltar que, além da América, em outras colônias portuguesas o taumaturgo também recebeu patentes militares, como, por exemplo em Goa.

¹⁴³ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 29.ª edição. Rio de Janeiro, Editora Record, 1992, p. 246.

¹⁴⁴ SOUZA, Laura de Mello. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p. 115.

¹⁴⁵ MOTT, Luiz. “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu”. In: *História da vida privada na América Portuguesa*. Organização Laura de Mello e Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 188.

Como veremos no capítulo seguinte, Vieira, para produzir seus sermões sobre Santo Antônio, irá se apropriar de práticas devocionais, como também de prerrogativas atribuídas ao santo transformando-as em argumento para sua *invenção*.

CAPÍTULO 2

Sermões de Santo Antônio de padre Vieira

“As vozes do pregador hão-de ser como as caixas e trombetas da guerra, que despertam, animam, e tocam à arma, como eram as de Santo António; por isso todos o ouviam com uma atenção tão vigilante e tão viva, que nem pestanejar quanto mais dormir.”

Antônio Vieira, “Sermão de Santo Antônio” pregado em dia da Santíssima Trindade.

Capítulo 2

Sermões de Santo Antônio de padre Vieira

Segundo Adolfo Hansen, a pregação jesuítica se pretendia uma intervenção efetiva nas práticas dos fiéis. Com o objetivo de persuadir seu auditório, o momento da pregação constituir-se-ia em uma dramatização das verdades sagradas, um verdadeiro teatro sacro:

*“Como o termo latino sermo indica, o sermão é uma fala; no caso jesuítico, uma fala dramatizada pelo pregador para a audição e a visão de um público que deve ser persuadido da verdade e validade da doutrina católica.”*¹⁴⁶

Para Vieira, o pregador deveria interpretar os fatos históricos, principalmente os do reino de Portugal, como designios providenciais acerca do futuro e mover o auditório no cumprimento da finalidade cristã da história: a ampliação universal da Cristandade através da expansão do Império português.¹⁴⁷

De acordo com Alcir Pécora, para realizar a análise de um sermão do século XVII há que se levar em consideração três princípios analógicos: a data litúrgica comemorada, o evangelho do dia e as circunstâncias em que foi realizada a pregação.

Para cada celebração litúrgica há um conjunto de leituras bíblicas próprias e sugeridas a serem realizadas durante a missa. Cabe esclarecer que o calendário litúrgico católico é composto por celebrações comemoradas em datas fixas e outras que mudam a cada ano. Quando duas destas celebrações litúrgicas coincidem num mesmo dia, o pregador deve unir as duas matérias das festas num só discurso, como adiante veremos nos *Sermões de Santo Antônio*.¹⁴⁸

¹⁴⁶ HANSEN, João Adolfo. “Sermões”. IN: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil. Um Banquete no Trópico*. 2ª ed. São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 1999, p. 26.

¹⁴⁷ PÉCORA, Alcir. “As artes e os feitos”. IN: *A máquina de gêneros*. São Paulo, Edusp, 2001, pp. 162-164.

¹⁴⁸ É importante destacar que os panegíricos de santos, em geral, são pronunciados nas festas dos santos. Mas também há exceções; por exemplo, podemos citar uma prédica referida por João Francisco Marques, o “Sermão de Santo Antônio” de Fr. Antônio de Tomar, pregado em Lisboa, a 18 de setembro de 1628, em agradecimento por um prodígio atribuído ao taumaturgo, mais especificamente “em memória do milagre do Rayo que cahio na rua dos Cônegos desta cidade no anno de 1624”. Ou ainda, podemos citar o “Sermão de Santo Antônio” de padre Vieira, pregado na Igreja das Chagas, em Lisboa, a 14 de setembro de 1642, na véspera da Convocação das Cortes do reino, como veremos adiante. MARQUES, João Francisco. “Santo Antônio na Parenética Seiscentista Portuguesa”. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E

Ao canonizar um santo, o Papa estabelece uma liturgia para ele. Ao fazê-lo, escolhe uma leitura do Evangelho apropriada ao santo para ser realizada na sua missa, sendo que esta leitura deve tratar de sua principal virtude. Quanto à liturgia estabelecida por Gregório IX para Santo Antônio, informa-nos Jorge Cardoso:

*“Cerca de suas obras, que obrigaraõ ao Papa Greg. LX (seu particular amigo & devoto) darlhe na Canonizaçaõ a antiphona: O Doctor optime, & com o Evangelho: Vos estis Sal terrae, que a Igreja canta aos Doutores, se achaõ quantidade de Sermões para todas as Domingas, & Festas do anno, & varias notas sobre a divina Escritura, expondo o sentido mystico della, que bem mostraõ a agudeza, & sabedoria profunda do seu autor. E sobretudo as concordancias moraes da Biblia”*¹⁴⁹

Nos *Sermões de Santo Antônio* ora analisados, apenas o primeiro, pregado dias após a expulsão dos holandeses da cidade de Salvador em 1638, tem seu tema escritural retirado de 2 Rs 19:34¹⁵⁰, trecho bíblico que trata do cerco imposto pelos assírios à cidade de Jerusalém. As oito prédicas seguintes, apresentam tema escritural extraído do Evangelho de Mateus, mais especificamente Mt 5:13-19¹⁵¹, um trecho do chamado “Sermão da Montanha”, que pertence à celebração do comum dos doutores da Igreja.¹⁵² Dentre estes oito sermões, duas prédicas apresentam, além do tema extraído de Mateus, outro tema

TESTEMUNHO. 8º Centenário do Nascimento de Santo Antônio. Actas. Braga, Universidade Católica Portuguesa - Família Franciscana Portuguesa, 1996, Volume II, p. 856.

¹⁴⁹ CARDOSO, Jorge. *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas. Consagrado aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio, insignes patronos desta inclyta cidade Lisboa, e a seu illustre Cabido Sede Vacante, composto pelo licenciado George Cardoso natural da mesma cidade. Tomo III. Que comprehende os dous meses de Maio, & Junho, com seus commentarios.* Lisboa: na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza, anno 1666, p. 680.

¹⁵⁰ 2 R 19:34 [Protegerei esta cidade e a salvarei em atenção a mim mesmo e a meu servo Davi.]

¹⁵¹ Mt 5 13:19 [13Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens. 14Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte. 15Nem se acende uma lâmpada e se coloca debaixo do alqueire, mas na luminária, e assim ela brilha para todos os que estão na casa. 16Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus. 17Não penseis que vim revogar a lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento, 18porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só i, uma só vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado. 19Aquele, portanto, que violar um só desses menores mandamentos e ensinar os homens a fazerem o mesmo, será chamado o menor no Reino dos Céus. Aquele, porém, que os praticar e os ensinar, esse será chamado grande no Reino do Céus.]

¹⁵²No *Missal Quotidiano e Vespéral* de Dom Gaspar Lefebvre, encontramos a seguinte notação no dia 13 de junho, festa de Santo Antônio: “Missa in medio, do comum dos doutores”. E na parte específica sobre a celebração da “Missa Dum Doutor”, o Evangelho indicado para ser lido é justamente MT 5: 13-19. MISSAL Quotidiano e Vespéral. Por Dom Gaspar Lefebvre, Beneditino da Abadia de Santo André. [s.l.], [s.n.], 1955, p. 1418 e p. 1147.

escritural retirado do Evangelho de Lucas, quais sejam: o *Sermão de Santo António. Pregado na Dominga infra octavam de Corpus Christi com o Santíssimo Sacramento exposto, em São Luís do Maranhão no Ano de 1653* — Mt 5:13-14 e Lc 14:16¹⁵³ —, e o *Sermão de Santo António. Pregado na Dominga infra octavam do mesmo Santo no Maranhão, no Ano 1657* — Mt 5:15 e Lc 15:8¹⁵⁴. Clarêncio Neotti afirma que este último sermão foi pregado na Terceira Dominga de Pentecostes e que, portanto, o Evangelho de Lucas pertenceria a esta celebração litúrgica. A partir destes temas escriturais, padre Vieira constrói suas prédicas em louvor ao santo lisboeta, tratando em cada uma delas de matéria diferenciada.¹⁵⁵

Os panegíricos dedicados a Santo Antônio por Vieira foram, posteriormente, reelaborados e publicados na *editio princeps* dos *Sermões* do jesuíta.

João Lúcio de Azevedo afirma que, a partir da década de 1670, Padre Vieira se dedicou à preparação de uma edição dos seus sermões, obedecendo a uma ordem do Geral da Companhia de Jesus, padre Oliva.¹⁵⁶ Nesta atividade iria trabalhar até a sua morte, em 1697, na Bahia. Deste trabalho resultaria a *editio princeps* dos *Sermões*. O primeiro volume foi publicado em 1679 e, ao longo das décadas de 80 e 90, foram publicados onze tomos, respectivamente em: 1682, 1683, 1685, 1686, 1688, 1689, 1690 (neste ano foram publicados dois volumes), 1692, 1694 e 1696. Nos anos de 1699, 1710 e 1748, “saíram à luz” os três volumes póstumos. Apesar de os três últimos volumes terem sido publicados após a morte do jesuíta “apenas o último e parte do 14º não foram revisados pelo próprio Vieira, mas sim por seu primeiro biógrafo, o jesuíta André de Barros, que, entretanto, teve o cuidado de não alterar os textos originais.”¹⁵⁷

É importante salientar que os quinze volumes que compõem a *editio princeps* dos *Sermões* de padre Vieira não abarcam toda a produção oratória do jesuíta, tendo em vista

¹⁵³ Lc 14:16 [Mas ele respondeu: “Um homem dava um grande jantar e convidou a muitos”.]

¹⁵⁴ Lc 15:8 [Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas e perder uma, não acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la.]

¹⁵⁵ Ver “Quadro Geral dos *Sermões de Santo Antônio* de padre Vieira”, na página 77.

¹⁵⁶ AZEVEDO, João Lúcio de. *História de Antonio Vieira*. 2ª. Edição. Lisboa, Clássica, 1931, Tomo 2, p. 117-118.

¹⁵⁷ PÉCORA, Alcir. *O teatro do sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo - Campinas, Edusp - Editora da UNICAMP, 1994, nota 24, p. 46.

que muitos “papéis” se perderam, e outros ainda foram excluídos ou destruídos pelo próprio jesuíta devido à matéria que comportavam.¹⁵⁸

Nesta monumental obra sermonária, há muitos sermões escritos em homenagem aos santos. Não podemos desconsiderar que, no século XVII, a temática dos santos era bélica, tendo em vista os ataques dos reformadores protestantes à sua devoção. Em meio à esta e a outras disputas, Vieira escreveu inúmeras prédicas em honra e louvor aos “heróis cristãos”.

Entre os sermões da *editio princeps* dedicados aos santos, os de maior número são os compostos em louvor a São Francisco Xavier, missionário jesuíta do século XVI. Ao todo são quinze prédicas escritas para comporem a oitava parte dos *Sermões*, publicada em 1694 e oferecida para a rainha Maria Sofia, segunda mulher de D. Pedro.¹⁵⁹ Em seguida, vêm os nove sermões da série dedicada a Santo Antônio, pregador e missionário português, cuja devoção era extremamente popular e difusa.¹⁶⁰ Como foi dito, destas nove prédicas apenas uma não foi pregada, o que nos remete para a importância do santo lisboeta na obra sermonária vieiriana, bem como nos motiva a refletir sobre as razões que levaram o pregador a escolher Santo Antônio. Eis um dos desafios deste trabalho.

Os *Sermões de Santo Antônio* foram publicados ao longo da *editio princeps* em volumes diversos, como podemos ver no “Quadro Geral dos *Sermões de Santo Antônio* de padre Vieira”, na página 77.

No prólogo do primeiro volume dos *Sermões*, o jesuíta afirma que as prédicas “*irão sahindo adiante, & á desfilada, os que estiverem mays promptos*”.¹⁶¹ Contudo, consideramos que outros critérios também teriam influenciado a inserção dos sermões ao

¹⁵⁸ De acordo com João Francisco Marques: “Dai que as 204 peças oratórias, que acabaram por ver a impressão e se encontram reunidas nos quinze tomos desta edição princeps, estariam longe de corresponder como é óbvio, à sua efectiva produção parenética, a maioria perdida na oralidade, e em apontamentos escritos irrecuperáveis” MARQUES, João Francisco. “A cronologia da pregação de Vieira”. IN: MENDES, Margarida Vieira; PIRES, Maria Lucília Gonçalves e MIRANDA, José da Costa. *Vieira escritor*. Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. 121.

¹⁵⁹ Sobre os sermões de padre Vieira dedicados a São Francisco Xavier, ver: LIMA, Luís Felipe Silvério. *Padre Vieira: sonhos proféticos, profecias oníricas. O tempo de Quinto Império nos Sermões de Xavier Dormindo*. (Dissertação de mestrado). São Paulo, FFLCH-USP, 2000.

¹⁶⁰ Padre Vieira também produziu sermões para São Roque, São Francisco, Santo Inácio, Santa Teresa, Santa Catarina, Santa Bárbara, São Pedro, São João Batista, São José, São Gonçalo, São Pedro Nolasco, Rainha Santa Isabel, Santo Estevão, entre outros. Todos em menor número que os produzidos para São Francisco Xavier e Santo Antônio. Pregou, ainda, muitos sermões em homenagem às diversas invocações de Nossa Senhora, que aqui não são mencionados, pois a Virgem Maria, de acordo com a ortodoxia romana, não pertence à categoria dos santos, está acima deles.

¹⁶¹ VIEIRA, Antônio. *Sermões do Padre Antônio Vieira*. (Reprodução facsimilada da edição de 1679). São Paulo, Editora Anchieta, 1943, Volume I, “Leitor”, s.n.

longo do volumes. Como veremos adiante, o “Sermão de Santo Antônio” de 1671, que versa sobre o tema da ingratidão da pátria, e que, inicialmente, seria inserido no terceiro tomo, teve sua publicação postergada para o duodécimo. Ou, ainda, podemos citar o caso do “Sermão de Santo Antônio” que, logo após ter sido pregado, em 1642, foi publicado e circulou de forma avulsa a partir daquele mesmo ano; no entanto, apenas foi inserido na undécima parte dos *Sermões*, em 1696.

As duas primeiras prédicas dedicadas ao taumaturgo, publicadas na *editio princeps*, mais precisamente, no segundo tomo, foram as pregadas em 1670 e em 1654: a primeira é um verdadeiro elogio à pátria portuguesa e à sua missão apostólica; a segunda, um discurso sobre o próprio trabalho missionário do jesuíta no Maranhão. Podemos supor que a escolha da publicação das duas prédicas num mesmo volume não seria apenas demandada pela prontidão em que os “papéis” se encontravam, mas também poderia ser pensada tendo em vista o projeto militante no qual o inaciano estaria inserido.

Durante o processo de reescrita dos sermões para publicação, o jesuíta introduziu modificações nos textos, como afirmam os estudiosos da obra de Vieira. Segundo João Lúcio de Azevedo:

*“O trabalho exigia grande aplicação, porque a maior parte dos discursos se achava em apontamentos informes. Com a imaginação brilhante, e a facilidade do verbo, Vieira lavrava com meticoloso cuidado o estilo, buscava intencionalmente a cadência e os efeitos da frase. Seus originais eram cheios de palavras e linhas cortadas ou substituídas, de outras acrescentadas, de transposições de vocábulos e orações inteiras, e não raro a alteração atinge a mesma idéia. (...) Parte dos sermões não seriam ditos tais quais apareceram na estampa; mas o âmago, o sentimento expresso, é o mesmo, e podem sem receio aceitar-se como expressão das idéias do orador, na época a que correspondem.”*⁶²

Concordamos com o autor e, desta forma, acreditamos que o fato de Vieira ter reelaborado os sermões para publicação na *editio princeps*, não invalida a investigação das circunstâncias de sua pregação. Na obra *A Arte de Morrer*, que reúne os sermões da Quarta-feira de Cinzas de Padre Vieira, Alcir Pécora chama a atenção para o fato de que a circunstância da pregação pode ser compreendida como uma das chaves para a decifração dos sermões:

*“Nas circunstâncias, justamente, os grandes pregadores do século XVII vão buscar as figuras de base para seus ornatos dialéticos: nelas vão colher as suas melhores flores para lançá-las, de volta, entretecidas firmemente, como redes, ao mar vasto e rebelde de seus ouvintes. É parte do decorum do sermão, portanto, adaptar-se à ocasião para modificá-la segundo a Ordem superior a ela, de modo a atualizar a palavra divina e mover de maneira eficaz o seu auditório.”*¹⁶³

No presente trabalho, consideramos que, muitas vezes, informações sobre a circunstância da pregação podem possibilitar uma melhor compreensão da matéria do discurso e do acento dado, em cada peça oratória, à figura de Santo Antônio, como podemos notar no quadro a seguir.

¹⁶² AZEVEDO, João Lúcio de. *Op. cit.*, p. 279.

¹⁶³ PÉCORA, Alcir. “A arte de morrer, segundo Vieira”. IN: VIEIRA, Antônio. *A arte de morrer: os sermões da Quarta-feira de Cinzas de Antônio Vieira*. Conceção e organização, prefácio, notas e cotejo com a *editio princeps* por Alcir Pécora. São Paulo, Nova Alexandria, 1994, pp. 12-13.

“Quadro Geral dos Sermões de Santo Antônio de padre Vieira”

Título do Sermão	Sermão de Santo Antônio. Pregado na Igreja e dia do mesmo Santo, havendo os Holandeses levantado o sítio que tinham posto à Baía, assentando os seus Quartéis e baterias em frente da mesma Igreja.	Sermão de Santo Antônio. Pregado ao Santo na Igreja das Chagas de Lisboa, aos 14 de Setembro de 1642, tendo-se publicado as Cortes para o dia seguinte.	Sermão de Santo Antônio. Pregado na Dominga infra octavam de Corpus Christi com o Santíssimo Sacramento exposto, em São Luís do Maranhão no Ano de 1654.	Sermão de Santo Antônio. Pregado na Dominga infra octavam do mesmo Santo no Maranhão, no Ano de 1657.	Sermão de Santo Antônio. Pregado na cidade de Maranhão, em dia da Santíssima Trindade.	Sermão de Santo Antônio. Pregado na Igreja dos Portugueses.	Sermão de Santo Antônio.	Sermão de Santo Antônio. Panegírico, apologetico, contra o nome, que vulgarmente em Roma na Igreja dos Portugueses, se lhe dá de Santo Antonino.
Local e data da pregação	Salvador (Bahia), Igreja de Santo Antônio, 1638.	Lisboa, Igreja das Chagas, 14 set. 1642.	São Luís do Maranhão, 1653.	Maranhão, 1657.	Cidade Maranhão, [165]	Roma, na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses, 1670.	Não foi pregado.	Roma, na Igreja dos Portugueses, provavelmente entre 1672 e 1674.
Circunstância da pregação	Festa de Santo Antônio, após a expulsão dos holandeses da cidade de Salvador.	Véspera da reunião das Cortes do Governo de Bragançino.	Festa de Santo Antônio e Dominga da celebração da infraoctavam de Corpus Christi.	Dominga infra octavam da festa de Santo Antônio e celebração da terceira Domingo de Pentecostes.	Festa de Santo Antônio e celebração do dia da Santíssima Trindade.	Festa de Santo Antônio, por ocasião em que o Marquês de Minas, embaixador extraordinário de Portugal, fez a embaixada de obediência ao papa Clemente X.		Festa de Santo Antônio.
Publicação na editio princeps dos Sermões	Sexta Parte dos Sermões, 1690.	Undécima Parte dos Sermões, 1696.	Segunda Parte dos Sermões, 1682.	Terceira Parte dos Sermões, 1683.	Undécima Parte dos Sermões, 1696.	Segunda Parte dos Sermões, 1682.	Parte Duodécima dos Sermões, 1699.	Parte Duodécima dos Sermões, 1699.
Tema Escritural	2 Rs 19:34	Mt 5:13	Mt 5:13-14 Lc 14:16	Mt 5:15 Lc 15:8	Mt 5:19	Mt 5:14	Mt 5:16	Mt 5:19
Matéria do sermão	A defesa e vitória da Bahia ao sítio imposto pelos holandeses couberam, principalmente, a Deus e a Santo Antônio.	Santo Antônio é Procurador do Céu nas Cortes, e como tal proferirá seu parecer sobre a conservação do Reino: <i>Vos estis sal terrae.</i>	Santo Antônio é a exposição das maravilhas da Eucaristia.	Santo Antônio é deparador das almas perdidas em dois victos universais: a sensualidade e a cobiça.	As três Pessoas Divinas fizeram grande a Santo Antônio: o Pai lhe deu o poder para realizar milagres; o Filho a sabedoria para ensinar, e o Espírito Santo o nome próprio para santificar as almas e ser chamado o Santo.	Santo Antônio foi verdadeiro português, pois cumpriu a missão que caberia aos lusitanos: ser “ <i>luz do mundo</i> ”.	Santo Antônio deixou Portugal para cumprir a missão que lhe havia sido determinada por Cristo: ser pregador universal do mundo. Se houvesse permanecido, sua luz não iria luzir, pois a inveja dos naturais não o permitiria.	Contra a alcunha de Antonino, padre Vieira defende o título de <i>Magno</i> para Santo Antônio, tendo em vista a grandeza de suas obras no fazer (milagres) e no ensinar (pregação).

2.1. *Tomarei debaixo de minha proteção esta cidade, e esta mercê lhe farei por amor de mim, e por amor de David meu servo*

Durante o governo de Maurício de Nassau (1637-1644), a chamada “idade de ouro do Brasil holandês”, os flamengos buscaram consolidar suas conquistas na América e reestruturar a produção açucareira da “nova colônia”, afetada pela guerra contra o exército de resistência ao domínio batavo.¹⁶⁴ No entanto, de acordo com o historiador Evaldo Cabral, Nassau considerava um risco para a presença holandesa a existência de um governo-geral português na cidade de Salvador. Destarte, intentou-se novamente invadir a Bahia. Era a segunda tentativa, pois a primeira ocorrera anos antes, em 1624.¹⁶⁵

A 16 de abril de 1638, Nassau desembarcou em frente à cidade de Salvador, vindo de Pernambuco com forças que se compunham de três mil e quatrocentos soldados europeus e mil índios auxiliares, impondo-lhe um sítio que durou quarenta dias, ao final dos quais foram expulsos e bateram em retirada rumo ao Recife.¹⁶⁶

Dias depois, em 13 de junho, padre Vieira pregou um sermão dedicado a Santo Antônio, no qual narrou episódios do sítio imposto pelos holandeses à Bahia, com vistas a demonstrar que a defesa e vitória da cidade couberam, principalmente, a Deus e ao

¹⁶⁴ Em meio ao domínio filipino em Portugal (1580-1640), a Holanda, nação inimiga da Espanha, ocupou várias regiões produtoras de açúcar na América portuguesa, sendo seu maior êxito a ocupação da capitania de Pernambuco, onde permaneceu por 24 anos.

¹⁶⁵ A primeira tentativa flamenga de conquistar a cidade de Salvador ocorreu no ano de 1624 por uma expedição composta de 26 navios e 3.300 homens. Evaldo Cabral assim descreve o episódio: “Fins de abril, começos de maio de 1624, a armada neerlandesa surgiu diante de Salvador. A 9 de maio as tropas chefiadas por Jan van Dorth desembarcavam sob a proteção de pesado bombardeio que aterrorizou a população e a levou a abandonar a cidade.” No dia seguinte, os invasores entraram sem oposição na capital da América portuguesa, mas logo constataram não poder estender sua presença para além dos muros da cidade, devido à forte resistência do exército inimigo. Praticamente um ano depois, em 30 de abril de 1625, a armada luso-espanhola sob o comando de D. Fradique de Toledo reconquistou a cidade de Salvador e expulsou os holandeses. MELLO, Evaldo Cabral. “Os holandeses no Brasil”. IN: HERKENHOFF, Paulo (org.). *O Brasil e os Holandeses 1630-1654*. Rio de Janeiro, GMT Editores Ltda, 1999., p.22.

¹⁶⁶ De acordo com Evaldo Cabral: “Em 1638, no comando de uma expedição naval, ele sitiou a capital implacavelmente, ao mesmo tempo em que as tropas da W.I.C. punham a ferro e fogo o Recôncavo Bahiano. Mas Salvador, cuja defesa fora reforçada pela chegada do exército de resistência, reagiu valentemente, e Nassau teve de bater em retirada após tentar sem êxito um derradeiro ataque na noite de 17 para 18 de maio.” *Idem, ibidem*, p. 26.

taumaturgo lisboeta.¹⁶⁷ Esta prédica foi publicada na sexta parte dos *Sermões* do jesuíta em 1690.

Neste discurso emerge a imagem do taumaturgo que “pelejou” ao lado dos soldados para defender a Bahia. Trata-se de um sermão bélico, no qual o santo é apresentado como defensor dos portugueses na luta pela expulsão dos holandeses dos seus domínios na América.¹⁶⁸

De acordo com Evaldo Cabral de Mello, este sermão provavelmente contribuiu para a construção da faceta militar do santo, que se transformou em soldado nas lutas pela restauração de Pernambuco:

*“na criação desse imaginário o episódio do assédio da Bahia e o sermão de Antônio Vieira podem ter desempenhado um papel crucial.”*¹⁶⁹

A hipótese do autor é extremamente instigante, pois nos leva a pensar os sermões do jesuíta como discursos que contribuíram para a construção da devoção antoniana na América lusitana seiscentista. Não podemos esquecer que batalhas decisivas foram realizadas na “Trincheira de Santo Antônio”, edificada junto ao Forte e ermida que tinham o taumaturgo como orago. Sendo assim, na festa do santo, ocorrida dias após a vitória contra os portugueses e celebrada na sua igreja, o jesuíta produziu um discurso tendo em vista figuras da circunstância, ou seja, as vitórias que naquele local haviam sido alcançadas contra os batavos.

Para demonstrar a intervenção divina na guerra contra os flamengos, Vieira parte do tema escritural retirado do Segundo Livro dos Reis, capítulo 19, versículo 34:

¹⁶⁷ Antônio Vieira nasceu em Lisboa, em 6 de fevereiro de 1608, e veio para a Bahia em 1614. Iniciou o noviciado na Companhia de Jesus, em maio de 1623. Entre 1627 e 1628, foi professor de Retórica no Colégio de Olinda. Em 1634, Vieira recebeu ordens sacerdotais.

¹⁶⁸ Padre Vieira já afirmara esta proteção ao descrever a primeira tentativa de invasão da Bahia, na Carta Anua de 1626, ao Geral da Companhia de Jesus. Neste relato, o jesuíta menciona que, durante um combate, o Bispo D. Marcos Teixeira avistara no céu uma bandeira na qual estavam estampadas as figuras de Cristo crucificado e de Santo Antônio, um sinal divino da proteção aos portugueses: “*E parece que se punha o céu da nossa parte; porque no mesmo tempo viu sua S.^a no ar uma bandeira com Cristo crucificado de uma parte, e da outra Santo Antônio, cuja festa naquele dia celebrava a Igreja.*” VIEIRA, Antônio. *Cartas*. Coord. e anotadas por J. Lúcio de Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925-1928, Tomo Primeiro, p. 26.

¹⁶⁹ MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro Veio: o imaginário da restauração pernambucana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 310.

“Protegam urbem hanc, et salvabo eam propter me, et propter David servum meum: Tomarei debaixo de minha protecção esta cidade (diz Deus) para a salvar, e esta mercê lhe farei por amor de mim, e por amor de David meu servo.”¹⁷⁰

Este trecho diz respeito ao cerco imposto pelos assírios à cidade de Jerusalém, o qual, de acordo com a interpretação do pregador, é atualizado no cerco imposto pelos holandeses à cidade da Bahia:

“O texto do nosso tema trasladado ao cap. 19º do 4º Livro dos Reis, foi tirado do cap. 37º de Isaías, o qual como historiador escreveu o sucesso do sítio de Jerusalém, e como profeta pintou nele o da Baía. E para que não faltasse também ao ofício de comentador e intérprete, no cap. 26º, cantando a vitória da cidade que tem por nome Salvador, diz, que para sua segurança e fortaleza se porá nela o muro e o antemural: Urbs fortitudinis nostrae Salvator, ponetur in ea murus, et antemurale (2 Rs 19:32).”¹⁷¹

De acordo com Alcir Pécora:

“No modelo católico da oratória sacra dos séculos XVI e XVII, pois, as Escrituras estão refiguradas nos eventos, de tal modo que a história contemporânea aos pregadores é, especularmente, a versão mais atualizada do Texto, tanto no sentido de ser mais recente no tempo, quanto no sentido de efetuar um avanço na destinação providencial do universo criado.”¹⁷²

No exórdio, Vieira declara o assunto do sermão: o sítio imposto à Bahia pelos holandeses, desejosos de expandir suas conquistas americanas e de dominar a “cabeça” do seu “vastíssimo Estado”.¹⁷³ E, ainda, ressalta a responsabilidade da Providência na vitória da Bahia sobre os flamengos:

¹⁷⁰ VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmão, 1993, Volume III, p. 32. Todas as citações dos sermões de Vieira, feitas nesta dissertação, foram retiradas desta edição.

¹⁷¹ *Idem, ibidem*, p. 40.

¹⁷² PÉCORA, Alcir. “Sermões: o modelo sacramental”. IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões: Padre Antônio Vieira*. Organização e introdução Alcir Pécora. São Paulo, Hedra, 2000, Tomo 1, p. 12.

¹⁷³ Sobre a divisão de um sermão do século XVII, informa-nos Irleamar Chiampi: “Segundo a divisão proposta, por exemplo, por Breteville em *L'Éloquence de la chaire et du barreau* (Paris, Thierrri, 1689, 2 vols.), o sermão admite: um exórdio com a proposição do assunto, que deve predispor o ouvinte a ser favorável à tese a ser debatida, e a apresentação dos aspectos que serão examinados; uma narração/confirmação que constitui a exposição central dos fatos ou do material a ser provado, seguida dos

“(…) Semelhantes sítios e vitórias, e outras muito menores que as semelhantes, se costumam logo estampar na Europa para se fazerem públicas a todo mundo. E posto que nós na América carecemos destas trombetas mudas da fama, com que a mandar estampada aos olhos de Sua Majestade que Deus guarde, e alegrar com ela a Portugal, a Espanha e a toda a monarquia; nas palavras que propus (que são do Livro Quarto dos Reis, capítulo dezanove) me parece temos uma estampa tão própria desta nossa história, que em todas suas principais circunstâncias representadas ao vivo, nem faltaram aos auxílios do Céu as devidas graças, nem à cooperação e valor da Terra os merecidos louvores. O que direi, ou repetirei, será somente ponderado o que todos vimos.”¹⁷⁴

Passa, então, a ponderar sobre a primeira cláusula do tema escritural, aplicando-a ao caso da Bahia. A Bahia é a cidade do Salvador, e ao Salvador cumpria salvá-la pois era cidade sua, e isso o fez por amor de Si:

“(…) Não é consideração minha, senão cláusula expressa do mesmo Senhor no nosso tema: Protegam urbem hanc (notai agora) et salvabo com propter me: Tomarei debaixo de minha protecção esta cidade, para a salvar por amor de mim. De maneira, que não só diz que há de salvar a cidade, mas expressa e nomeadamente, que a há-de salvar por amor de Si. Nós salvos por amor da cidade, porque somos membros da cidade; mas a cidade salva pelo Salvador, porque é sua, e por amor de Si: Propter me.”¹⁷⁵

Em seguida, padre Vieira pondera sobre a segunda cláusula do tema escritural: “Salvarei esta cidade, diz o Salvador por amor de mim, e por amor de David meu servo.” No caso do sítio a Jerusalém, a vitória foi repartida com Davi, porque havia na cidade sagrada um monte que, entre todos, era “mais forte e inexpugnável”: era o monte Sião, também conhecido como cidade de Davi.

*arrazoados que confirmam a tese, e das refutações ou argumentos adversos; uma peroração, às vezes precedida de uma recapitulação, na qual o pregador extrai as consequências práticas do que foi demonstrado e liga o desenvolvimento ao objetivo final que se impôs.” CHIAMPI, Irlemar. “O Barroco e a utopia da evangelização (Vieira e o “Sermão da Sexagésima)””. IN: ARAGÃO, Maria Lúcia Poggi de e MEIHY, José Carlos Sebe Bom (coord.). *América: ficção e utopia*. São Paulo, EDUSP, 1995, Nota n. 12, p. 470.*

¹⁷⁴ VIEIRA, António, *Op. cit.*, pp. 31-32.

“(...) e assim como Deus salvou a Jerusalém por amor de Si, pelo que tinha de cidade sua, assim a salvou também por amor de David, pelo que tinha de cidade de David”¹⁷⁶

Donde seguem as analogias: o monte Sião da Bahia é o monte onde está a Igreja de Santo Antônio, tão resistente aos ataques dos holandeses.¹⁷⁷ E o Davi deste Sião é Santo Antônio, local onde assentou sua casa:

“O monte Sião da Baía não há dúvida que é este monte em que estamos, posto que ao princípio tão mal fortificado, depois tão forte e inexpugnável, como as baterias e assaltos do inimigo, tanto à sua custa experimentaram. E que o David deste Sião seja Santo António, que nele assentou o solar de sua casa, facilmente se pode demonstrar até aos mesmos olhos; porque se do saial lhe fizermos a samarra, da corda a funda, da voz formidável do Demónio a harpa, de ser o menor da família de seu pai a família dos menores, e de ter sempre a Deus junto ao peito, ser aquele de quem disse o mesmo Senhor, que tinha achado um homem conforme ao seu coração, com pouca diferença de cores veremos naquele altar, ou de Santo António formado um David, ou David transformado em Santo António. Deste segundo David pois disse Deus no nosso caso: Protegam urbem hanc, et salvabo eam propter me, et propter David servum meum.”¹⁷⁸

De que modo a vitória da Bahia foi dividida entre o Senhor e seu servo? — pergunta o pregador. E, a seguir, responde que a cidade da Bahia é a cidade do Salvador e Bahia de Todos os Santos, donde se segue que sua defesa coube ao Salvador e a Santo Antônio respectivamente. Isto porque o taumaturgo é um santo universal, isto é, sendo um só é todos os santos.

É importante notar que o traço de universalidade está associado à noção de povo eleito, o qual tem como missão propagar a fé pelo mundo. Nas prédicas de Vieira, são os portugueses que, na época moderna, assumem o *status* de povo eleito. Podemos supor que Antônio, sendo português, possa exemplificar esta eleição através deste traço universal,

¹⁷⁵ VIEIRA, António, *Op. cit.*, pp. 34-35.

¹⁷⁶ *Idem, ibidem*, p 35.

¹⁷⁷ Durante as lutas para a expulsão dos holandeses de Salvador, foi reedificada uma trincheira junto à igreja de Santo Antônio devido à sua localização estratégica para a defesa da cidade. A “trincheira de Santo Antônio”, como foi denominada, sofreu dois grandes assaltos dos flamengos, mais adiante descritos pelo pregador, e ocupou lugar de destaque na luta contra os batavos.

bem como através dos desdobramentos retóricos que o repertório que envolve sua memória possibilitam ao orador. Cabe notar que a própria escolha do tema escritural do sermão permite esta analogia — portugueses: hebreus; holandeses: assírios.

A seguir, o jesuíta se refere às hierarquias dos santos e aplica cada uma delas a Santo Antônio:

*“Todos os santos do Céu se dividem em seis jerarquias: patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, confessores, virgens: e em todas estas jerarquias tem eminente lugar Santo António. Primeiramente é patriarca, sendo filho de S. Francisco, porque muitos dos filhos do mesmo santo o tomaram a ele por pai, e se chamam religiosos de Santo António, quais são os de toda esta província. Assim se chamaram filhos de Israel os descendentes de Abraão, tomando o nome, e reconhecendo por seu imediato patriarca a Jacob, não só filho, mas neto do primeiro e universal pai de todos.”*¹⁷⁹

Primeiro, o frade menor foi patriarca, pois, sendo filho de S. Francisco, muitos outros franciscanos tomaram ao taumaturgo lisboeta como pai e se denominaram religiosos de Santo Antônio. Aqui há uma referência à Província Franciscana de Santo Antônio, divisão da ordem seráfica.¹⁸⁰

Segundo, Santo Antônio foi profeta; para prová-lo, Vieira se refere às suas predições, como também ao “fato” de Deus tê-lo retirado de sua pátria:

*“Foi Santo António profeta, como conta de tantas cousas futuras que anteviu e predisse, não só pertences a esta vida, senão também à eterna, revelando-lhe Deus até os segredos ocultíssimos da predestinação das almas. Nem se confirma pouco a verdade deste espírito profético, com a necessária suposição de Deus o haver arrancado da terra onde nascera, porque nemo propheta in patria sua (Lc: 4:24).”*¹⁸¹

¹⁷⁸ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, pp. 35-36.

¹⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 36.

¹⁸⁰ De acordo com o cronista da ordem frei Jaboatão, durante os 50 anos iniciais da colonização, os frades menores teriam sido os únicos missionários em terras brasileiras e teriam vindo da província franciscana portuguesa que tinha como orago o taumaturgo lisboeta. Em 1584, há a criação da Custódia de Santo Antônio do Brasil, com sede em Olinda. Em 1647, a Custódia foi declarada Província.

¹⁸¹ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, pp. 36-37.

Terceiro, foi apóstolo ao pregar na Itália e na França e propagar a fé do Evangelho com palavras e milagres. Pelas conversões dos hereges recebeu o título de “Martelo das Heresias”:

“Foi apóstolo, e apóstolo de duas províncias tão dilatadas, como Itália e França, não só pregando nelas depois de cristãs a fé do Evangelho, e confirmando-a com infinitos e portentosos milagres; mas confutando e convencendo os erros, alumando a cegueira, e quebrantando o orgulho, a dureza e contumácia dos hereges, por onde foi chamado martelo das heresias: Perpetuus haereticorum malleus.”¹⁸²

É importante notar como o acento da missão apostólica recai sobre a conversão dos “hereges”, o que é interessante quando pensamos que a guerra que se travava era contra os holandeses calvinistas, também denominados “hereges” por Vieira.

Quarto, Antônio foi mártir, pois buscou o martírio no Marrocos, o que não ocorreu por vontade da Providência, que impediu que a fúria dos turcos o atingisse:

“Foi mártir, porque foi buscar o martírio a África, e posto que não derramou o sangue, tão mártir foi como se o derramara, porque se Deus disse a Abraão que não perdoara a vida a seu filho pela vontade e deliberação que tivera de o sacrificar: Nom pepercisti unigenito filio tuo propter me (Gn 22:12), não menos suspendeu Deus o braço e espada de Abraão, para que não executasse o golpe, do que teve mão nos alfanjes e cimitarras dos Turcos, para que na garganta e peito aberto de Antônio não empregassem a sua fúria.”¹⁸³

Quinto, foi confessor:

“Que fosse confessor, não há mister prova.”¹⁸⁴

Sexto, foi virgem; e, para demonstrá-lo, o jesuíta se remete à narrativa maravilhosa do monge que vestiu sua túnica e se libertou perpetuamente das “tentações sensuais”:

¹⁸² VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 37.

¹⁸³ *Idem, ibidem, loc.cit.*

¹⁸⁴ *Idem, ibidem, loc. cit.*

*“Mas a de ser perpetuamente virgem, é tão milagrosa e sem igual, que sendo necessárias a S. Bento as espinhas, e a S. Francisco os lagos enregelados para se livrarem das tentações próprias, a túnica que vestia António, só por tocar ou ser tocada na carne virginal daquele corpo mais angélico, bastava para que dela fugissem todas as tentações contrárias à pureza, e aos pecadores, mais forte e obstinadamente tentados, não só apagasse o fogo infernal, mas gerasse perpétua castidade.”*¹⁸⁵

Desta forma, o pregador conclui que, cabendo a todos os santos a defesa da Bahia de Todos os Santos, e tendo Deus prometido que a glória desta proteção haveria de repartir com um só servo seu, este só poderia ser o taumaturgo lisboeta: um santo universal que sendo “um só na pessoa, nos graus e jerarquias de santidade era todos os santos”.

Não podemos desconsiderar que a temática dos santos era também bélica, dada a negativa dos reformadores quanto ao seu culto. No sermão ora analisado, os católicos venceram os calvinistas com o auxílio de Deus e de Santo Antônio, seu defensor e protetor contra os inimigos da fé católica — acima de tudo, tratava-se de uma vitória da ortodoxia romana.¹⁸⁶

Após demonstrar que a defesa e a vitória da cidade foram repartidas entre Deus, como cidade do Salvador, e Santo Antônio, como Bahia de Todos os Santos, Vieira passa a narrar os principais lances da guerra procurando explicitar o papel que coube a Deus e ao taumaturgo lisboeta.

Em primeiro lugar, prega sobre a parte da defesa da cidade que coube à Providência. No seu discurso, Vieira ressalta que três promessas feitas por Deus para defender Jerusalém contra a invasão do exército assírio se cumpriram no caso da Bahia. Mais uma vez, o sítio à Bahia é visto como atualização do sítio a Jerusalém.

A primeira promessa de Deus era que o inimigo não entraria na cidade — da mesma forma, os holandeses não entraram em Salvador:

¹⁸⁵ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 37.

¹⁸⁶ Na peroração, o pregador glorifica aos capitães e soldados que expulsaram os holandeses e afirma que eles deveriam ser coroados com coroas cívicas por defenderem a cidade, murais por terem feito dos próprios peitos muros para proteger sua fraca trincheira e castrenses por obrigarem o inimigo a se render. No entanto, salienta que: “(...) a Coroa com que todas estas se coroam, é a da Fé (...) oferecendo-as todos como verdadeiros católicos, e lançando-as aos mesmos triunfantes pés do Salvador, e do santo que o tem em seus braços.” *Idem, ibidem*, p. 58.

*“Primeiramente não entrou o inimigo na nossa cidade, antes esteve tão longe de entrar, e nós tão seguros de que ele entrasse, que em todos os quarenta dias de combate, assim de dia, como de noite, sempre estivemos com as portas abertas. Nisto mostrou bem a cidade de Salvador, que seu salvador e defensor era Deus, porque só Deus pode impedir e cerrar as entradas com portas abertas.”*¹⁸⁷

A segunda promessa era que o inimigo não lançaria nela suas setas. Assim foi no caso da Bahia: o pregador contabiliza que 1.600 balas foram atiradas pela artilharia holandesa; contudo, as que foram lançadas nas trincheiras ficaram ali enterradas, e as que caíram sobre a cidade não mataram e nem feriram as pessoas. Em contrapartida, as balas lançadas pelos portugueses provocaram inúmeras perdas entre os flamengos:

*“Estes eram os brindes que o flamengo fazia à cidade; mas ela lhe respondia muito à portuguesa, porque recebendo tão pouco dano da chuva das suas balas, como fosse de água, a nossa o executava neles tão verdadeiro como de fogo e ferro. Eles brindavam à nossa saúde, e nós à sua morte.”*¹⁸⁸

A última promessa era que o inimigo não poria cerco à cidade. De acordo com o pregador, a Providência começou a defender e recuperar a Bahia dentro de Pernambuco, pois o general holandês determinou conquistar a Bahia e resolveu primeiro arrancar o exército pernambucano que se encontrava em “Sergipe de El Rei”. Estes “soldados e cabos” se incorporaram ao exército que se encontrava na Bahia, que, desta forma, fortaleceu-se para a guerra:

*“(...) Tal foi o estado em que o inimigo achou a nossa cidade, e por isso conforme a promessa divina se não atreveu a lhe pôr cerco: Nec circumdabit eam munitio; mas ensinado no seu próprio erro, reconhecendo o risco a que se expunha se dividisse as forças, tratou de as conservar unidas.”*¹⁸⁹

¹⁸⁷ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 41.

¹⁸⁸ *Idem, ibidem*, p. 43.

¹⁸⁹ *Idem, ibidem*, pp. 44-45.

Por outro lado, o Salvador proveu a sua cidade e durante toda a guerra não lhe faltou alimento:

“(...) E nós tivemos tão fora de pedir a Deus paz, para que nos não faltasse a abundância do sustento, que em todo tempo da guerra não só se sustentaram os que nos sustentaram de carne sempre fresca, nem só abundava a cidade de todos os bastimentos naturais da terra, ainda os mais hortenses e verdes(...)”¹⁹⁰

Em segundo lugar, refere-se à “parte da vitória e defesa da cidade” que coube a Santo Antônio:

“Até aqui vimos a parte da vitória, e defesa da cidade que tocou ao Senhor (propter me), que foi o muro. Agora veremos a que tocou ao servo (et propter servum meum), que foi o antemural. (...). E não só veremos o visto, senão também o invisível, porque se verá manifestamente a fortíssima resistência do nosso antemural, e quão a ponto pelejou sempre por nós e conosco o nosso segundo defensor Santo Antônio.”¹⁹¹

Emerge neste trecho a imagem do santo que lutou ao lado dos demais para defender a Bahia. Trata-se de um sermão bélico, no qual o santo é representado como defensor dos portugueses na contenda contra os batavos.

O pregador narra um episódio da guerra e afirma que o exército inimigo recuou ao avistar o morro de Santo Antônio como fez o Jordão que retrocedeu ao ver a face de Deus, presente na Arca da Aliança trazida pelo povo de Israel. Para demonstrar seu argumento, recorre à narrativa hagiográfica e pondera sobre o título atribuído ao franciscano de Arca do Testamento:

“Na vanguarda do exército dos Israelitas marchava a Arca do Testamento, e tanto que o rio deu de rosto com a Arca do Deus de Jacob, esta súbita vista lhe infundiu tal respeito e tal temor, que não só parou a corrente, mas voltou atrás: Jordanis conversus es retrorsum. Tem respondido David à sua pergunta, e também à minha. Santo Antônio por autoridade e canonização do supremo oráculo da Igreja, é a Arca do Testamento. Assim lhe chamou o

¹⁹⁰ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 45.

Sumo Pontífice, reconhecendo, pela voz de sua mais que humana eloquência, os profundíssimos mistérios da divindade que naquela grande alma estavam encerrados: Tantamque sui admirationem commovit, ut eum Summus Pontifex aliquando concionantem audiens, Arcam Testamenti appellarit. Pois assim como o ímpeto do Jordão, tanto que avistou a Arca do Testamento, parou e tornou atrás com a sua corrente, assim o orgulho do exército inimigo, tanto que do monte oposto descobriu o de Santo António, não só foi obrigado desta vista a fazer alto, mas a voltar a marcha que trazia. É verdade que ele não conheceu, nem podia conhecer a força oculta que o detinha; mas também o Jordão a não conheceu, nem podia conhecer, e contudo é certo que ele o deteve.”¹⁹²

O taumaturgo resistiu na sua trincheira não apenas contra o inimigo, mas também contra a Justiça Divina:

“(...) Na facilidade com que as outras fortalezas se entregaram ao inimigo mostrou Deus quão facilmente lhe podia também entregar as demais, e castigar toda a Baía. Na resolução com que a trincheirinha arruinada de Santo António se opôs tão fortemente à resistência, nos assegurou que só o mesmo santo era poderoso para ter mão no braço de sua justiça, para não nos castigar. Em uma e outra cousa falo pela Boca de Escritura.”¹⁹³

A seguir, para advertir o auditório quanto aos perigos do castigo divino, o pregador comenta uma passagem bíblica segundo a qual Davi poderia ter matado Saul e assumido o poder, mas não o fez, tendo apenas cortado deliberadamente um pedaço de sua capa para lhe mostrar quão facilmente poderia retirar sua vida. Vieira compara tal passagem com o avanço holandês sobre a cidade, o qual, sob a ótica do jesuíta, teria sido fruto da permissão divina; e, se Deus não entregara toda a cidade aos flamengos, ainda segundo o pregador, teria sido porque Santo António Lhe resistira na sua trincheira:

“Mas se o não executou assim Deus, foi porque Santo António, que nas ruínas da sua trincheira resistia visivelmente, de si para com o mesmo Deus lhe fez tão forte e poderosa resistência, que lhe teve mão no braço, para que nos não castigasse, como ameaçava e podia; antes em lugar do castigo nos desse a vitória.”¹⁹⁴

¹⁹¹ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 46.

¹⁹² *Idem, ibidem*, pp. 47-48.

¹⁹³ *Idem, ibidem*, p. 49.

Podemos perceber, mais uma vez, a preocupação do pregador em desvendar ao auditório os sinais da Providência na história.

A leitura da guerra a partir de uma chave providencialista também está na “Carta Ânua” de 1626, escrita por padre Vieira ao Geral da Companhia de Jesus, na qual narra a primeira tentativa flamenga de invasão da Bahia, em 1624. Ao analisar este documento, Alcir Pécora aponta no discurso do jesuíta a preocupação em afirmar que a invasão do inimigo era resultado, acima de tudo, de um castigo divino pela má disposição de seus moradores:

“O texto da ‘Carta Ânua’, aqui expõe alguns de seus argumentos no sentido de que a tomada de S. Salvador pelos holandeses era resultado menos do ‘esforço’ dos inimigos que efeito dos pecados da terra.”¹⁹⁵

No sermão ora analisado, padre Vieira procura evidenciar que Santo Antônio defendeu a Bahia contra o castigo divino e o compara mais uma vez a Moisés e, por conseguinte, compara também os portugueses ao povo eleito:

“Vai outra Escritura. Quis Deus não castigar, mas destruir cabalmente o povo que se chamava seu; e como por parte do mesmo povo se opusesse Moisés a esta resolução refere o caso o real profeta: e são estas as suas palavras: Dixit ut disperderet eos, si non Moyses electus ejus stetisset in confractione, id est, in ruptura muri (Sl 106:23): Decretou Deus e disse que os havia de destruir e acabar a todos; e assim havia de ser, sem dúvida, se Moisés, seu grande valido, lhe não resistisse; e onde? In confractione, in ruptura muri: nas ruínas do muro desbaratado e roto. Pode haver propriedade mais própria? Pois ainda foi mais própria no nosso caso que no de Moisés. Porque no de Moisés é metáfora, e no nosso foi pura e mera realidade. Bem vimos os vestígios da pobre trincheira velha, aberta, desfeita, arruinada, rota. Mas como era de Santo Antônio, dali resistiu o nosso defensor, não digo ao inimigo, senão a Deus, que se não fora meneado por Deus, não era nada o poder do inimigo. De Moisés diz o Texto que lhe dizia Deus: Dimitte me, ut irascatur furor meus (Ex 32:10): Moisés, deixa-me, deixa-me castigar. E se Moisés, que estava prostrado aos pés de Deus, tanto o apertava com as suas resistências; que faria o nosso santo, que o tem nos braços? O certo é que lhe diria como Jacob: Nom dimittam te, nisi benedixeris mihi

¹⁹⁴ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 49-50.

(Gn 32:26) e a bênção que alcançou, sendo tão forte contra Deus, foi, que muito melhor prevaleceria contra os homens, como mostrou o efeito.”¹⁹⁶

O pregador passa, então, a narrar os dois ataques dos holandeses à trincheira de Santo Antônio e a defesa empreendida pelo taumaturgo, defensor dos portugueses.¹⁹⁷ Para tanto, remete-se aos “dois combates” entre a Arca do Testamento e o ídolo dos filisteus, Dagon (1 Sm 5:3-4). De acordo com Vieira, a Arca do Testamento teria sido levada para a cidade de Azoto e colocada no templo junto a Dagon, para que parecesse despojo de tal ídolo: No dia seguinte, o ídolo dos filisteus amanheceu prostrado diante da Arca do Testamento. Os filisteus, então, restituíram o ídolo ao seu lugar e, no outro dia, Dagon não apenas estava prostrado, mas com a cabeça e as mãos cortadas e lançadas à porta do templo. Onde se seguem as analogias — Arca do Testamento: Santo Antônio; Dagon: holandeses:

“(...) De maneira que a Arca e Dágon tiveram dous combates em duas noites diferentes e em ambas ficou a Arca vencedora, e na segunda com muito maior e total vitória. Vamos agora à significação destes dous combates. A Arca do Testamento já sabemos que é Santo Antônio: o Dágon quem será? Entre todas as nações do mundo, nenhuma se achará mais propriamente representada nele que a holandesa. A figura do ídolo Dágon, como diz S. Jerônimo, e os outros intérpretes, era de meio homem e meio peixe: e tal é a terra de Holanda por sítio, e por exercício e modo de viver, tais são os seus habitantes. (...) Estes Dagones, pois, e estes anfíbios, são os que como homens nos queriam tomar a cidade, e como peixes a Baía, cuidando que levando a trincheira, ganhavam ambas. Mas não advertiram os cegos, que a trincheira era de Santo Antônio, e que assim como eles são os Dagones, Santo Antônio é a Arca do Testamento.”¹⁹⁸

¹⁹⁵ PÉCORA, Alcir. “Tópicos políticos dos escritos de Antônio Vieira”. IN: VIEIRA, Antônio. *Escritos históricos e políticos. Pe. Antônio Vieira*. Estabelecimento dos textos, organização e prefácio por Alcir Pécora. São Paulo, Martins Fontes, 1995, IX.

¹⁹⁶ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 50.

¹⁹⁷ Em ambos os ataques, os holandeses foram derrotados. O segundo, em 18 de maio, foi particularmente importante para o desfecho do sítio, pois foi quando os holandeses tentaram uma investida decisiva para tomar a trincheira e avançar sobre a cidade. A vitória dos portugueses é assim celebrada por Vieira: “Chegou enfim a noite decretória e fatal de 18 de Maio, em que acometeram a requestada trincheira três mil holandeses ajuramentados de, ou a ganhar ou morrer, dos quais muitos cumpriram a segunda parte do juramento, mas nenhum a primeira(...)”. E mais adiante: “(...) depois daquela fatal e felicíssima noite, se mudaram em ambos os arraiais as idéias da guerra; a qual no general inimigo, e nos nossos se fazia já com o pensamento: o de inimigo posto na retirada, e o dos nossos, em que se não pudesse retirar.” VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 51 e p. 55.

¹⁹⁸ *Idem, ibidem*, p.p. 52-53.

E ainda se referindo ao combate de 18 de maio, mais uma vez chama Santo Antônio de Davi e remete ao Salmo 118:11, o qual desvenda para o auditório:

“Oh! Como estou vendo o nosso santo lembrar-se da porfiada e estrondosa bataria daquela segunda noite, e como Deus nesta ocasião lhe deu o nome de David, Et propter David servum meum, gloriar-se da vitória e triunfar; dizendo com ele: Circumdederunt me sicut apes, exarserunt sicut ignis in spinis, et in nomine Domini, quia ultus sum in eos. (Sl 118:11): Cercaram-me como abelhas, arderam como fogo em espinhas, mas eu em nome do Senhor vinguei-me deles. Bem mostram as comparações serem de uma eloquência tão alegórica sempre, e erudita, como a que lemos em todos os escritos de Santo Antônio. Mas porque chama aos inimigos na investida e combate da sua trincheira abelhas, e diz que arderam como fogo nas espinhas? (...)”¹⁹⁹

Aqui os holandeses são comparados a abelhas pelo bom governo de sua nação, pelo apetite de mel que para cá os teria trazido, pelo ímpeto raivoso e pela especificidade da abelha que ao picar morre, tal como acontecera no combate de 18 de maio.

E o fogo ao qual o salmo se refere seriam as munições dos holandeses (granadas e outros artificios de fogo), disparadas incessantemente para quebrantar os ânimos dos defensores da Bahia.

“Tão fora estiveram aqueles medos artificiais de enfraquecer ou quebrantar a constância e resistência dos nossos, que as granadas que caíam acesas e inteiras, rechaçadas intrepidamente, tornavam outra vez para donde vieram: e as que rebentavam entre eles, rara, ou nenhuma feriam mortalmente. Enfim, conclui o oculto protector do seu terreno, que em nome do Senhor se vingou deles: Et in nomine Domini, quia ultus sum in eos. Não diz que venceu, senão que se vingou, porque a vitória responde à guerra, e a vingança à injúria. E porque os hereges lha faziam grande, atrevendo-se aos que pelejavam à sombra da sua casa, como os descomedidos profanadores daquele sagrado, não os trata como vencedor, mas como vingativo; e não com o decoro de vencidos, mas com a afronta de sacrílegos e castigados: Quia ultus sum in eos.”²⁰⁰

¹⁹⁹ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 53-54.

²⁰⁰ *Idem, ibidem*, pp. 54-55.

E o pregador conclui a interpretação do salmo chamando a atenção do auditório para o uso do verbo vingar. Segundo o jesuíta, o “oculto protetor” e “defensor” da Bahia de Todos os Santos, Santo Antônio, teria se vingado dos hereges e profanadores pois estes teriam lutado à sombra da sua casa.

A seguir, Vieira narra o desfecho do sítio à Bahia e a retirada dos holandeses.

Após descrever um plano dos portugueses para vencer os holandeses, ressalta que tal plano não foi posto em prática pois os holandeses fugiram secretamente. Então, pergunta por que o taumaturgo teria permitido que eles se retirassem e não fossem presos. E a resposta é encontrada por ele nas palavras de Deus, que teria dito que o inimigo voltaria por onde viera (2 Rs 19:33). Como castigo pelo atrevimento de atacar a cidade do Salvador, o inimigo fugiria, porque morrer na guerra é honra, fugir é afronta. Deus cumpriu com sua palavra e protegeu sua cidade, a cidade do Salvador. Santo Antônio, deparador do perdido, cumpriu suas obrigações impedindo que os holandeses levassem qualquer coisa das fortalezas que dominaram.

“ (...) Pois para que o soberbo infiel leve da cidade de Deus o merecido castigo de seu atrevimento, escape com a vida, mas fugindo. Por isso não quis Deus que acometêssemos o inimigo nos seus quartéis, como tanto desejavam os soldados, nem que acabássemos de o sitiá-los neles, como tinham determinado os generais; mas que vencido do temor, e convencido da própria desesperação, sem nova violência fugisse, e com uma fugida tão precipitada e torpe, deixando artilharia, munições, armas, bastimentos, e até o pão cozendo-se nos fornos, e nos ranchos a comida dos soldados ao forno, para que os negros da cidade da Baía tivessem com que banquetear a vitória. Mais ainda: que nas fortalezas rendidas estando à beira-mar, e dominadas dos seus navios, nem das armas levassem um arcabuz, nem da artilharia um bota-fogo, e ficassem tão inteiras em tudo, como as acharam. Mas também este milagre em corsários corria pelas obrigações de Santo Antônio, como tal pontual recuperador do perdido. ”²⁰¹

Na peroração, padre Vieira mais uma vez chama a atenção do auditório para a ação da Providência na história e, particularmente, para sua intervenção na vitória e defesa da Bahia, a qual foi repartida com Santo Antônio. Aqui recorre à representação do santo com o

²⁰¹ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, pp. 56-57.

menino Jesus nos braços. Podemos perceber como Vieira também se apropria da iconografia antoniana para transformá-la em argumento para sua *invenção*:

*“Cristo nosso Salvador é o verdadeiro Deus dos exércitos e das vitórias; o seu trono é Santo António, que tão de assento o tem nos braços: e diante deste Deus e deste trono vêm lançar as coroas que mereceram na presente vitória os famosos Martes de nossa milícia, mais gloriosas quando as põem aos pés de Deus, que quando Deus lhas pôs na cabeça. E chama-se Deus nesta ocasião, viventem in saeculu saeculorum, porque as vitórias temporais, tão sujeitas à variedade da fortuna, só postas aos seus pés podem ser eternas.”*²⁰²

Padre Vieira finaliza o sermão agradecendo aos “veteranos, cabos e soldados da milícia pernambucana” que lutaram na defesa da “cidade do Salvador”. Além disso, lembra a dor que, naquele momento, deveriam estar sentindo ao verem a Bahia defendida e “a sua pátria” ainda sob o poder dos holandeses. O pregador pondera que tais desfechos seriam oriundos da vontade divina, e que esta iria intervir para restaurar Pernambuco:

*“(…) Quis-lhe dar primeiro a Baía, como irmã mais velha e cabeça do estado. E depois de levarem esta glória, de que ela sempre lhe deva ser agradecida, então lhe cumprirá seus tão justos desejos, e com dobrado e universal triunfo os meterá de posse de sua tão amada pátria, como digna de ser amada.(…)”*²⁰³

Ao final do sermão, o jesuíta pede ao taumaturgo, como deparador do perdido, que restitua Pernambuco assim como havia feito com a Bahia. Neste trecho, Vieira se refere à popularidade de sua devoção na capitania ocupada pelos flamengos:

“(…) Assim o confiamos da bondade de Deus, e o esperamos da poderosa intercessão do nosso David, não menos interessado naquela perda, nem menos milagrosa a sua virtude para recuperar a Baía, que Pernambuco. Lembrai-vos, glorioso Santo, dos muitos templos e altares, em que éreis venerado e servido naquelas cidades, naquelas vilas, e em qualquer povoação, por pequena que fosse, e que nos campos e montes onde não havia casa, só vós a tínheis. Lembrai-vos dos empenhos e grandiosas festas com que era celebrado o vosso dia, e sobretudo, da devoção e confiança com que a vós recorriam todos em suas perdas

²⁰² VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 59-60.

*particulares, e do prontíssimo favor e remédio, com que acudieis a todos. O mesmo sois, e não menos poderoso para o muito que para o pouco. Apertai com que esse Senhor que tendes nos braços, e apertai-O de maneira que assim como nos concedeu esta vitória, nos conceda a última e total dos nossos inimigos. E nós como tão faltos de merecimento a reconheceremos sempre como sua e como vossa: como sua, dada por amor de si; e como vossa, alcançada por amor de vós: Propter me, et propter David servum meum.*²⁰⁴

2.2 Vós sois o sal da terra

Este “Sermão de Santo Antônio” foi pregado na festa que se fez ao taumaturgo na Igreja das Chagas em Lisboa, no dia 14 de setembro de 1642, na véspera da convocação das Cortes do Reino, durante o período inicial do primeiro rei da dinastia de Bragança.²⁰⁵ A convocação destas Cortes, as segundas daquele governo, tinha por fim remediar (para usar uma expressão recorrente na prédica) as finanças do Reino, tendo em vista sua conservação e defesa, já que, naquele momento, uma nova investida da Espanha poderia ocorrer.²⁰⁶

Ao longo do discurso, o jesuíta propõe que a conservação da autonomia lusitana estaria assentada no pagamento de impostos pelos três estados, o que implicaria a cessão estratégica dos privilégios e isenções da nobreza e do clero. Portanto, seu sermão visa a dissuadir e mover os estados a cederem no tocante à matéria tributária.

A questão que se coloca é: por que “celebrar festa” e pregar para Santo Antônio a 14 de setembro, na véspera da convocação das Cortes, quando suas memórias são festejadas a

²⁰³ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 61.

²⁰⁴ *Idem, ibidem, loc. cit.*

²⁰⁵ Padre Vieira havia chegado ao reino no ano anterior, aos 33 anos. Viajara da Bahia para Portugal, acompanhando o filho do Marquês de Montalvão, para levar o apoio do vice-rei ao novo monarca português, D. João IV. Permaneceu em Portugal até novembro de 1652 e, durante este período, tornou-se um dos mais influentes e importantes conselheiros do rei. Foi seu embaixador extraordinário para tratar da paz com Espanha e Holanda. Tornou-se, também, pregador da Capela Real: “*A função do pregador da Capela Real era interpretar religiosamente eventos, como vitórias em guerras, pestes, fomes, aparições de cometas, e ocasiões festivas e fúnebres da família real e da nobreza*”. HANSEN, João Adolfo. *Op. cit.*, p. 35.

²⁰⁶ Após 60 anos de domínio filipino, Portugal recuperou sua autonomia, em 1640, num movimento conhecido como Restauração Bragantina, pois a coroa foi entregue para D. João IV, duque de Bragança. A Espanha, no entanto, não aceitou a perda do reino lusitano, dando início a uma guerra que avançou até 1668, quando foi assinado um tratado de paz entre as duas nações ibéricas.

13 de junho? Ou ainda, por que recorrer à figura do santo para falar sobre a conservação do reino no período inicial do governo bragantino?

Nas palavras de Vieira:

*“Entendo que não vem Santo António hoje por hoje, senão por amanhã. Estavam publicadas as Cortes do Reino para quinze de Setembro; vem Santo António aos catorze, porque vem às Cortes. Como há dias que o céu está pela Coroa de Portugal, manda também seu procurador o Céu às Cortes do Reino”*²⁰⁷

De acordo com o pregador, portanto, o santo viria pois teria sido eleito no céu Procurador da Jerusalém celeste para as Cortes do reino:

*“Como tal dirá o Santo hoje seu parecer a respeito da conservação do Reino: e esta será a matéria do sermão. Santo António é o que há-de pregar, e não eu. E cuido que desta maneira ficará o sermão mais de Santo António, que nenhum outro; porque nos outros tratamos nós dele, neste trata ele de nós.”*²⁰⁸

Neste discurso, Santo Antônio é representado como Procurador das Cortes, o que é bastante interessante se nos remetermos aos estudos que investigam o papel atribuído à figura do “prodigioso português” no contexto da Restauração Bragantina.

De acordo com João Francisco Marques, o santo era freqüentemente invocado pelos portugueses durante a dominação filipina e, sobretudo, nos momentos mais delicados do período restauracionista, em meio às guerras contra Castela (1640-1668).²⁰⁹ Em seus

²⁰⁷ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 150.

²⁰⁸ *Idem, ibidem*, p. 153.

²⁰⁹ Por ocasião da vitória na batalha de Montes Claros, realizada em 1665 no oitavário de Santo Antônio (13 a 20 de junho), foram pronunciados inúmeros sermões gratulatórios ao taumaturgo. Marques se refere à prédica do jesuíta Manuel da Silva, que, segundo o autor, apropriou-se de aspectos do “culto popular” antoniano no seu discurso ao citar uma carta escrita em véspera da batalha e dirigida ao seu convento, em Lisboa, exigindo que Santo Antônio acorresse ao Alentejo, pois era soldado do exército português como em suas estátuas o vestiam. Diz a prédica: “*Havia Santo Antonio, sem perder o respeito ao hábito, de tomar a espada na mão, como vossa piedade o retrata nesta ocasião pelos vossos altares, & procissões, & tomar no exército o posto de vanguarda; particularmente quando S. António, como sabeis, estava alistado como soldado para esta campanha por huma carta, que se lhe mandou ao seu convento em Lisboa, cujo teor era o seguinte, conforme a cópia que me mandaram. Nosso Padre Fr. Antonio de Bulhões. Não parece decoroso a hum tam bom portuguez como Vossa Paternidade na Corte. Se he por falta de soldo, ahi vão os quatro mil reis de assento, & o estipendio quotidiano irá correndo. Parta se Sua Paternidade logo a defender o seu posto. Aceitou Santo António o soldo, esteve pelo contrato, foi-se a Alentejo, lá andou, (não há que duvidar) lá andou militando no coração de todos os Portuguezes (...)*” Como mencionamos no primeiro capítulo, no século XVII em Portugal

sermões, os pregadores dirigiam apelos à "*sensibilidade patriótica do santo*", posto que ele havia nascido em Lisboa e, portanto, era santo natural do reino, o que o predispunha a interceder pela vitória dos portugueses. Além de ser natural do reino, o santo possuía como principal atributo deparar o perdido, sendo-lhe dirigidas preces para restituir e conservar o reino usurpado pela Espanha.

O próprio fato de se pronunciar um panegírico para o santo, no dia 14 de setembro, na véspera das Cortes que iriam decidir sobre assuntos pertinentes aos destinos da pátria, demonstra como a figura de Antônio poderia ser pensada como *argumento afetivo*²¹⁰ e eficaz, haja vista sua importância naquele momento histórico.

Nesta prédica, tendo em vista a fragilidade da recém-conquistada autonomia lusitana, Vieira ressignifica a "virtude milagrosa" do santo deparador do perdido, ao afirmar que o santo é também conservador do que se pode perder.

Para demonstrar como o ofício de Procurador dos Céus nas Cortes do Reino é apropriado ao taumaturgo lisboeta, Vieira retoma o evangelho da celebração litúrgica do santo e se refere aos nomes que lhe são dados: sal da terra, luz do mundo e cidade sobre o monte.²¹¹ E esclarece os significados dos epítetos bíblicos, explicando que Santo Antônio se chama sal da terra por sua sabedoria, luz do mundo por seu ofício apostólico, e cidade porque os procuradores de cortes são cidades, pois o são por representação, assim Santo Antônio é cidade por representação. E representa "*a cidade acima dos montes*" que interpretado misticamente quer dizer a Jerusalém celeste. Desta forma, podemos perceber como cabe ao pregador acomodar epítetos bíblicos e todo o repertório que envolve a figura do santo à circunstância e aos efeitos da prédica.

O jesuíta pondera quão acertada teria sido a eleição divina, já que Santo Antônio possui as qualidades necessárias para exercer o ofício — ser fiel e estadista:

e suas conquistas americanas, Santo Antônio foi alistado no exército, atribuíram-lhe patentes militares e foi pago soldo para a ordem franciscana.²⁰⁹ Cf. MARQUES, João Francisco. *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668. A Revolta e a mentalidade*. Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989, Volume 1, p. 147.

²¹⁰ Emprego o termo *argumento afetivo* como argumento baseado na possibilidade de mobilização dos afetos do público. Sobre esta idéia ver ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. Prefácio Michel Meyer; introdução, notas e tradução do grego Ísis Borges B. da Fonseca. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

²¹¹ Mt 5:13-14 [Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte.]

*“E quem se podia presumir mais fiel, e ainda mais estadista, que Santo António? Fiel como português, Santo António de Lisboa; estadista como italiano, Santo António de Pádua.”*²¹²

E mais:

*“E como Santo António andou tantas e tão políticas em sua vida, Espanha, França, Itália, ainda nesta parte ficava mui acertada a eleição de sua pessoa, quanto mais crescendo sobre estes talentos os outros maiores de seu zelo, de sua sabedoria, de sua santidade.”*²¹³

O pregador acresce a estas qualidades sua virtude de deparar o perdido, que, neste sermão, para se adequar à circunstância, é ressignificada, como afirmamos anteriormente.

Inicialmente, padre Vieira pondera que a intercessão de Santo Antônio seria mais conveniente nas Cortes de Castela que nas de Portugal, tendo em vista que a Espanha desejava recuperar o domínio do reino lusitano, enquanto Portugal buscava preservar a autonomia conquistada em 1640. Contudo, apoiando-se no fato de Antônio ser um “santo natural”, salienta:

*“Ora, Senhores, ainda não conhecemos bem a Santo António? Santo António, para os estranhos, é recuperador do perdido; para com os seus é conservador do que se pode perder.”*²¹⁴

Para provar seu argumento, o jesuíta remete à lenda segundo a qual Santo Antônio teria salvo o pai da força:

*“(...) Caminhava o pai de Santo António a degolar (assim o dizem muitas histórias, inda que alguma fale menos nobremente), e chegando já às portas da Sé, e às suas, eis que apareceu o santo milagrosamente, fez parar os ministros da Justiça, ressuscita o morto, declara-se a inocência do condenado, e fica livre. Pergunto: Porque não esperou Santo António que morresse seu pai, e depois de morto lhe restituiu a vida? (...)”*²¹⁵

O pregador propõe a seguinte resolução para a questão acima:

²¹² VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 151.

²¹³ *Idem, ibidem, loc. cit.*

²¹⁴ *Idem, ibidem, loc. cit.*

²¹⁵ *Idem, ibidem, pp. 151-152.*

*“Aos estranhos ressuscitou-os depois de mortos: a seu pai conservou-lhe a vida, para que não morresse; que essa diferença faz o divino português dos seus aos estranhos. Para com os estranhos é recuperador das cousas perdidas, para com os seus é também preservador de que se não percam. Por isso com bem ocasionada propriedade se compara hoje no Evangelho ao sal: Vos estis sal terrae. O sal é remédio da corrupção, mas remédio preservativo: não remedeia o que se perdeu: mas conserva o que se pudera perder, que é o de que temos necessidade.”*²¹⁶

Podemos perceber como o pregador interpreta o repertório que envolve a figura do santo tendo em vista os efeitos a serem buscados. Ao longo do discurso emerge o santo como procurador das Cortes, cuja prerrogativa para com os seus é preservar e conservar as coisas para que não se percam. Desta forma, o taumaturgo é apresentado como *exemplum*²¹⁷ para os portugueses e tem como função mover o auditório:

*“Já Santo António tem dito seu parecer. Nestas quatro palavras breves, nestas seis sílabas compendiosas, Vos-es-tis-sal-te-rrae, se resume todo o arrazoadado de Santo António em ordem ao bem, e conservação do Reino. E ninguém me diga, que disse estas palavras Cristo a Santo António, e não Santo António a nós; porque como a retórica dos do outro mundo são os exemplos, e o que obraram em vida é o que nos dizem depois da morte; dizer Cristo a Santo António o que foi, é dizer-nos Santo António o que devemos ser. Vos estis sal terrae, disse Cristo a Santo António por palavras: Vos estis sal terrae, diz Santo António aos Portugueses por exemplo. Entendamos bem estas quatro palavras, que estas bem entendidas nos bastam.”*²¹⁸

As segundas Cortes do governo de D. João IV têm por fim “remediar o remédio” para conservação do reino, isto é, deliberar sobre matéria tributária visando sua eficácia para a conservação da autonomia lusitana. O jesuíta pergunta, então, ao frade menor:

²¹⁶ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 152-153.

²¹⁷ Santo António é *exemplum*, pois teve uma vida exemplar e, ao mesmo tempo, é figura do que poderia ocorrer em determinadas circunstâncias. Dito de outra forma, ele é história e inspiração. Nas palavras de Vieira: “dizer Cristo a Santo António o que foi, é dizer-nos Santo António o que devemos ser. Vos estis sal terrae”. É com este sentido que usamos o termo sistematicamente ao longo da dissertação.

²¹⁸ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 153-154.

*“Que remédio teremos para remediar os remédios? Muito fácil, diz Santo António: Vos estis sal terrae.”*²¹⁹

Para curar os remédios, há que se perceber em que pecaram. No caso dos tributos, pecaram pela violência; por conseguinte, seu remédio é a suavidade. E como fazer para que não se sintam os tributos, como torná-los suaves e fáceis de levar? Vieira retoma mais uma vez as palavras de Santo António:

*“(...) um só meio aponta o Santo nestas palavras, que transcende universalmente por todos os que se arbitrarem, com que qualquer tributo, se for justo, será mais justo; e se fácil, muito mais fácil, e mais suave: Vos estis sal terrae.”*²²⁰

É interessante notar nas citações acima como o *exemplum* fala e, como “falante”, confunde-se com o pregador. Tal efeito está presente em todo o discurso. Não podemos desconsiderar que, como afirmou o jesuíta no início da prédica, o sermão é de Santo António.

É importante ressaltar também que, na oratória sacra de Vieira, as Escrituras fornecem os argumentos para falar de questões temporais e políticas, como bem demonstra o trecho a seguir:

*“Hão-se de tirar os tributos com tal traça, com tal indústria, com tal invenção: Invenies staterem: que pareça o dinheiro achado, e não perdido, dado por mercê da ventura, e não tirado à força da violência. Assim o fez Deus com Adão; assim o fez Cristo com S. Pedro; e para que não diga alguém, que são milagres a nós impossíveis, assim o fez Teodorico com seus vassalos. A boa indústria é suplemento da Omnipotência, e o que faz Deus por todo poderoso, fazem os homens por muito industriosos.”*²²¹

O que nos remete às considerações de Alcir Pécora acerca da unidade teológico-retórico-política que permeia toda a obra sermonária vieiriana:

²¹⁹ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 155.

²²⁰ *Idem, ibidem*, p. 158.

²²¹ *Idem, ibidem*, loc. cit.

*“A leitura mais adequada do sermonário vieiriano, a sua hermenêutica mais fiel, conduz diretamente a uma verdadeira e sagrada política do Estado Cristão — e isso nos termos mais pragmáticos de obtenção da união de suas ordens dirigentes, da conservação de sua autonomia política, de sua expansão territorial, de suas leis de taxaço, entre outros.”*²²²

Como vimos, neste discurso o pregador propõe que a conservação da autonomia política do reino depende da suspensão temporária das imunidades e privilégios tributários do clero e da nobreza. Desta forma, exorta aos três estados do reino, que, por definição, são desiguais, para que atendam às conveniências e não o sejam.²²³

O pregador se dirige a cada um dos estados, começando pelo eclesiástico.

De acordo com Vieira, o direito humano — e segundo “alguns querem que também o divino” — estabelece que as pessoas e bens eclesiásticos são isentos de pagar tributos. Contudo, as circunstâncias reclamam a necessidade de cederem no tocante à imunidade para socorrerem as finanças do reino:

*“Não digo que paguem os eclesiásticos; mas digo que dêem: não digo reddite; mas digo da Liberalidade peço e não justiça; ainda que a ocasião presente é tão forçosa, que justiça vem a ser a liberalidade.”*²²⁴

Quando os reis necessitam, é legítimo que os bens eclesiásticos os socorram. Vieira se apóia na autoridade de Cristo para afirmar que “pode ser lícito pelas circunstâncias do tempo, o que pelas leis e cânones é proibido”. E ainda ressalta que os reis de Portugal merecem esta retribuição, ou melhor, a restituição do estado eclesiástico tendo em vista as contribuições e riquezas dispensadas pelos monarcas lusitanos para a fundação e o sustento de igrejas e mosteiros no reino.

²²² PÉCORA, Alcir. *O teatro do sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo - Campinas, Edusp - Editora da UNICAMP, 1994, p. 175.

²²³ Retomando autores clássicos, o jesuíta afirma que o sal é composto de três elementos — fogo, ar, água — e, em seguida, estabelece analogias entre tais elementos e os três estados da república: eclesiástico, nobreza e povo. O pregador propõe aos três estados que, assim como os elementos que compõem o sal, deixem “de ser o que são, para se reduzirem unidos a um estado que mais convenha à conservação do Reino”. E esclarece: “O estado eclesiástico deixe de ser o que é por imunidade, e anime-se a assistir com o que não deve. O estado da nobreza deixe de ser o que é por privilégios, e alente-se a concorrer com o que não usa. O estado do povo deixe de ser o que é por possibilidade, e esforce-se a contribuir com o que pode: e desta maneira deixando cada um de ser o que foi, alcançarão todos juntos a ser o que devem: sendo esta concorde união dos três elementos eficaz conservadora do quarto. Vos estis sal terrae.” VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 163.

²²⁴ *Idem, ibidem*, p. 165.

A seguir, padre Vieira se dirige ao estado da nobreza. O pregador apresenta duas razões para que o referido estado contribua com as finanças do reino. A primeira razão reside na própria relação entre a Coroa e a nobreza: se esta se sustenta a partir dos bens daquela, nada mais justo que socorrer a monarquia com seus próprios bens.

*“Vos estis sal terrae: Portugueses, entranhe-se na terra o sal ; entenda-se que o que se dá, é o sal e conservação da terra; e logo serão os tributos doces, ainda que pareçam amargosas as águas.”*²²⁵

A segunda razão apresentada pelo pregador diz respeito ao movimento restauracionista de 1640. Se a nobreza foi responsável pela ascensão do duque de Bragança ao trono, deve agora tomar para si a responsabilidade de sustentá-lo no poder e conservar a autonomia do reino:

*“Já que a fidalguia de Portugal saiu com a glória de levantar o rei, não deve querer que a leve outrem de o conservar e sustentar no Reino. (...) Nobreza de Portugal, já fizestes ao rei, conservá-lo agora é o que resta, ainda que custe: Ego feci, ego feram. Muito foi fazer um rei com uma palavra; mas conservá-lo com todo o sangue das veias, será a coroa de tão grande façanha.”*²²⁶

Por último, fala ao terceiro estado e pondera, inicialmente, sobre as razões pelas quais lhe resta a obrigação absoluta de pagar impostos. Mais uma vez, Vieira parte da passagem bíblica na qual Cristo orienta Pedro sobre o pagamento de impostos (Mt 17:27). Jesus manda seu apóstolo ir pescar e afirma que na boca do primeiro peixe acharia uma moeda para pagar o tributo. O pregador, então, pergunta qual seria o nome do peixe onde Pedro teria encontrado a moeda. E afirma que encontrou a resposta na obra de um outro jesuíta, chamado Adamus Conthzem. Segundo este autor, Plínio, na sua obra sobre história natural, chama a este peixe *Faber*. O jesuíta ressalta que não pagou o tributo um “peixe fidalgo”, mas um “peixe mecânico”. Desta forma, conclui:

²²⁵ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 171.

²²⁶ *Idem, ibidem*, p. 171.

*“Sobre os oficiais, sobre os que menos podem, caem de ordinário os tributos; não sei se por lei, se por infelicidade: e melhor é não saber porquê.”*²²⁷

Vieira passa, então, a enaltecer o terceiro estado por ser justamente este o que provê a coroa com tributos:

*“Em Lisboa não há povo. Em Lisboa não há mais que dous estados — eclesiástico, e nobreza. Vassalos que com tanta liberalidade despendem o que têm, e ainda o que não têm, por seu rei, não são povo. (...) E se quisermos dizer que há três, não são eclesiástico, nobreza, e povo, senão eclesiástico, nobreza e príncipes.”*²²⁸

O pregador conclui esta parte do discurso com a idéia central do sermão:

*“Só digo por conclusão, e em nome da Pátria o encareço muito a todos, que ninguém repare em dar com generoso ânimo tudo o que se pedir (que não será mais do necessário) ainda que para isso se desfaça a fazenda, a casa, o estado, e as mesmas pessoas; porque se pelo outro caminho deixarem de ser o que são, por este tornarão a ser o que eram: Vos estis sal terrae. A água deixando de ser água, faz-se sal, e o sal desfazendo-se do que é, torna a ser água. Neste círculo perfeito consiste a nossa conservação e restauração. Deixem todos de ser o que eram, para se fazerem o que devem; desfaçam-se todos como devem, tornarão a ser o que eram. Este é em suma o espirito das nossas quatro palavras: Vos, estis, sal, terrae.”*²²⁹

Na peroração, padre Vieira afirma que tudo o que disse no sermão foram louvores a Santo Antônio, pois chamou de propriedades do sal o que eram as virtudes do santo. Mais uma vez, o taumaturgo emerge da prédica como *exemplum* para os portugueses.

Podemos perceber que, no discurso em louvor ao santo, há um acento no seu ofício apostólico e na sua militância salvífica, virtudes estas associadas às descobertas portuguesas. Não podemos desconsiderar que, nesta prédica, o pregador lembra a todo o momento aos portugueses que eles são “o sal da terra”:

²²⁷ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 172.

²²⁸ *Idem, ibidem*, pp. 172-173.

²²⁹ *Idem, ibidem*, p. 173.

*“Se a primeira propriedade do sal é preservar da corrupção, que espírito apostólico houve que mais trabalhasse por conservar incorrupta a Fé Católica com a verdade de sua doutrina, com a pureza de seus escritos, com a eficácia de seus exemplos, e com a maravilha perpétua de seus prodigiosos milagres. (...) Se a terceira propriedade do sal apostólico era não ser de uma senão de toda a terra; quem no mundo mais sal da terra, que Santo António? De Lisboa deixando a pátria, para Coimbra; de Portugal, com desejo de martírio, para Marrocos; da arribada de Marrocos para Espanha, de Espanha para Itália, de Itália para França, de França para Veneza, de Veneza outra vez a França, outra a Itália, com repetidas jornadas: com os pés andou a Europa, e com os desejos a África, e se não levou os raios de sua doutrina a mais partes do mundo, foi porque ainda as não tinham descoberto os Portugueses”*²³⁰

Por outro lado, o pregador procura adequar a narrativa hagiográfica aos tópicos tratados na prédica, aplicando-lhe o tema escritural:

*“Se a quarta propriedade do sal for ser sujeito das transformações dos elementos, em que santo se viram tantas metamorfoses, como em Santo António, transformando-se do que era, para ser o que mais convinha? De Fernando se mudou em António, de secular em eclesiástico, de clérigo em religioso, e ainda de um hábito em um outro hábito, para maior glória de Deus tudo, sendo o primeiro em que foi crédito a mudança, e a inconstância virtude. Finalmente, se a última propriedade do sal é conseguir o seu fim desfazendo-se: quem mais bizarra e animosamente, que Santo António, se tiranizou a si mesmo, desfazendo-se com penitências, com jejuns, com asperezas, com estudos, com caminhos, com trabalhos padecidos constante e fervorosamente por Deus; até que em trinta e seis anos de idade (sendo robusto por natureza) deixou de ser temporalmente ao corpo, para ser por toda a eternidade à alma, aonde vive, e viverá sem fim?”*²³¹

Por último, gostaríamos de enfatizar que traços característicos da devoção antoniana, bem como sua iconografia, transformam-se em argumento para a *invenção* vieiriana:

²³⁰ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 173-174.

É interessante mencionar que, por duas vezes, o jesuíta se refere à passagem de santo Antônio pela Espanha. Não localizei em nenhuma *legenda* medieval esta informação.

²³¹ *Idem, ibidem*, p. 174.

“Se a segunda propriedade do sal, é, sobre preservativo, não ser desabrido, que santo mais afável, que santo mais benigno, que santo mais familiar, que santo enfim, que tenha uns braços tão amorosos, que por se ver neles Deus, desceu do Céu à Terra, não para lutar como Jacob, mas para se regalar docemente?”²³²

Cabe ressaltar que logo após ter sido pregado em 1642, este sermão foi publicado e circulou de forma avulsa, como também foi reeditado no Seiscentos — em 1645, 1658 e 1672.²³³ De acordo com João Lúcio de Azevedo, havia um interesse, por parte do governo, na sua ampla divulgação devido à temática do discurso:

“Os três sermões com significado político, o de Ano Bom, o de São Roque e o de Santo Antônio, foram logo dados a prelo. Lucrava com isso fama o pregador, mas era o ganho maior o trono a quem servia.”²³⁴

Na *editio princeps* dos *Sermões*, foi publicado no undécimo tomo que “saiu à luz” em 1696. O que parece questionar a própria afirmativa de Vieira no prefácio do primeiro tomo dos *Sermões* de que as prédicas seriam publicadas dependendo do seu estado de acabamento, pois, apesar de já estar praticamente pronto, o sermão apenas foi publicado no penúltimo tomo revisto pelo jesuíta, como foi dito.

²³² VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 174.

²³³ LEITE, Pe. Serafim SJ. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa - Rio de Janeiro, Livraria Portugália - Civilização Brasileira, 1949, Tomo IX, p. 205.

Constam do acervo da Biblioteca Nacional os seguintes folhetos publicados no século XVII deste sermão: VIEIRA, Antonio. *Sermão que pregou o r. p. Antonio Vieira na Igreja das Chagas, em festa que se fez a S. Antonio aos 14 de setembro deste anno 1642*. Lisboa: na Officina de Domingos Lopes Rosa, 1642.

_____. *Sermão que pregou o r. p. Antonio Vieira na Igreja das Chagas em a festa que se fez a S. Antonio aos 14 de setembro ... 1642*. Lisboa: na Officina de Domingos Lopes Rosa, 1645.

_____. *Sermam que pregou o r. p. Antonio Vieira na Igreja das Chagas em a festa que se fez a Sancto. Antonio, aos 14 de set. deste anno de 1642...* Coimbra: na Impressam de Thome Carvalho, impressor da Universidade, 1658.

_____. *Serman que pregou o r. p. Antonio Vieira na Igreja das Chagas, em festa, que se fez a S. Antonio, aos 14 de set. de 642: tendo-se publicado as cortes para o dia seguinte*. [s.l], [s.n.], 1672.

_____. *Sermão que pregou o p. Antonio Vieyra na Igreja das Chagas...14 de setembro ...*. Coimbra: Na Impressão da Viuva de Manoel de Carvalho, 1672

_____. *Serman que pregou o r. p. Antonio Vieira na Igreja das Chagas, em a festa, que se fez a S. Antonio aos 14 de set. de 642*. [Lisboa, s.n., 16__].

²³⁴ AZEVEDO, João Lúcio de. *Op. cit.*, p. 175.

Os quatro sermões que seguem pertencem ao período que padre Vieira se dedicou às Missões do Grão-Pará e Maranhão.²³⁵ Antes de descrevermos cada um dos sermões, cabe realizarmos um breve comentário.

De acordo com a crítica, a questão que fundamentalmente preocupava o jesuíta neste momento era a “regulamentação do governo das missões e suas relações com os coloniais”²³⁶. Para Vieira, o sucesso das missões indígenas na América dependeria do monopólio da Companhia de Jesus na condução dos negócios dos índios, com prerrogativa espiritual e temporal no tratamento do gentio, o que pressupunha, entre outros privilégios, “jurisdição independente das aldeias, sem interferência do governo da Província, a não ser em tempo de guerra, e sob condições restritas”²³⁷. Desta forma, considerava que se evitaria a dizimação do gentio através da exploração do seu trabalho.

Ao tratar deste período na vida do pregador inaciano, Hansen destaca que para o jesuíta *‘as verdadeiras minas do Maranhão’* eram as almas dos índios e dos colonos que deviam ser salvas. O crítico literário afirma que, para Vieira, a descoberta e cristianização do gentio precederia a instauração do Império de Deus na terra. Para tanto, era fundamental o papel dos pregadores evangélicos, tendo como aliado o poder temporal.²³⁸

Beatriz Catão, ao analisar os sermões do jesuíta pronunciados neste período, também afirma que o Maranhão emerge destes discursos como um campo de “almas a

²³⁵ Padre Vieira chegou ao Maranhão em 1653, integrando a missão jesuítica do Maranhão e Grão-Pará, onde encontrou grandes resistências dos colonos quanto às suas propostas relativas ao tratamento do gentio. Em 1654, partiu para Lisboa em busca do apoio real para regularizar o trabalho indígena e assegurar privilégios dos jesuítas no governo temporal e espiritual dos índios. Em 1655, retornou para a América, munido de uma provisão régia determinando várias medidas favoráveis aos jesuítas e aos índios. Contudo, os conflitos entre os colonos e os jesuítas, em torno principalmente da questão do cativo indígena, se agravaram ao longo dos anos e culminaram com a revolta dos moradores do Maranhão e Grão-Pará, acarretando a expulsão de padre Vieira, juntamente com outros jesuítas, em 1661.

²³⁶ PÉCORA, Alcir. “Tópicos políticos dos escritos de Antônio Vieira”. IN: VIEIRA, Antônio. *Escritos históricos e políticos*. Pe. Antônio Vieira. Estabelecimento dos textos, organização e prefácio por Alcir Pécora. São Paulo, Martins Fontes, 1995, XVII.

²³⁷ *Idem*. “Vieira, o índio e o corpo místico”. IN: NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 445.

²³⁸ HANSEN, João Adolfo. *Op. cit.*, p. 37.

conquistar”.²³⁹ Nesse sentido, compreendemos a afirmação de Margarida Vieira Mendes sobre a produção sermonária vieiriana neste momento:

*“Vieira escolhe preferencialmente santos ou figuras bíblicas que tenham sido pregadores, dada a vontade de engrandecer a profissão, de fixar suas origens e de mostrar os seus heróis.”*²⁴⁰

É durante a chamada “Missão do Maranhão”, que padre Vieira prega o maior número de sermões da série dedicada a Santo Antônio, preservados na *editio princeps*. Se compararmos com os dois sermões descritos anteriormente — de 1638 e de 1642—, nas prédicas que seguem há um maior acento na virtude apostólica do santo e na sua missão universal: ele é o “santo pregador”, “deparador de almas perdidas”, “apóstolo português”, entre outros títulos.

2.3. *Sal e luz da mesa do Santíssimo Sacramento:*

O primeiro “Sermão de Santo Antônio” que o jesuíta pregou em São Luís foi na festa do santo no ano de 1653. Juntamente com outros inacianos, Vieira havia chegado à América naquele ano e, logo na chegada do grupo, houve um grande choque com os colonos, já que os “soldados de Cristo” haviam trazido a nova da determinação régia quanto à suspensão do cativo indígena. Esta suspensão foi revista, dada a reação dos moradores do Maranhão, que argumentavam que não tinham recursos para comprar escravos africanos e que a economia do lugar dependia do trabalho indígena.²⁴¹

Em 1653, a festa de Santo Antônio foi celebrada juntamente com a Dominga *infraoctavam* de *Corpus Christi*.²⁴² Quando ocorre a coincidência de comemorações litúrgicas, deve o pregador adequar as matérias das festas em um único discurso:

²³⁹ Sobre a “missão do Maranhão” repensada a partir das prédicas vieirianas, ver: SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *O Pináculo do Temp(l)o. O Sermão de Padre Antônio Vieira e o Maranhão do Século XVII*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1997.

²⁴⁰ MENDES, Margarida Vieira. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa, Caminho, 1989, p. 274.

²⁴¹ HANSEN, João Adolfo. *Op. cit.*, p. 38.

²⁴² Com relação à celebração do santo, há a seguinte notação na rubrica da *editio princeps*: “Transferiu-se da sexta feira para o Domingo”. *Sermoens do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu, Prêgador de Sua Magestade. Parte Duodecima dedicada a Purissima Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa*. Lisboa, Na

*“Admirável é Deus em si mesmo, e admirável em seus santos; e por estas duas razões de admiração duas vezes admirável neste grande dia. (...) A primeira memória das maravilhas de Deus, é o Santíssimo Sacramento do altar: Memoriam fecit mirabilium suorum, escan dedit timentibus se (Sl 60:4-5). A segunda memória de suas maravilhas, é aquela grande maravilha de todas as memórias do mundo, o nosso prodigioso português Santo António. Ambas estas memórias se vieram a enlaçar neste dia. Todas estas maravilhas se vieram a encontrar e acumular nesta festa. E bem era necessária toda a graça da primeira, e toda a eloquência da segunda, para satisfazer a tamanhas obrigações.”*²⁴³

Mais adiante, Vieira afirma que, querendo reduzir as duas festas a um só discurso, achou-as tão unidas e seus sujeitos tão semelhantes que foi mais trabalhoso as distinguir que as enlaçar. Ao longo do sermão, o pregador compara as maravilhas do Santíssimo Sacramento e as de Santo Antônio, com vistas a demonstrar que o “prodigioso português” é a exposição e declaração das maravilhas da Eucaristia. Eis a matéria da prédica:

*“Só em Santo António está o Sacramento sem cortina, só em Santo António estão patentes e descobertas as maravilhas daquele sacrossanto mistério. Em qual daqueles altares cuidais que está o Sacramento propriamente exposto? Não está exposto naquele altar maior, senão neste. Exposto, quer dizer manifesto e declarado. E o Santíssimo Sacramento naquela custódia está desencerrado sim, mas exposto não; porque não está manifesto nem declarado. Só onde está Santo António, está o Santíssimo Sacramento propriamente dito; porque ele é a exposição e declaração das maravilhas do Santíssimo Sacramento.”*²⁴⁴

De acordo com Vieira, as maravilhas de Antônio ilustram e esclarecem as maravilhas do Santíssimo Sacramento: antes de o santo vir ao mundo, a Eucaristia era só

Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade. Com todas as licenças necessárias. Anno de 1699. À custa de Antonio Leyte Pereyra. IN: VIEIRA, António. *Sermões do Padre António Vieira*. Reprodução facsimilada da edição de 1699. São Paulo, EditoraANCHIETANA S. A., 1945, volume XII, pp. 107-132.

²⁴³ VIEIRA, António. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmão, 1993, Volume III, p. 225.

²⁴⁴ *Idem, ibidem*, pp. 227.

mistério de fé; depois que o taumaturgo veio ao mundo, é também mistério dos sentidos. Emerge deste sermão a imagem do santo sacramentado:

*“Quem não dirá, à vista desta semelhança de maravilhas, que é Santo António um santo sacramentado?”*²⁴⁵

Por todo o sermão, Vieira se refere a casos recolhidos do anedotário de Antônio para demonstrar e “alumiar” as prerrogativas do Santíssimo Sacramento. Como encarecimento retórico, o jesuíta pondera que algumas maravilhas do santo eram até maiores que as da Eucaristia.

*“Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo. Em um dia em que Deus assenta consigo à mesa os homens: em um dia em que os homens renovam a memória suavíssima da Ceia de Cristo: Homo quidam fecit coenam magnam, muito a tempo vem o sal, e muito a tempo a luz; o sal para a mesa, a luz para a ceia. Mas estes a tempos só em tempo de Santo António os logrou a Igreja. Enquanto Santo António não veio ao mundo, o mistério do Sacramento ao altar era como a mesa sem sal, e como ceia sem luz (logo direi o porquê); mas depois que Santo António saiu ao mundo, e o assombrou e esclareceu com os prodígios de seus milagres, ele foi o sal daquela mesa: Vos estis sal; ele foi a luz daquela ceia: Vos estis lux. Mas antes que eu diga como isto é, vejo que me dizeis todos, que não pode ser.”*²⁴⁶

Ao final, após tamanha exaltação da glória do “lume da Igreja”, exorta o auditório a fazer suas as maravilhas de Antônio e aconselha sobre a melhor maneira de recorrer à sua valia, não deixando de advertir quanto aos castigos destinados àqueles que empregam o patrocínio do santo com “má fé”. Para provar, narra um caso exemplar, supostamente ocorrido no Maranhão, quanto aos castigos reservados aos que forçam os indígenas a mentir no tocante a sua liberdade, bem como aos aprisionadores de índios, o que nos remete à circunstância da pregação e aos conflitos entre jesuítas e colonos em torno do escravização do gentio.

²⁴⁵ VIEIRA, Antonio. *Op. cit.*, p. 244.

²⁴⁶ *Idem, ibidem*, pp. 227-228.

Assim como nesta prédica, nos sermões de 1654 e 1657 parece que o pregador quer intimidar os colonos com o medo da perdição de suas almas, apontando os “erros em que viviam”.²⁴⁷

Esta prédica foi inserida na duodécima parte dos *Sermões*, publicada em 1699. Juntamente com o manuscrito enviado para impressão em Portugal, foi enviada carta informando a morte de Vieira, falecido em 1697. Após sua morte, mais três volumes dos sermões foram publicados.

2.4. *Vós sois o sal da terra*

Este “Sermão de Santo Antônio” foi pregado em São Luís do Maranhão, no ano de 1654, na festa do santo, três dias antes de Vieira embarcar para Lisboa “a procurar o remédio” para a salvação do gentio, isto é, em busca de medidas que regulassem o trabalho indígena e que assegurassem as prerrogativas dos jesuítas na condução dos assuntos concernentes aos índios, tanto sob o ponto de vista temporal quanto espiritual.

A partir do tema escritural *Vos estis sal terrae*, retirado do evangelho lido no ofício litúrgico do taumaturgo, Vieira desenvolve sua prédica e lança uma primeira questão:

*“O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa dessa corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber.”*²⁴⁸

Para tais questões apresenta duas resoluções. Se é o sal que não salga e a falha está nos pregadores, estes devem ser desprezados. Se é a terra que não se deixa salgar e são os ouvintes que não se deixam converter, Vieira propõe a resolução de Santo Antônio, que,

²⁴⁷ João Adolfo Hansen também chama a atenção para este aspecto das prédicas deste período. HANSEN, João Adolfo. *Op. cit.*, p. 38.

estando na cidade de “Arímimo” na Itália, e encontrando forte resistência dos “hereges” que não queriam ouvi-lo, abandonou os homens e pregou aos peixes. Posto que os homens não querem ouvi-lo, Vieira imitará o frade menor e pregará aos peixes. Eis a matéria do discurso:

*“(...) Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento, que nas festas dos santos é melhor pregar com eles, que pregar deles. Quanto mais que o sal da minha doutrina, qualquer que ele seja, tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo António em Arimino, que é força segui-la em tudo. (...)”*²⁴⁹

Podemos perceber no trecho acima como Vieira produz a semelhança com Santo António tendo em vista a circunstância da pregação: ao tentar ensinar a doutrina cristã, o franciscano enfrentou a resistência dos “hereges” de “Arímimo”, assim como Vieira encontra a resistência dos colonos. A resolução de mudar “o púlpito e o auditório” tem aqui um efeito cênico pois irá alicerçar toda a série de alegorias que o jesuíta constrói entre os peixes e os moradores do Maranhão, aos quais dirige inúmeras críticas.

A produção da semelhança entre Santo António e padre Vieira perpassa todo o sermão. Não podemos desconsiderar que o jesuíta possui o mesmo nome do santo, o que lhe permite transformar este sermão num discurso auto-referente, assim como fará em outros panegíricos dedicados ao taumaturgo, como veremos no próximo capítulo.

Neste sermão, o franciscano emerge como o “Santo Pregador”, um *exemplum* de orador cristão, modelo a ser seguido pelos demais:

*“Vos estis sal terrae. Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos se experimentam: conservar o são, e preservá-lo para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as pregações do vosso pregador Santo António, como também as devem ter as de todos os pregadores.”*²⁵⁰

À semelhança do sal, cabe ao pregador conservar e preservar o são, por isso o sermão de Vieira se divide em duas partes: na primeira, louva as virtudes dos peixes

²⁴⁸ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 249.

²⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 251.

²⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 252.

visando conservá-los no “bem” e, na segunda, repreende seus vícios para preservar seus ouvintes do “mal”.

Se, por um lado, o santo é apresentado como *exemplum* para os pregadores, por outro, também é *exemplum* para o auditório, que deveria imitar aquele modelo de virtudes cristãs. Ao se referir aos peixes “Voadores”, que representam os ambiciosos e os vaidosos, Vieira os exorta a imitar Santo Antônio, a quem foram dadas duas asas, sua sabedoria natural e sobrenatural, usadas não para subir, mas encolhidas para, ao descer, encobrir seus conhecimentos. O frade menor recebeu o título de Arca do Testamento; no entanto, durante muito tempo passou por leigo e sem ciência:

“Voadores do mar (não falo com os da terra) imitai o vosso Santo Pregador. Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de asas, não as estendais para subir, porque vos não suceda encontrar com alguma vela, ou algum costado: encolhei-as para descer, ide-vos meter no fundo em alguma cova: e se aí estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.”²⁵¹

Supomos que a figura do santo se transforma em *argumento afetivo*, tendo em vista a popularidade da devoção ao taumaturgo na América portuguesa, para mobilizar e mudar os “ânimos” do auditório com relação à questão do cativo indígena, ou mesmo em relação à ação dos jesuítas e, particularmente, à de Vieira.

Este sermão foi publicado na segunda parte da *editio princeps*, em 1682.

2.5 Candeia acesa para deparar as almas perdidas

Este “Sermão de Santo Antônio” foi pregado no Maranhão, na domingo *infra octavam* da festa do santo, que, no ano de 1657, coincidiu com a celebração da terceira domingo de Pentecostes.²⁵² Desta forma, Vieira parte dos temas escriturais das duas

²⁵¹ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 279.

²⁵² NEOTTI, Clarêncio. “Introdução ao Sermão de Santo Antônio”. IN: VIEIRA, Antônio. *Santo Antônio luz do mundo: nove sermões*. Transcrição, introdução e notas de Clarêncio Neotti. Petrópolis, Vozes, 1997, p. 159.

celebrações litúrgicas para desenvolver seu sermão.²⁵³ A partir desta união, Santo Antônio é apresentado como candeia acesa com que a Igreja militante na terra depara as almas perdidas.

Mais uma vez, percebemos como o pregador reinterpreta a “virtude milagrosa” do santo deparador do perdido dando-lhe uma conotação religiosa militante. Não podemos desconsiderar que era prática recorrente em Portugal e em seus domínios solicitar a intercessão do “lume da Igreja” para recuperar objetos perdidos, como foi mencionado anteriormente.

Ao se referir ao assunto do sermão, Vieira afirma:

*“De sorte que um Evangelho em parábola, e outro na significação dela nos dizem e pregam hoje concordemente, que a luz com que se acham as dracmas ou almas perdidas, é o nosso glorioso Santo António; mais glorioso por esta prerrogativa, que por todas quantas dele se podem e costumam pregar. Suposta esta propriedade, e concórdia de um e outro texto, nem eu posso tomar outro assunto mais evangélico, nem vós desejar outro mais útil, nem o mesmo Santo querer de mim e de vós outro que mais lhe agrade. Será pois o argumento de todo nosso discurso: António deparador de almas perdidas. E para que as nossas se aproveitem desta luz, que a todas mais ou menos é necessária, peçamos ao mesmo Santo como tão devoto servo, e tão favorecido da Mãe da Graça, interceda por nós, para que a alcancemos. Ave Maria.”*²⁵⁴

Podemos descrever este sermão da seguinte forma: Vieira ressalta a graça do santo de recuperar o perdido e exalta o auditório a recorrer ao seu “valimento” para deparar as verdadeiras perdas, quais sejam: as da alma. Demonstra que os dois vícios mais perniciosos ao homem são o da cobiça e o da sensualidade, e concentra sua argumentação na comprovação de sua tese: Santo Antônio é deparador das almas perdidas nestes dois vícios.

Para provar que o santo é deparador das almas perdidas nas “tentações sensuais”, o jesuíta recorre a uma narrativa extraída do anedotário de Antônio: a lenda do monge que se vestiu com a túnica do frade menor e se libertou das “tentações”. E para provar que o

²⁵³ Lc 15:8 [Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas e perder uma, não acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la?]

Mt 5:15 [Nem se acende uma lâmpada e se coloca debaixo do alqueire, mas na luminária, e assim ela brilha para todos os que estão na casa.]

²⁵⁴ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 287.

taumaturgo é deparador das almas perdidas no vício da cobiça, remete-se a outra narrativa maravilhosa: a conversão dos 22 ladrões graças à uma pregação do santo.

Nos dois “casos”, como encarecimento retórico, compara as maravilhas de Santo Antônio com as de figuras bíblicas, particularmente com as maravilhas de Jesus, sempre buscando ressaltar a superioridade e glória das obras do frade menor.

Na peroração, o pregador lança uma questão: dos dois vícios, qual o mais dificultoso de recobrar as almas? Depois de inúmeras ponderações, conclui que é o vício da cobiça, como bem demonstra o caso do filho pródigo, que, apesar de incorrer nas “tentações sensuais”, foi muito escrupuloso em matéria do alheio.

O acento colocado neste vício é por demais instigante quando nos remetemos à crítica que, neste período, Vieira faz à cobiça dos moradores do Maranhão que viviam do trabalho alheio, mais especificamente da escravização do índio.²⁵⁵ Mais uma vez emerge do discurso do jesuíta a tensão em torno da questão do gentio.

Ao final, Vieira exorta àqueles que se encontram nas malhas dos dois vícios a pedirem com confiança o patrocínio do “prodigioso português” e lhes ensina como fazê-lo. Neste trecho, a prática de amarrar a imagem do santo para alcançar um voto se transforma em argumento para a *invenção*:

*“(…) Não haveis de pedir a este Santo como aos outros, nem como quem pede graça e favor, senão como quem pede justiça. Quem pede justiça a quem tem por ofício fazê-la, pede requerendo; e quem pede a dívida a quem está obrigado a pagá-la, pede demandando: e assim haveis de pedir a Santo António: não só pedindo e rogando, mas requerendo e demandando: requerendo, como a quem tem por ofício deparar tudo o perdido; e demandando, como a quem deve, e está obrigado a o deparar. E senão dissei-me: porque atais e predeis este Santo, quando parece que tarda em vos deparar o que lhe pedis? Porque o deparar o perdido em Santo António não só é graça, mas dívida: e assim como predeis a quem vos não paga o que vos deve assim o predeis a ele: Eu não me atrevo nem a aprovar esta violência, nem a condená-la de todo, pelo que tem de piedade. Mas dar-vos-ei outro modo com que ateis a Santo António muito mais apertada e fortemente.”*²⁵⁶

²⁵⁵ Sobre este aspecto ver: PÉCORA, Alcir. “Tópicos políticos dos escritos de Antônio Vieira”. IN: VIEIRA, Antônio. *Escritos históricos e políticos. Pe. Antônio Vieira. Estabelecimento dos textos, organização e prefácio por Alcir Pécora*. São Paulo, Martins Fontes, 1995, XVIII.

²⁵⁶ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, pp. 317-318.

A prédica foi publicada na terceira parte da *editio princeps*, em 1683.

2.6. *Aquele que fizer e ensinar, terá nome de grande no reino do Céu.*

Este “Sermão de Santo Antônio” foi pregado no Maranhão na festa de Santo Antônio, que, naquele ano, coincidiu com o dia da Santíssima Trindade.²⁵⁷ A matéria do sermão nasce da união das duas celebrações litúrgicas. O jesuíta se propõe a demonstrar que as três Pessoas da Santíssima Trindade são responsáveis pelas “grandezas” de Santo Antônio: a Pessoa do Pai lhe dando o poder para fazer as obras (milagres), a Pessoa do Filho a sabedoria para ensinar e converter o mundo, e a Pessoa do Espírito Santo o próprio nome ou o nome próprio para santificar as almas e ser chamado, por antonomásia, o santo.

*“Tudo isto, e nada menos, é o que dizem as palavras do Evangelho, que tomei por tema: Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur in regno Coelorum (Mt 5:19). Aquele que fizer e ensinar, terá nome de grande no reino do Céu. (...) Santo António foi verdadeiramente grande, porque foi grande no reino do Céu. Mas porque estas grandezas no mesmo reino do Céu são maiores e menores: para manifestar a grandeza deste prodigioso menor, só o podia fazer toda Santíssima Trindade, porque toda Ela o fez grande. Este será o assunto do meu discurso; esta a união, ou unidade a que reduzirei o concurso destes dous dias, e este o nó indissolúvel com que em tanta disparidade de extremos atarei e concordarei uma e outra festa. Que diz o Evangelho? Três cousas grandes em três palavras: Qui fecerit, et docuerit, magnus vocabitur (Mt 5:19): e as mesmas três cousas mostrarei eu que foram aquelas com que as três Pessoas da Santíssima Trindade fizeram grande a Santo António. Mas de que modo? A Pessoa do Padre dando-lhe o fecerit; a Pessoa do Filho dando-lhe o docuerit; e a Pessoa do Espírito Santo dando-lhe o vocabitur.”*²⁵⁸

²⁵⁷ Este sermão não traz em sua rubrica a data em que foi pregado. Por ter sido pronunciado no Maranhão, pertence ao período em que lá esteve padre Vieira [1653-1654 // 1655-1661]. De acordo com Margarida V. Mendes, foi pregado em 1656, pois, neste ano, o domingo de Santíssima Trindade foi em 12 de junho, véspera da festa de Santo Antônio. Já Clarêncio Neotti lança a hipótese de que a prédica teria ocorrido em 1658, tendo em vista a data da morte do santo, 13 de junho de 1231, e o trecho do discurso no qual o pregador afirma: “Quatrocentos e vinte e sete anos faz hoje que Santo Antônio foi tomar posse do eminentíssimo lugar que tem na Corte do Céu.” MENDES, Margarida Vieira. *Op. cit.*, p. 551. NEOTTI, Clarêncio. *Op. cit.*, p. 193.

Ao ponderar sobre a união da celebração do dia de Santo Antônio e do dia da Santíssima Trindade, Vieira afirma que foi o da Trindade que veio autorizar, honrar e engrandecer o de Santo Antônio, para que a primeira, como autora das suas grandezas, fosse também a pregadora dele. Para alicerçar seu argumento, afirma que as grandezas e dotes singulares com que Deus levanta umas criaturas sobre as outras e umas obras sobre outras, posto que grandes, pertencem à Trindade do mesmo Deus e às três divinas Pessoas.

Segundo o jesuíta, a Primeira Pessoa Divina deu ao taumaturgo poder para realizar prodigiosas maravilhas. Como prova desta prerrogativa, afirma que Deus obra para o bem, pois é misericordioso e piedoso; sendo assim o *fecerit* de Antônio foi comunicado pelo Pai pois suas obras nunca foram para castigo, mas sim para remédio e utilidade de todos.

A seguir, procura demonstrar que a Segunda Pessoa Divina comunicou a Antônio a sabedoria para que ele pudesse ensinar e converter o mundo, pois se ao Pai é atribuída a onipotência, ao Filho é imputada a sabedoria. Para desenvolver sua argumentação, Vieira se refere a uma passagem de Lucas em que Jesus manda Pedro e seus companheiros lançarem a rede ao mar, e os pescadores, ao verem a abundância da pescaria, acabam por se converter (Lc 5:1-11). Remetendo-se à “Pregação aos Peixes”, o jesuíta afirma que Santo Antônio aprendeu e imitou Cristo e pescou homens com peixes:

*“Aos apóstolos disse Cristo: Faciam vos fieri piscatores hominum: Até agora éreis pescadores de peixes, eu farei que sejais pescadores de homens. Assim o fez Santo Antônio, mas por tal modo e tal arte, qual nunca eles, nem antes quando pescadores, nem depois quando apóstolos inventaram. Quando pescadores, Pedro, e os demais, pescavam os peixes com as redes; quando apóstolos, pescavam os homens com a pregação. E Santo Antônio trocou um e outro ofício. Aos peixes pescou-os com a pregação; e aos homens pescou-os com os peixes, fazendo dos mesmos peixes a rede com que os pescava.”*²⁵⁹

A segunda prova, de que o *docuerit* lhe foi comunicado pelo Filho, está na forma como conseguiu encobrir toda a sua sabedoria, assim como Cristo o fez antes de sair a pregar pelo mundo. E conclui o jesuíta que a Segunda Pessoa deu ao frade menor o exemplo para se esconder e lhe comunicou para ensinar o *docuerit*.

²⁵⁸ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 179.

²⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 202.

Por último, procura demonstrar que a Terceira Pessoa Divina deu o nome próprio ou próprio nome a Santo Antônio para que ele pudesse santificar as almas e ser chamado por antonomásia “o Santo”. Para demonstrar que o *vocabitur* foi comunicado e participado pelo Espírito Santo, Vieira refere-se à lenda do monge que, tentado pelo vício da sensualidade, foi curado pelo “prodigioso português” que lhe abriu a boca e com seu alento e respiração disse: “*Recebe o Espírito Santo*”. Donde Vieira conclui que para dar o Espírito Santo é necessário antes recebê-lo. Desdobrando ainda mais sua argumentação, afirma que o nome da Terceira Pessoa, “*pelo que é em si e pelo que obra em nós*”, compõe-se de três palavras: Espírito, Santo, Paráclito. Desta forma, o jesuíta ressalta que a Santíssima Trindade não apenas comunicou a Antônio o nome de Santo, mas também o antenome de Espírito, cuja propriedade é se estender por toda a parte, e o sobrenome de Paráclito, que quer dizer Consolador:

“(…) para que em todas as partes do mesmo mundo assistisse como espírito, e em todas fosse consolador, como é, de todos os que tivessem necessidade de consolação.”²⁶⁰

Neste discurso, padre Vieira apresenta o frade menor como taumaturgo e apóstolo português, a quem foi atribuído o título de “santo sem aditamento”.

A prédica foi publicada na undécima parte dos *Sermões* de padre Vieira, em 1696.

2.7. *Vós sois a luz do mundo*²⁶¹

Este “Sermão de Santo Antônio” foi pregado em Roma, na Igreja dos Portugueses, na ocasião em que o Marquês de Minas, embaixador extraordinário de Portugal, fez a embaixada de obediência ao papa Clemente X.²⁶²

²⁶⁰ VIEIRA, Antonio. *Op. cit.*, p. 219.

²⁶¹ Há polêmicas quanto à datação deste sermão. Autores como João Lúcio de Azevedo e Alcir Pécora afirmam que foi pregado em Roma no ano de 1670. Já Clarêncio Neotti procura demonstrar que sua pregação ocorreu em 1671. Contudo, na carta que enviou ao Marquês de Gouveia, em 20 de junho de 1671, padre Vieira diz que, naquele ano, não pregou para o taumaturgo: “(…) este ano Santo Antônio ficou sem sermão.” AZEVEDO, João Lúcio de. *Op. cit.*, Tomo 2, p. 117. PÉCOR, Alcir. *O teatro do sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo - Campinas, Edusp - Editora da

Tratava-se de um momento crucial para o reino português pois, desde que se separara da Espanha, em 1640, a Santa Sé ainda não havia reconhecido sua independência para evitar problemas com os espanhóis.²⁶³ Ao longo dos anos, seis embaixadas portuguesas foram enviadas a Roma para que o Papa reconhecesse a independência do reino de Portugal, mas apenas a última teve êxito. No sermão analisado, padre Vieira atribui este sucesso ao taumaturgo lisboeta, numa clara alusão ao seu atributo de deparar o perdido:

*“Assim recuperou Santo António à sua pátria em um dia, o que tinha perdido e pedido em tantos anos”*²⁶⁴

No “Sermão de Santo Antônio” em questão, o jesuíta prega a partir do tema escritural da celebração litúrgica do taumaturgo: *“Vós sois a luz do mundo”* (Mt 5: 14), aplicando-o a Santo Antônio e a Portugal.

No exórdio, o pregador declara a intenção e o argumento do sermão:

“Para louvor, pois, do santo português, e para honra e doutrina dos Portugueses que o celebramos, reduzindo estes dous intentos a um só assunto, e fundando tudo nas palavras do Evangelho: Vos estis lux mundi, será o argumento do meu discurso este: Que Santo António foi luz do mundo, porque foi verdadeiro português; e que foi verdadeiro português; porque foi luz do mundo. Declaro-me. Bem pudera Santo António ser luz do mundo, sendo de outra nação; mas uma vez que nasceu português, não fora verdadeiro português se não fora luz do mundo; porque o ser luz do mundo nos outros homens, é só privilegio da Graça; nos

UNICAMP, 1994, p. 232. NEOTTI, Clarêncio. *Op. cit.*, p. 279. VIEIRA, Antonio. *Cartas*. Coord. e anotadas por J. Lúcio de Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925-1928, Tomo Segundo, p. 350.

²⁶² Cabe esclarecer por que Vieira se encontrava em Roma naquele momento. O jesuíta partiu de Portugal para a Itália, em 1669, a fim de obter a revisão, pelo Santo Ofício Romano, da sentença de seu processo inquisitorial que se desenrolou na década de 60, em Portugal. A missão que, oficialmente, justificou a ida de Vieira para Roma era a da canonização do jesuíta Pe. Inácio de Azevedo e seus 39 companheiros, flagelados e atirados ao mar por corsários calvinistas, em 1570. Enquanto em Portugal, Vieira se encontrava apartado das principais decisões do reino e da corte do regente D. Pedro; em Roma, encontrou aclamação e reconhecimento quanto ao seu gênio oratório. Permaneceu naquela cidade até 1675, quando retornou para Lisboa, munido de um breve pontifício absolvendo-o das penas passadas e isentando-o para sempre da jurisdição inquisitorial portuguesa. Mais uma vez, D. Pedro o ignorou, mantendo-o à distância dos negócios da reino. Em 1681, parte para Bahia, onde permaneceu até sua morte, no ano de 1697.

²⁶³ NEOTTI, Clarêncio. *Op. cit.*, p. 279.

²⁶⁴ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 83.

Portugueses é também obrigação da natureza. Isto é o que hoje hão-de ouvir os Portugueses de si e do seu Português.”²⁶⁵

Um primeiro aspecto que podemos ressaltar do trecho acima diz respeito à celebração do santo, feita para seu louvor, mas também para honra dos portugueses, pois é como verdadeiro português que ele é comemorado.

Por outro lado, sua celebração também se faz para doutrina dos portugueses já que o taumaturgo apresenta-se como *exemplum* para os lusitanos na medida em que cumpriu a obrigação que lhes caberia, qual seja: o ofício apostólico. Assim sendo, Santo Antônio foi a luz do mundo porque foi “verdadeiro português”:

*“E porque a obrigação do ofício apostólico é alumiar o mundo com a luz do Evangelho, por isso lhes dá Cristo por título o mesmo carácter da sua obrigação, chamando-lhes luz do mundo: vos estis lux mundi. Esta prerrogativa tão gloriosa, que nas outras nações é graça particular das pessoas, nos Portugueses não só é particular das pessoas, senão universal de toda a Nação.”*²⁶⁶

Ao longo do panegírico, a narrativa do “milagre de Ourique”,²⁶⁷ relato fundador do reino de Portugal, e o repertório da vida do taumaturgo são relembrados e ressignificados pelo jesuíta para atualizar a obrigação dos lusitanos de “alumiar o mundo”, visando movê-los a realizar sua missão universal.

*“Foram sempre os soldados portugueses como os fabricantes do segundo Templo de Jerusalém, que com uma mão pelejavam e com a outra iam edificando. Nenhum golpe deu a sua espada, que não acrescentasse mais uma pedra à Igreja.”*²⁶⁸

No trecho acima, podemos perceber a ênfase dada pelo pregador à aliança entre o Estado português e a Igreja para o cumprimento do destino lusitano.

²⁶⁵ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 65-66.

²⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 66.

²⁶⁷ O “milagre de Ourique” diz respeito à lenda da milagrosa aparição de Cristo para o futuro rei de Portugal, Afonso Henriques, antes da batalha de 25 de julho de 1139 contra um poderoso exército de mouros. Esta aparição foi interpretada como um sinal inequívoco para a compreensão da vitória lusitana e para a “verdadeira” sagração de Afonso Henriques, feita pelo próprio Cristo. HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XV e XVII)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 149-150.

Não podemos desconsiderar a circunstância em que foi pregado o sermão, qual seja, em Roma, por ocasião do reconhecimento do reino português após ter-se separado da domínio da Espanha. Contudo, acreditamos que a ênfase dada pelo jesuíta à aliança entre a Monarquia lusitana e o Papa com o objetivo de cristianizar os povos possa ser pensada para além da circunstância da pregação do sermão. Parece-nos que a importância atribuída, por Vieira, a esta aliança, bem como ao seu fim último, acaba por nos remeter às suas teses proféticas. Por ora, esta questão fica aqui anunciada.

2.8. *De tal modo há de luzir a vossa luz diante dos homens*

Este “Sermão de Santo Antônio” é a segunda parte da prédica anterior. Diz a rubrica da *editio princeps* que o discurso foi escrito para ser pregado no ano seguinte, mas “*por enfermidade do Author*” isso não foi possível.²⁶⁹ Também sua publicação foi adiada para o 12º tomo dos *Sermões* por conselho do Marquês de Gouveia, em carta de 24 de junho de 1683. Por recomendação do correspondente, Vieira excluiu a prédica do 3º tomo de sua obra.²⁷⁰

Em seu livro sobre a obra sermonária vieiriana, Margarida V. Mendes remete a toda uma discussão em torno da provável datação, motivação da escrita e publicação desta prédica. A autora propõe que este sermão possa ter sido reescrito ou até escrito totalmente como resposta ao ataque, feito à figura de Vieira, pelos estudantes de Coimbra em 1682. Os estudantes simularam um auto-de-fé no qual queimaram um boneco de palha representando

²⁶⁸ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 80.

²⁶⁹ Em carta anteriormente mencionada ao Marquês de Gouveia, de 20 de junho de 1671, Vieira afirma que não se atrevia “*a pregar em Roma, porque os italianos não entendem o que eu digo, e os castelhanos querem entender mais do que digo*”, acrescentado que, assim, “*ficou este ano Santo Antônio sem sermão*”. VIEIRA, António. *Cartas*. Coord. e anotadas por J. Lúcio de Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925-1928, Tomo Segundo, p. 344.

²⁷⁰ Cf. MARQUES, João Francisco. “A cronologia da pregação de Vieira”. IN: MENDES, Margarida Vieira; PIRES, Maria Lucília Gonçalves e MIRANDA, José da Costa. *Vieira escritor*. Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. 119.

Cabe lembrar que, no terceiro tomo dos *Sermões* de padre Vieira, foi inserido o panegírico de Santo Antônio pregado no Maranhão em 1657.

o jesuíta e o acusaram de estar “vendido aos judeus, e quiça (ser) judeu também ele”.²⁷¹ De acordo com a autora:

*“Se Vieira escreveu o sermão só no Brasil, nele recordou e historiou a sua actuação em Roma; se o escreveu em Roma, ao pretender publicá-lo em 1682-1683 acomodou-o à nova circunstância enunciativa (igualmente persecutória) e não é de estranhar que haja modificado, ou amplificado, a versão anterior, o que pode ter ocorrido com grande número de sermões, como vimos”.*²⁷²

A datação da escrita da prédica é tarefa árdua e, por vezes, se revela de difícil conclusão. O que nos parece importante ressaltar, aqui, é como este caso se presta para refletirmos sobre a seleção dos sermões a serem publicados em cada volume, tendo em vista os acontecimentos envolvendo a figura do jesuíta e a história de Portugal.

As considerações acima nos remetem para a própria temática da prédica. Enquanto no sermão de 1670 o jesuíta celebrou as luzes de Portugal, neste se refere às suas sombras.

Nas palavras de Vieira:

*“Assim como há dias claros e escuros, assim o será o dia de hoje em comparação do passado. Hoje faz um ano (porque assim o pedia a ocasião e as circunstâncias da solenidade) preguei aos Portugueses as luzes da sua nação: agora lhes descobrirei a eles, e a todos, as sombras dessas mesmas luzes, para que se veja no que disse, e no que direi, que não foi lisonja ou afectação o louvor, pois eu mesmo, e aos mesmos, não calo, nem dissimulo o que neles se não deve louvar.”*²⁷³

Ao longo do discurso, o jesuíta pondera sobre o fato de o santo haver deixado sua pátria tendo em vista o tema da “ingratidão da pátria” e o “exílio dos grandes”. O pregador procura demonstrar que Santo Antônio, para cumprir a obrigação de ser “luz do mundo”, fora obrigado a partir de Portugal:

“Vede agora se tinha razão para dizer, que é natureza ou má condição da nossa Lusitânia não poder consentir que luzam os que nascem nela. E vede também se podia Santo António

²⁷¹ AZEVEDO, João Lúcio de. *Op. cit.*, Tomo Segundo, p. 218.

²⁷² MENDES, Margarida Vieira. *Op. cit.*, p. 558.

²⁷³ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 85.

*deixar de deixar a pátria, sendo filho de uma terra onde se não consente o luzir, e tendo-lhe mandado Cristo que luzisse: Sic luceat lux vestra.*²⁷⁴

Vieira propõe que, se o taumaturgo tivesse permanecido em Portugal, não teria cumprido a missão que lhe fora confiada. O fim e o intento de Cristo era que Santo Antônio de tal maneira luzisse diante dos homens, que eles vissem suas boas obras. Nada disso poderia ocorrer se Antônio permanecesse em sua pátria.

E por quê? Por três razões. A primeira razão é porque, na sua terra, o frade menor não poderia fazer as obras que lhe haviam sido determinadas por Cristo, não por falta de virtude do santo, mas por esterilidade natural da terra em que nascera. A segunda razão é que, mesmo se fizesse milagres em Portugal, os lusitanos não os haveriam de ver, pois os olhos da inveja cegam. E, ainda que as obras fossem feitas e vistas, por isso mesmo não haveriam de ser boas, pois, havendo olhos maus, não há boas obras. Eis a terceira razão.

A inveja “dá olhado” nas boas obras, escurece-as, destrói e envenena, porque nunca olha para toda a obra boa, assim como é em si mesma, senão que sempre a procura tomar por um lado e por aquela parte donde menos claramente se descobre sua bondade. Para exemplificar seu argumento, Vieira se refere às boas obras praticadas por Antônio, interpretando-as com olhar invejoso.

E conclui:

*“para a luz luzir, e as boas obras resplandecerem, é necessário que saiam e se apartem da terra das sombras, onde elas as podem eclipsar e escurecer.”*²⁷⁵

Por fim, Vieira parabeniza Antônio por ter deixado Portugal, desta forma não teve agravos que perdoar à sua nação. Entregou para Pádua suas relíquias como prendas do seu amor e gratidão, e também como prova de que o dever era sua única pátria.

Neste sermão, Santo Antônio é representado como um santo português que deixou sua pátria para cumprir a missão que lhe havia sido determinada por Cristo: ser pregador universal do mundo. Se houvesse permanecido em Portugal, sua luz não iria luzir, pois a inveja dos naturais não permitiria.

²⁷⁴ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 90.

²⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 121.

O pregador ao falar de Santo Antônio remete à mágoa que ele próprio sentia de Portugal: a inveja dos naturais também denegria suas obras.²⁷⁶ Enquanto na Itália, Vieira recebera aclamação e reconhecimento como grande pregador, em Portugal fora duramente criticado e relegado do cenário político onde outrora tivera grande influência.

2.9. *Aquele que fizer, e ensinar (diz Cristo), esse terá o nome de Magno*

Este sermão foi pregado na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses em Roma, provavelmente entre os anos de 1672 e 1674²⁷⁷, portanto no período em que padre Vieira já possuía notoriedade como pregador em Roma. E foi inserido no duodécimo tomo dos *Sermões* do jesuíta, publicado em 1699.

Nesta prédica, o jesuíta reivindica para Antônio de Lisboa o título de *Magno*, já que em Roma, para diferenciá-lo de Antônio do Egito, era chamado de Antonino.

Eis o assunto do sermão, nas palavras de Vieira:

*“Mas tão longe esteve Roma (este é o mais duro ponto do meu e do nosso sentimento), tão fora esteve Roma dar a António o nome de Magno, ou Máximo, que lhe dá o de Mínimo. Por me não atrever a pronunciar tão grande agravo, o dissimulei até agora. Como chama Roma ao nosso Santo António? Santo Antonino. Antonino a António? A António de Lisboa, a António o português, Antonino? Esta admiração, por lhe não chamar desde logo abuso, será hoje a matéria do meu discurso, de tal maneira apologético, que não deixa de ser panegirico. (...)”*²⁷⁸

²⁷⁶ “Deixe-se ficar António no campo damasceno da sua pátria, e se já a tem deixado, torne para ela, que nela achará, se se souber o que sabe, quanto ia buscar tão longe. Quando Santo António, depois de comer da árvore da sabedoria em tão profundos estudos, se escondeu como Adão, bem sabia que na sua pátria também é delito o muito saber, posto que não seja por desobediência, mas por mais obedecer e servir a Deus. Manifeste pois à sua terra o que sabe, deixe luzir (pois assim lho manda Cristo) a sua luz, e experimentará logo que esta mesma terra, que o fez o primeiro homem, em lugar de lhe tecer coroas de louro, se arma de espinhos e abrolhos, com que o martirize: *Spinās, et tribulos germinabit tibi.*” VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 95.

²⁷⁷ SALOMÃO, Sônia Netto. “Os sermões “italianos” de Antônio Vieira: contribuições para um estudo crítico.” IN: MENDES, Margarida Vieira; PIRES, Maria Lucília Gonçalves e MIRANDA, José da Costa. *Vieira escritor*. Lisboa, Edições Cosmos, 1997, 67. MENDES, Margarida Vieira. *Op. cit.*, p. 559.

²⁷⁸ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 125-126.

Para demonstrar a grandeza do santo português, o jesuíta procura provar que as obras de Antônio são maiores que as de Cristo. Para tanto, o jesuíta dividiu o sermão em duas partes, da mesma forma que o Evangelho dividira os fundamentos da grandeza de Antônio, quais sejam: fazer e ensinar. O fazer diz respeito aos milagres, e o ensinar à pregação.²⁷⁹

É interessante como, no trecho abaixo, a representação do santo com o Menino Jesus nos braços se transforma, mais uma vez, em argumento para a *invenção* de Vieira:

*“Olhai para aquele altar. Foi tão grande Santo António, que Cristo diante dele, parece pequeno. Falo da grandeza das obras e tenho licença do mesmo Cristo para o dizer assim. Qui credit in me, opera, quae ego facio, faciet, et majora faciet. Algum dos que crerem em mim, diz Cristo, não só fará as obras que eu faço, senão ainda maiores.”*²⁸⁰

Ao longo do sermão, Vieira procura demonstrar que tanto o fazer quanto o ensinar de Antônio são maiores que os de Cristo com vistas a persuadir o auditório, quanto por um e outro título, merece o frade menor o nome de grande. É interessante notar como Vieira dispõe seus argumentos para provar “a maioria do ensinar” de Antônio: primeiro se refere à forma como o taumaturgo ensinou os homens; em seguida, como ensinou os brutos; e por último, como ensinou o demônio.

Na peroração, o pregador se refere a uma prática do culto antoniano da cidade romana:

*“Houve também em Roma quem tivesse por demasiada a devoção da Escala Santa, por onde todas as segundas-feiras, desde a aurora até o meio-dia, estão subindo de joelhos, desde o pé do Capitólio até o alto de Ara Coeli, em contínua devoção, homens e mulheres a venerar a imagem de Santo António.”*²⁸¹

Neste sermão, padre Vieira ressalta os traços do santo português, grande por sua taumaturgia e pela eficácia de suas pregações. Como em outros panegíricos, o santo emerge como *exemplum* de pregador cristão.

²⁷⁹ Cabe ressaltar a semelhança entre este sermão e aquele pregado no dia da Santíssima Trindade em São Luís do Maranhão.

²⁸⁰ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 126.

²⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 147.

Como procuramos demonstrar nestas páginas, em cada prédica da série dedicada ao frade menor, padre Vieira produz um acento à figura do Santo Antônio, tendo em vista, muitas vezes, a circunstância da pregação e da publicação dos sermões. Há, contudo, quatro traços do santo que, particularmente, o jesuíta destaca em seus sermões: ser português, pregador apostólico, taumaturgo e franciscano.

Vieira celebra o santo português, o “filho ilustre de Lisboa” e “prodigioso parto da Lusitânia”. Um santo natural predisposto a proteger os lusitanos nas contendas contra a Holanda nos seus domínios além-mar, e a promover a conservação da independência lusitana, recém-conquistada frente à Espanha. O frade menor é visto como protetor de seu povo, até mesmo contra a ira de Deus: povo português, eleito para consumir a Providência na história e instaurar o reino de Cristo na terra. Acima de tudo, nos discursos vieirianos, o santo é *exemplum* para os portugueses ao cumprir sua missão universal.

A partir desta perspectiva, podemos compreender que os epítetos bíblicos mais citados nos sermões ora analisados são *Vós sois o sal da terra e Vós sois a luz do mundo*:

“metáforas aplicadas por Cristo aos Apóstolos e atribuídas na tradição eclesiástica a quantos os imitassem na missão de mestres e pastores da Igreja.”²⁸²

Santo Antônio nas prédicas de Vieira é, sobretudo, pregador universal do mundo que, com a eficácia divina de suas palavras e com seus milagres, “deparou as almas perdidas”.

Por sua sabedoria e eloquência, recebeu do Papa o título de “Arca do Testamento”. No entanto, Vieira destaca em várias prédicas que, durante muito tempo, o “santo menor” com humildade e simplicidade encobriu o seu conhecimento até que Deus lhe designasse o momento propício para revelar sua sabedoria. Nas palavras de Vieira, Antônio foi “filho de São Francisco” e, ao mesmo tempo, “pai da família seráfica”, sendo que muitos franciscanos foram denominados “Religiosos de Santo Antônio”, por pertencerem à

²⁸² MARQUES, João Francisco. “Santo António na Parenética Seiscentista Portuguesa”. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E TESTEMUNHO. 8º Centenário do Nascimento de Santo Antônio. Actas. Braga, Universidade Católica Portuguesa - Família Franciscana Portuguesa, 1996, Volume II, p. 855.

provincia ou custódia seráfica que tinha o santo como orago, tanto na América lusitana quanto em Portugal. Além disso, o jesuíta denomina Santo Antônio como “pai dos lumes”, ao ser nomeado por São Francisco o primeiro professor de teologia da ordem.

Padre Vieira afirma também que Santo Antônio foi “o mais prodigioso e milagroso de todos os santos”. A virtude milagrosa do santo mais citada nas prédicas ora analisadas é a de “deparar o perdido”. Rafael Bluteau, autor do *Vocabulário Portuguez e Latino*, explica o verbo “deparar” com um tom providencialista:

*“Usamos deste verbo, quando queremos dizer, que achamos alguma cousa a caso, ou por particular permissão divina.(...)”*²⁸³

Vieira ainda usa dois termos para designar esta virtude milagrosa do santo: restituir e recuperar.²⁸⁴ Vale observar que o verbo “restituir” tem no *Vocabulário* seu uso relacionado com a Justiça, tal como o emprega o jesuíta nos *Sermões de Santo Antônio* de 1657 e 1672-74, nos quais afirma ser ofício e obrigação do santo recuperar as perdas; por isso, como se prende a quem deve algo, também se amarra o santo até que restitua o que deve. Desta forma, o pregador toca na afetividade que marcou — e, que ainda hoje marca — a devoção antoniana. Nas palavras de Vieira, “não há outro consolador e paráclito mais pronto e mais familiar e doméstico, e que invocado diga, aqui estou”²⁸⁵.

De acordo com Jorge Cardoso, a virtude do taumaturgo de recuperar as perdas era a mais apreciada no seiscentos português. Nos sermões de Vieira, o santo depara desde as menores miudezas da casa até cidades, capitânias, reinos, como também o reconhecimento de Roma da autonomia portuguesa. Depara perdas temporais e perdas espirituais.

Gostaríamos, ainda, de destacar que, ao longo dos sermões são citadas aproximadamente 25 maravilhas recolhidas do anedotário de Santo Antônio. Estes “casos”,

²⁸³ BLUTEAU, d. Raphael. *Vocabulário portuguez e latino (...)* Autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos e offerecido a El-Rey de Portugal, D. João V. Pelo Padre D. Raphael Bluteau (...). Coimbra, no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Com todas as Licenças necessarias. Anno Domini M.DCC.XIII. Volume 3, p. 67.

²⁸⁴ De acordo com Rafael Bluteau: “Restituição. He hum acto de Justiça, com o qual se torna a cada hum, o que lhe retirou.(...)” *Idem, ibidem*, M.DCC.XX, Volume 7, p. 196. Já o termo “recuperar”, também utilizado por Vieira no sermão de 1638, por ocasião da expulsão dos holandeses da cidade de Salvador, é explicado por Bluteau como “tornar a cobrar” e exemplificado através de citação de Cícero: “Recipere urbem. Recuperar huma Cidade”. *Idem, ibidem*, M.DCC.XX, Volume 7, p. 168.

²⁸⁵ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 220.

como diz o pregador, se transformam em argumentos nas prédicas e, como tais, são interpretados de forma diferenciada em cada sermão. Destas maravilhas citadas, ao menos 12, estão relacionadas ou envolvem as pregações do frade menor, o que, mais uma vez, confirma a ênfase dada, por padre Vieira, ao ofício apostólico do santo.

Capítulo 3

Antônio, apóstolo português

*"O certo é que os santos, ainda os de primeira
jerarquia, não deixam de ser homens ..."*

Antônio Vieira, carta a D. Rodrigues de
Menezes, 25 de agosto de 1664.

Capítulo 3

Antônio, apóstolo português

3.1. Santo Antônio, apóstolo português

À parte as suas diferenças, as *legendas* medievais antonianas irão celebrar, sobretudo, a imagem do santo como pregador missionário. A militância de Santo Antônio, para propagar a fé católica, consta mesmo da Bula da Canonização, de 11 de junho de 1232, como virtude decisiva para sua santificação.

Nos sermões que dedicou ao taumaturgo, padre Vieira também rememora, particularmente, o pregador missionário que, com a eficácia de suas palavras, conseguia *reduzir* os ouvintes “mais obstinados”. As pregações antonianas são mencionadas em todos os sermões da série dedicada ao frade menor, nos quais Santo Antônio emerge como *exemplum* de pregador cristão. Suas pregações são vistas como documentos para os demais “pregadores da palavra de Deus”, como podemos perceber neste trecho do “Sermão de Santo Antônio”, pregado em dia da Santíssima Trindade:

*“Quando pregava, não cantava, e quando cantava, não pregava; porque a língua de Santo Antônio não era dos pregadores que cantam quando pregam. Isto de pregar cantando, é um vício e abuso, que se têm introduzido nos púlpitos, frouxo, fraco, e frio, e quase morto; sem força, sem eficácia, sem energia, sem alma; contra toda a retórica, contra toda a razão, contra toda a arte, contra toda a natureza, e contra a mesma Graça. O pregar não é outra cousa que o falar mais alto. Pregam cantando é muito bom para adormentar os ouvidos, e conciliar sono, por onde ainda os que mais cabeceiam, dormem ao tom do sermão. As vozes do pregador hão-de ser como as caixas e trombetas da guerra, que espertam, animam, e tocam à arma, como eram as de Santo Antônio; por isso todos o ouviam com uma atenção tão vigilante e tão viva, que nem pestanejar podiam, quanto mais dormir.”*²⁸⁶

²⁸⁶VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmão, 1993, Volume III, p. 201.

Na descrição acima, podemos discernir o tom bélico que caracteriza a espiritualidade inaciana. Os religiosos da Companhia de Jesus eram chamados “soldados de Cristo”, que deveriam combater em defesa e para a propagação da fé católica. Em Vieira, esta militância do pregador franciscano é celebrada, ele é “candeia acesa com que a Igreja militante na terra depara as almas perdidas”.²⁸⁷

No “Sermão da Sexagésima”, escolhido para introduzir sua obra sermonária, o jesuíta diferencia os pregadores do “paço” e os dos “passos”, com nítido elogio aos últimos:

*“Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear, são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão: os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na pátria. Terão todos sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semeadura: aos que vão buscar a seara tão longe, não-lhes de medir a semeadura, e não-lhes de contar os passos. Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos: Exiit seminare.”*²⁸⁸

Desta forma, podemos perceber como a atividade missionária era essencial para a Igreja militante proposta por Santo Inácio.²⁸⁹ De acordo com Beatriz Catão, diferente das ordens monacais, a ordem fundada por Santo Inácio se caracterizou pela vontade de “estar no mundo”.²⁹⁰ Alcir Pécora também ressalta que há, nas prédicas vieirianas, um deslocamento da trajetória ascética dos santos para a afirmação da “vontade santificada”, a qual poderia ser exercida no século.²⁹¹

Podemos perceber este deslocamento, entre outros aspectos, quando notamos, na série que Vieira dedicou ao taumaturgo lisboeta, não ser o ascetismo virtude recorrente nos

²⁸⁷ Esta releitura da virtude milagrosa do santo deparador do perdido sob uma ótica missionária também está presente no *Agiológico Lusitano*, como assinalamos no primeiro capítulo.

²⁸⁸ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, Volume I, p. 72.

Ao trabalhar com este sermão, os estudiosos ressaltam que, nesta prédica, padre Vieira dirigia uma crítica veemente aos dominicanos, principais integrantes do Santo Ofício e com os quais teria sérios conflitos, que culminariam com seu processo inquisitorial na década de 60.

²⁸⁹ Cabe destacar que, em termos teológicos, a Igreja se divide em: Militante, que está na terra; Padecente, no purgatório; e Triunfante, no céu.

²⁹⁰ SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *O Pináculo do Temp(l)o. O Sermão de Padre Antônio Vieira e o Maranhão do Século XVII*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 25.

É importante lembrar que as ordens mendicantes também propõem esta atuação no mundo, como adiante veremos.

²⁹¹ PÉCORA, Alcir. *O teatro do sacramento*. São Paulo - Campinas, Edusp - Editora da UNICAMP, 1994, p. 87.

discursos. Com exceção do “Sermão de Santo Antônio”, pregado em 1642, não há ênfase, por exemplo, à prática de mortificações realizadas pelo frade menor, nas prédicas ora analisadas.²⁹²

Enquanto nas *legendas* medievais consultadas, no *Flos Sanctorum* de Frei Diogo do Rosário e no *Agiolégio Lusitano*, embora com diferentes nuanças, há destaque para as descrições de mortificações e jejuns praticados por frei Antônio. De acordo com a *legenda Rigaldina*:

“A oração acompanhada do jejum é agradável a Deus, pois, enquanto aquela cura os males da alma, este cura os do corpo; por isso, o bem-aventurado Antônio, para viver isento de mal interior e exterior, castigava o corpo e mantinha-o na servidão, não fosse dar-se o caso de, pregando aos outros, ser julgado réprobo.

*Trazia sobre a carne uma cadeia de ferro, parte da qual ainda é conservada em Limoges, na habitação dos frades. Com tão inflexível austeridade sujeitava o corpo ao espírito que, com o andar cambaleante, a custo muitas vezes conseguia agüentar-se de pé.”*²⁹³

É importante lembrar que o *Agiolégio Lusitano*, escrito por Jorge Cardoso no século XVII, seguindo a tradição da *legenda* medieval *Benignitas*, atribui ao santo a criação dos *flagellantis*, grupos de pessoas que percorriam as ruas das cidades em procissão, entoando cânticos religiosos e praticando a autoflagelação:

*“Usando todos em seu tempo de publicas penitencias de sangue, rompendo o Ceo com [clamores] para aplacarem a divina ira, pedindo misericordia a todo proposito. Pelo que dizem graves Autores, ‘q o nosso S. foi inventor dos Disciplinantes, penitencia tam comum, & frequentada agora na Cristandade.”*²⁹⁴

²⁹² Estamos nos referindo ao seguinte trecho do “Sermão de Santo Antônio” de 1642: “Finalmente, se a última propriedade do sal é conseguir o seu fim desfazendo-se: quem mais bizarra e animosamente, que Santo Antônio, se tiranizou a si mesmo, desfazendo-se com penitências, com jejuns, com asperezas, com estudos, com caminhos, com trabalhos padecidos constante e fervorosamente por Deus; até que em trinta e seis anos de idade (sendo robusto por natureza) deixou de ser temporalmente ao corpo, para ser por toda a eternidade à alma, aonde vive, e viverá sem fim?” VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, Volume III, p. 174.

²⁹³ RIGAULD, Frei João de, OFM. “*Legenda Rigaldina*”. IN: SANTO Antônio de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, volume III, p. 35.

²⁹⁴ CARDOSO, Jorge. *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas. Consagrado aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio, insignes patronos desta inclyta cidade Lisboa, e a seu illustre Cabido Sede Vacante, composto pelo licenciado George Cardoso natural da mesma cidade. Tomo III. Que comprehende os dous meses de Maio, & Junho, com seus commentarios*. Lisboa: na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza, anno 1666, p. 662.

Há, portanto, nas prédicas que padre Vieira dedicou ao taumaturgo, um acento no seu ofício apostólico, isto é, na sua atuação no século. Ao mesmo tempo, nestes discursos as pregações do frade menor são permeadas por maravilhas. Nesse sentido, podemos dizer que os *Sermões de Santo Antônio* do jesuíta se vinculam à tradição das *legendas* medievais *Rigaldina* e *Benignitas*, que introduziram maravilhas em meio à vida de frei Antônio, transformando-o em imagem dos apóstolos de Jesus que, segundo a tradição bíblica, tinham suas pregações confirmadas por milagres.

No sermão de 1638, Vieira assim apresenta o santo:

*“Foi apóstolo, e apóstolo de duas provincias tão dilatadas, como Itália e França, não só pregando nelas depois de cristãs a fê do Evangelho, e confirmando-a com infinitos e portentosos milagres; mas confutando e convencendo os erros, alumando a cegueira, e quebrantando o orgulho, a dureza e contumácia dos hereges, por onde foi chamado martelo das heresias: Perpetuus haereticorum malleus.”*²⁹⁵

E no “Sermão de Santo Antônio”, pregado em dia da Santíssima Trindade, o jesuíta pondera:

*“E que se seguiu deste caso? Duas cousas: uma, que S. Pedro se lançou aos pés de Cristo confessando-se por pecador: Exi a me, quia peccator sum, Domine; como os hereges convertidos e prostrados aos pés do Santo António, confessaram o pecado da sua infidelidade. A segunda, dizer Cristo a S. Pedro que dali aprenderia a ser pescador dos homens: Ex hoc jam homines eris capiens: porque com a palavra de Deus, In Verbo tuo, e com a evidência dos milagres, In captura piscium, os Apóstolos então, e Santo António tantos anos depois, converteu o mundo.”*²⁹⁶

Contudo, nas *legendas* medievais, em nenhum momento a virtude apostólica de Santo Antônio está associada aos portugueses, mas sim ao seu ingresso na ordem franciscana, como bem demonstra o trecho a seguir, extraído da *Legenda Raimondina*:

²⁹⁵ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 37.

²⁹⁶ *Idem, ibidem*, pp. 203-204.

*“Esta profissão ia justamente de encontro quer ao designio divino a seu respeito quer ao seu santo propósito. Na verdade, ao futuro distinto pregador convinha perfeitamente aquela Regra, que forma claramente tanto para a vida apostólica como para a pregação, está muito ajustada a quem sente o desejo do martírio, pois que ensina os homens experimentados e acabados que têm aspirações de evangelizar os infiéis.”*²⁹⁷

Cabe ressaltar que, nas *legendas* medievais e no *Flos Sanctorum*, não se destaca que o frade menor era português. Excetuando-se a afirmação do local do seu nascimento e da descrição do período que viveu em Lisboa e Coimbra como Cônego Regrante, no mais não há ênfase nenhuma no seu vínculo com Portugal.²⁹⁸ A *Assidua* procura, justamente, perpetuar a memória do santo paduano. Já a *Rigaldina* visa introduzir as tradições limosinas na hagiografia antoniana, delineando a faceta do Santo Antônio de Limoges.²⁹⁹

No entanto, no *Agiologio Lusitano* e nas prédicas vieirianas, o taumaturgo é celebrado como “filho ilustre de Lisboa e Portugal”. Nestes discursos, trata-se de louvar o “santo português”. Com exceção dos sermões de 1638 e 1657, quando Vieira se refere ao frade menor apenas como “nosso santo”, nos sermões seguintes ele é dito português:

*“Para louvor, pois, do santo português, e para honra e doutrina dos Portugueses que o celebramos, reduzindo estes dous intentos a um só assunto, e fundado tudo nas palavras do Evangelho: Vos estis lux mundi, será o argumento do meu discurso este: Que Santo Antônio foi luz do mundo, porque foi verdadeiro português; e que foi verdadeiro português, porque foi luz do mundo.”*³⁰⁰

E, de acordo com Jorge Cardoso:

“Grande nome, & fama adquirio a populosa Cidade de Lisboa, pelo muito que obrarão as victorias, & invenciveis armas de seus temidos filhos no Universo, mas à vista das insignes virtudes, & façanhas spirituaes de Antonio, não ficão avultando nada. Porque se o valor, &

²⁹⁷ SAINT-ROMAIN, Frei Pedro Raymond de. “*Legenda Raimondina*”. IN: SANTO Antônio de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, Volume II, p. 62.

Cabe lembrar que, sobretudo a partir da *Vida Segunda* de frei Juliano de Spira, há um processo de “franciscanização” do santo, ou seja, uma apropriação do taumaturgo pela ordem seráfica.

²⁹⁸ É importante lembrar que a *Legenda Benignitas* insere um capítulo sobre os milagres de Santo Antônio que teriam ocorrido em Portugal e, na *Rigaldina*, consta uma passagem sobre o prodígios que ocorreriam no leito e dormitório de Santo Antônio, conservados no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

²⁹⁹ Sobre esta questão, ver Capítulo 1, “Santo Antônio: tradição hagiográfica e devocional”.

³⁰⁰ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 65.

brio Lusitano estendeo seu domnio, atè os ultimos fins da terra, o de Antonio foi tal, que dominou o mundo, & seus quatro Elementos, exercitando plenaria jurisdição em todos elles com grande imperio, segundo consta dos Annaes Ecclesiasticos, & Chronicas Seraphicas."³⁰¹

A articulação entre ser português e missionário aparece com destaque nestes sermões de Vieira e também está presente na obra de Jorge Cardoso, como bem demonstram as citações acima. Como adiante veremos, mesmo quando padre Vieira se refere ao ingresso de Santo Antônio na ordem franciscana, como primeiro movimento para cumprir sua missão de ser luz do mundo, logo associa esta militância a Portugal. O que nos remete para a ampla circulação de idéias milenaristas, sebastianistas e messiânicas em meio à Restauração Bragantina e mesmo anteriormente, durante o domínio filipino. Estas idéias projetavam no reino português a missão de instaurar o reino de Cristo na terra.³⁰²

Antônio Vieira foi o mais importante formulador do mito do Quinto Império no Seiscentos.³⁰³ Os textos proféticos mais conhecidos do jesuíta se concentram, diferentemente, na idéia de uma monarquia universal cristã sob o duplo comando do Papa e do príncipe português, capaz de destruir o turco e reduzir o conjunto dos povos à "religião verdadeira".³⁰⁴ Para a instauração deste Império, a ação dos pregadores evangélicos seria decisiva, pois caberia a eles o papel de converter os povos. A partir desta perspectiva, podemos melhor compreender a figura de Santo Antônio nas prédicas do jesuíta.

No "Sermão de Santo Antônio", pregado em 1642, podemos perceber a articulação entre a missão apostólica do frade menor e as conquistas portuguesas:

³⁰¹ CARDOSO, Jorge. *Op. cit.*, p. 655.

³⁰² No livro *A parenética portuguesa e a Restauração (1640-1668)*, João Francisco Marques busca investigar como os pregadores portugueses atuaram em face à Restauração Bragantina. Para tanto, o autor analisa um conjunto de sermões que tematizaram a autonomia política portuguesa, cabendo ao padre Vieira um lugar de destaque na produção desta "oratória restauracionista". Ao longo de sua obra, o autor procura demonstrar como este sermonário foi decisivo para a defesa e consolidação da aclamação de 1640, dada a própria importância que o púlpito desempenhava naquele momento histórico. Por outro lado, Marques ressalta que o discurso restauracionista estava assentado em dois pilares: na legitimidade jurídica da revolta e na crença no destino coletivo do reino lusitano em instaurar o reino de Cristo na terra. MARQUES, João Francisco. *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668. A Revolta e a mentalidade*. Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989. 2 volumes.

³⁰³ PÉCORA, Alcir. *Op. cit.*, p. 40.

³⁰⁴ *Idem, ibidem*, pp. 52-53.

*“Se a terceira propriedade do sal apostólico era não ser de uma senão de toda a terra; quem no mundo mais sal da terra, que Santo Antônio? De Lisboa deixando a pátria, para Coimbra; de Portugal, com desejo de martírio, para Marrocos; da arribada de Marrocos para Espanha, de Espanha para Itália, de Itália para França, de França para Veneza, de Veneza outra vez a França, outra a Itália, com repetidas jornadas: com os pés andou a Europa, e com os desejos a África, e se não levou os raios de sua doutrina a mais partes do mundo, foi porque ainda as não tinham descoberto os Portugueses”*³⁰⁵

Também no “Sermão de Santo Antônio”, pregado em Roma, por ocasião do reconhecimento da independência do reino português por parte da Cúria Pontifícia, a memória do santo informa as construções de Vieira sobre a missão apostólica dos portugueses. Ao longo do panegírico, a narrativa do “milagre de Ourique”, relato fundador do reino de Portugal, e a hagiografia do santo são rememoradas e ressignificadas pelo jesuíta para atualizar a obrigação dos lusitanos de “alumiar o mundo”, visando movê-los a realizar sua missão universal.

*“É glória singular do Reino de Portugal, que só ele entre todos os do mundo, foi fundado e instituído por Deus. (...) quando Cristo o fundou e instituiu, aparecendo a el-rei (que ainda o não era) D. Afonso Henriques, a primeira palavra que lhe disse foi: Volo: quero. Como o Reino de Portugal havia de ser tão filho da Igreja Católica, e lhe havia de fazer no mundo tão relevantes serviços, quis Cristo que a sua instituição fosse muito semelhante à da mesma Igreja. (...) A Afonso disse: Quero fundar em ti um império, não para ti, senão para mim: Imperium mihi”*³⁰⁶

Segundo Jacqueline Hermann, quando falamos em “milagre de Ourique”, estamos nos referindo a um conjunto de discursos construídos em torno desse relato fundador do reino português, que se constitui como matéria essencial para a compreensão da especificidade da sacralidade da monarquia portuguesa.³⁰⁷ A lenda da milagrosa aparição de

³⁰⁵ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, pp. 173-174.

³⁰⁶ *Idem, ibidem*, pp. 66-67.

³⁰⁷ É interessante retomarmos aqui o conceito de Eni Orlandi sobre discurso fundador. Segundo a autora, o discurso fundador é capaz do novo na medida em que rompe com uma filiação de memória e cria uma nova tradição, ou seja, cria uma nova memória. Neste processo, possibilita a formação de novos discursos e sentidos, o que Eni denomina de “novos sítios de significância”. Além disso, o discurso fundador constitui um imaginário social responsável pela construção de uma identidade, seja ela cultural, histórica ou nacional. Por último, cabe mencionar que ele cria o efeito do evidente e, dessa forma, acaba por conferir naturalidade a um discurso. Consideramos estas definições pertinentes para refletirmos sobre o papel atribuído ao relato de

Cristo para o futuro rei de Portugal, antes da batalha, foi interpretada como um sinal inequívoco para a compreensão da vitória lusitana e para a “verdadeira” sagração de Afonso Henriques, feita pelo próprio Cristo.³⁰⁸

Ao analisar a narrativa do “milagre de Ourique” nos sermões vieiranos, Alcir Pécora ressalta que o jesuíta considerava que o “Testamento” de Afonso Henriques, relatado por Frei Bernardo de Brito na *Crônica de Cister*, tinha um valor análogo ao das Escrituras, o que justificaria a sua interpretação exegetica. Para o jesuíta, Ourique representava a afirmação da definitiva aliança entre Deus e a nação portuguesa, selada na promessa de sucessão dinástica:

*“Ou seja, é a eleição (e conseqüente providencialização) do corpo místico de uma nação, entre todas, que justifica a garantia divina da sucessão hereditária de seu príncipe.”*³⁰⁹

Dentro dessa perspectiva, podemos perceber como, no discurso de Vieira, o “milagre de Ourique” acaba por sacramentar a eleição divina da nação lusitana, a qual foi instituída com o fim apostólico. Nas prédicas do jesuíta, são os portugueses que, na época moderna, assumem o *status* de povo eleito, cuja missão seria a de propagar a fé católica:

“Não para o fim político, que é comum a todos os reinos e a todas as nações, senão para o fim apostólico, que é particular deste reino, e desta nação. O mesmo Cristo disse nas palavras com que o instituiu: Ut deferatur nomen meum in exterar gentes: para que por meio dos Portugueses seja levado meu nome para às gentes estranhas. Ainda então não sabia o mundo que gentes estranhas fossem estas; mas

Ourique para a construção de teses proféticas portuguesas, as quais proclamavam que aos lusitanos caberia instaurar o reino de Cristo na terra. Contudo, é importante destacar que, no presente texto, quando pensamos na construção de uma identidade, não estamos nos referindo a uma identidade nacional, já que este conceito surgiu no século XIX e sua formulação estava ligado ao romantismo. Sobre discurso fundador, ver: ORLANDI, Eni Puccinelli. “Vão surgindo os sentidos”. IN: *Discurso Fundador (A formação do país e a construção da identidade nacional)*. Campinas, Pontes, 1993, p.p. 11-25.

³⁰⁸ HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XV e XVII)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 149-150.

É importante lembrar a tradição da aparição de uma cruz ao imperador romano Constantino, na véspera da batalha da Ponte Milvia, em 312, com a seguinte inscrição “*In hoc signo vinces*” (“Com este sinal vencerás”). Constantino se converteu ao cristianismo em 323. Ele é considerado modelo de rei cristão e foi responsável pelo *Edito de Milão* que, em 313, concedeu liberdade de culto aos cristãos no Império Romano.

³⁰⁹ PÉCORA, Alcir. *Op. cit.*, p. 241.

daí a 400 anos, quando também o mundo se conheceu a si mesmo, então o soube. Vede se foi instituição apostólica.”³¹⁰

Tendo em vista esta profecia, padre Vieira busca, então, demonstrar como o ofício apostólico do frade menor exemplificaria a eleição divina do reino de Portugal. Passamos, então, para um segundo momento do “Sermão de Santo Antônio”, de 1670, no qual o jesuíta entrecruza elementos da “vida” do santo e da trajetória do reino português, com o objetivo de demonstrar o tema escritural *“Vós sois a luz do mundo”*.

A “vida” de Santo Antônio não representa apenas o lugar onde se cristaliza uma memória cristã. Ela também exemplifica e recorda aos portugueses que foram escolhidos por Deus para “alumiar ao mundo”, o que nesta prédica de Vieira assume um *status* de verdade a ser demonstrada através de cinco movimentos da trajetória do taumaturgo que aqui são ressignificados pelo jesuíta:

“Suposta esta verdade tão autêntica, para que vejamos distintamente quão bem se desempenhou Santo Antônio da obrigação de verdadeiro português, e do título de luz do mundo, considero eu na sua luz cinco movimentos muito particulares: 1.º mudar de religião; 2.º deixar a pátria; 3.º embarcar-se e meter-se no mar; 4.º dedicar a vida à conversão dos infiéis; 5.º vir a Roma, onde estamos, e dar obediência ao Vigário de Cristo, como Portugal lha deu agora solenemente, e com tanta solenidade.”³¹¹

O primeiro movimento refere-se à mudança de ordem religiosa. Frei Antônio, que pertencia à ordem de Santo Agostinho, torna-se um frade menor. No discurso de Vieira, esta mudança teria ocorrido porque o taumaturgo era português e resoluto a “alumiar o mundo”. Não podemos desconsiderar que a ordem franciscana foi marcada por uma proposta de vivência da religiosidade no século; assim sendo, os frades menores deveriam sair pelo mundo para pregar através de obras e palavras, o que acabava por diferenciar a

³¹⁰ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, pp. 67-68.

No “Sermão de Santo Antônio”, pregado em 1638, dias após a expulsão dos holandeses da cidade da Bahia, o jesuíta escolhe um tema escritural retirado do Segundo Livro dos Reis, capítulo 19, versículo 34. Este trecho diz respeito ao cerco imposto pelos assírios à cidade de Jerusalém, o qual, de acordo com a interpretação do pregador, é atualizado no cerco imposto pelos holandeses à cidade da Bahia, donde se segue a seguinte analogia — portugueses: hebreus; holandeses: assírios.

³¹¹ *Idem, ibidem*, pp. 68-69.

referida ordem daquelas que privilegiavam a vida contemplativa, como a de Santo Agostinho. Contudo, a citação a seguir demonstra como esta não era a questão essencial para Vieira.

*“E como entre todos os patriarcas, entre todos os generais da Igreja militante, só Francisco levava diante a bandeira das Cinco Chagas, só debaixo desta bandeira se devia alistar António como português, e como luz do mundo: como português, para seguir as sagradas Quinas: como luz do mundo, para alumiar com elas os infiéis.”*³¹²

É interessante notar a forma como o jesuíta se refere aos santos franciscanos Antônio e Francisco. Em suas palavras, predomina um tom bélico e militar que nos remete aos princípios da Companhia de Jesus. A este respeito, considero interessante retomar o “Sermão de Santo Antônio”, pregado dias após a expulsão da holandeses da cidade da Bahia. O pregador ressalta que todos os santos do céu poderiam ter defendido a cidade e “acudi[do] a proteção em que ela os tinha empenhado com o nome de Bahia de Todos os Santos”. O trecho a seguir é exemplar para demonstrar como o jesuíta, em acordo com a espiritualidade inaciana, representa os santos como guerreiros. Ao interpretar o Salmo 149 como profecia do que iria acontecer na Bahia, afirma:

“ (...) Que os santos do Céu se empreguem todos em louvores de Deus, essa é a ditosa ocupação daquela pátria bem-aventurada: mas que juntamente estejam com as espadas desembainhadas nas mãos para pelejarem e vencerem seus inimigos; que espadas são, ou podem ser estas? São no caso presente as mesmas com que os nossos soldados pelejaram e venceram. A espada com que Gedeão pelejou e venceu, chamava-se Gladius Domini et Gedeonis (Jz 7:20): Espada de Deus e de Gedeão. E porquê? Porque no mesmo tempo era meneada por duas mãos: visivelmente pela mão de Gedeão, e invisivelmente pela mão de Deus. Do mesmo modo no nosso caso. As armas com que vencemos o inimigo, visivelmente eram meneadas pelas mãos dos nossos soldados na Terra, e invisivelmente pelas mãos de todos os santos no Céu: Et gladii ancipites in manibus eorum. E porque estas mãos invisíveis de todos os santos eram as que principalmente nos deram a vitória, por isso

³¹² VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 69.

conclui excelentemente o profeta, que a glória da mesma vitória é de todos os santos: Gloria haec est omnibus Sanctis ejus. (Sl 149:9)”³¹³

Em *Teatro do Sacramento*, Alcir Pécora interpreta a referência ao duplo gládio de Gedeão como a aliança do poder espiritual e temporal (Igreja e Estado) na militância da nação eleita:

“A citação parece-me importantíssima: não tanto por revelar o inspirado nos feitos da nação eleita, mas porque essa inspiração é entendida por Vieira em termos efetivos de poder e distribuição universal de justiça: o “duplo gládio”, temporal e espiritual, é atualizado na história pelas ordens de Portugal.”³¹⁴

No “Sermão de Santo Antônio”, de 1670, padre Vieira providencializa o Estado português, ao associar as quinas, ou seja, os cinco escudos que compõem as Armas de Portugal, com as cinco chagas de Cristo que aparecem como emblemáticas da ordem franciscana, na medida em que estão associadas à estigmatização do patriarca São Francisco.³¹⁵

Mais adiante, o pregador explica que foi o próprio Cristo quem deu a Portugal, por armas e por brasão, as sagradas quinas para que os lusitanos convertessem “as gentes”, como havia profetizado São Tomé:

“Muitas cousas profetizou S. Tomé na Índia, dos Portugueses, mas esta profecia foi o cumprimento de todas. Que havia de ser conquistada a infidelidade das

³¹³ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 38-39.

³¹⁴ PÉCORA, Alcir. *Op. cit.*, pp. 246-247.

³¹⁵ É interessante mencionar que, no Catálogo da Exposição *Santo Antônio. O santo do Menino Jesus*, há um painel português do século XVI, intitulado “Apresentação do Menino no Templo, Santo Antônio e São Francisco”. Trata-se de um tríptico, em cujas laterais encontram-se os dois santos franciscanos. Segundo a historiadora Marie-Léopoldine Lievens-de Waegh, Santo Antônio ocupa um lugar de honra no tríptico, pois está à direita do grupo central, posição esta que caberia ao fundador da ordem. Por outro lado, as armas reais portuguesas e a *Esfera Amilar*, símbolo de D. Manuel, estão pintadas no vitral que sobrepuja a figura do taumaturgo, cujo gesto parece apontar para tais armas. Já o Menino Jesus, que o santo traz sobre seu livro, “... numa atitude insólita ajoelha-se como um rei, num só joelho, acompanhando com seu olhar o gesto do santo”. Segundo Jean Delumeau, o reinado de D. Manoel foi marcado pela forte presença da espiritualidade e das teses proféticas franciscanas. Na literatura da época, as conquistas portuguesas eram exaltadas como obras de Cristo. Tendo em vista estas considerações, acreditamos que a figura de Santo Antônio possa ter sido emblemática na construção da sacralidade da monarquia lusitana. ALVES, Maria da Trindade Mexia. *Santo Antônio: o santo do menino Jesus*. Lisboa, ICEP, 1996, p. 81. DELUMEAU, Jean. “Milénarismo português”. In: *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, pp. 176-182.

*gentes, em virtude das Cinco Chagas de Cristo: que havia de ser conquistada a infidelidade das gentes, não pelas armas dos Portugueses, senão pelas armas de Portugal. Deu-nos Cristo por armas e por brasão as sagradas quinas, e essas quinas foram as nossas armas.*³¹⁶

Para que a profecia fosse cumprida, era necessário que os lusitanos saíssem de Portugal. Este foi o segundo movimento de Santo Antônio:

*“Funda-se esta pensão de sair da pátria na obrigação de ser luz do mundo. Como pudera Santo António ser luz de França e de Itália se não saíra de Portugal?”*³¹⁷

De acordo com Alcir Pécora, para o jesuíta a vocação para o universal, bem como a escalada invencível de Portugal pelo mundo representavam sinais inequívocos da eleição divina da nação lusitana.³¹⁸ Nos termos colocados por Vieira, os portugueses possuíam uma disposição natural para o apostolado.

Cabe ressaltar que, ao longo do “Sermão de Santo Antônio”, pregado em Lisboa no ano de 1642, o jesuíta lembra repetidas vezes ao auditório: *Vos estis sal terrae*:

*“E ninguém me diga, que disse estas palavras Cristo a Santo António, e não Santo António a nós; porque como a retórica dos do outro mundo são os exemplos, e o que obraram em vida é o que nos dizem depois da morte; dizer Cristo a Santo António o que foi, é dizer-nos Santo António o que devemos ser. Vos estis sal terrae, disse Cristo a Santo António por palavras: Vos estis sal terrae, diz Santo António aos Portugueses por exemplo. Entendamos bem estas quatro palavras, que estas bem entendidas nos bastam.*³¹⁹

Como também, no segundo sermão que pregou para Santo Antônio em Roma, na Igreja dos Portugueses, o jesuíta novamente afirma a missão universal daquele que designou como o “apóstolo português”:

“A missão que Cristo sinalou a António, como sucessor dos Apóstolos, foi o mundo todo: Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae. Eis aí a esfera do Sol, o mundo

³¹⁶ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 70.

³¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 73.

³¹⁸ PÉCORA, Alcir. *Op. cit.*, pp. 231-232.

³¹⁹ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 153-154.

*todo: Vos estis lux mundi: e como na comparação de missão a missão, e de esfera a esfera, a de Cristo é uma casa, e a de António o mundo todo: não é muito na comparação de luz a luz, e de obras a obras, que Cristo, sendo a fonte da luz, pareça candeia, e António, sendo luz participada, pareça Sol: Cristo, sendo o imenso, pareça pequeno, e António, sendo criatura limitada, pareça grande: Hic Magnus vocabitur.*³²⁰

Por isso, Santo Antônio teria adentrado o mar e embarcado rumo à sua missão. Trata-se do terceiro movimento da vida do taumaturgo ressignificado pelo jesuíta na prédica de 1670: o pregador franciscano foi a *“primeira luz destas luzes, ela foi quem mostrou o caminho”* para os portugueses:

*“Do rio de Lisboa saiu António; e derrotado da tempestade, foi aportar a Itália para ser luz da Europa. Do rio de Lisboa saíram os Portugueses; e medindo a África, descobrindo a América, chegaram com a luz do Evangelho até os fins da Ásia; para que alumando António a melhor parte do mundo, e alumando os outros portugueses as três maiores partes, na união de todas quatro se devesse inteiramente ao nome português o título de luz do mundo: Vos estis lux mundi.”*³²¹

Podemos perceber como, mais uma vez, padre Vieira associa a expansão do Império Português à missão de cristianizar os povos. O expansionismo lusitano deveria estar em acordo com a missão universal, pois, como foi dito, Portugal teria nascido para o apostolado. Caso esta missão não fosse cumprida, seria a ruína do reino, pois o povo eleito perderia a graça de Deus.³²²

No entanto, o jesuíta ressalta que Santo Antônio não se dedicou a converter a cristandade, mas os infiéis, o que lhe valeu o título de “Martelo das Heresias”. Esta versão

³²⁰ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 128.

Não podemos desconsiderar aqui que se trata também de figura auto-referente. Adiante, trataremos mais detidamente deste aspecto da série vieiriana dedicada ao santo lisboeta.

³²¹ *Idem, ibidem*, p.78.

³²² No “Sermão da Epifania”, pregado na Capela Real em 1662, padre Vieira ressalta: *“Tem esta obrigação Portugal enquanto reino, porque este foi o fim particular para que Cristo o fundou e instituiu, como consta da mesma instituição. E tem esta obrigação enquanto monarquia, porque este foi o intento e contrato com que os Sumos Pontífices lhe concederam os direitos das conquistas, como consta de tantas Bulas Apostólicas. E como o fundamento e base do reino de Portugal, por ambos os títulos, é a propagação da Fé, e conversão das almas dos gentios, não só perderão infalivelmente as suas todos aqueles sobre quem carrega esta obrigação, se se descuidarem ou não cuidarem muito dela; mas o mesmo reino e monarquia, tirada e perdida a base sobre que foi fundada, fará naquela conquista a ruína que em tantas outras partes tem experimentado; e no-lo tirará o mesmo Senhor, que no-lo deu, como a maus colonos: Auferetur a vobis regnum Dei et dabitur genti facienti fructus ejus.”* *Idem, ibidem*, Volume I, p. 468.

da vida do frade menor difere das narrativas hagiográficas consultadas e até de outros sermões vieirianos da série feita em louvor ao padre franciscano, nos quais é ressaltado que o “santo menor” se dedicou tanto a reconciliar com “Deus infinidade de almas”, quanto com a “Igreja católica tantos hereges”, isto é, dedicou-se à conversão de cristãos e de hereges. Por seu trabalho missionário junto aos últimos, a *legenda Benignitas* lhe atribui o título de “Martelo dos Hereges”.

Na prédica de 1670, a conversão dos hereges, concebida como o quarto movimento da vida do pregador franciscano, é logo comparada ao “nascimento” e expansão de todo o reino português, que se realizou mediante as conquistas das terras sob o domínio dos infiéis. E, novamente, o santo é celebrado como português:

*“Mas ainda aí (notai) não se chamou António, martelo dos vícios, senão martelo das heresias: Perpetuus haereticorum malleus. Porque os vícios acham-se também nos católicos: as heresias só nos infiéis. Por isso Deus para formar este martelo, foi buscar o ferro às minas de Portugal, porque a dureza natural do ferro português, é para quebrantar e converter infiéis.”*³²³

Para finalizar, todos os movimentos anteriores são coroados com o quinto, que diz respeito à obediência e reverência de Santo Antônio e dos lusitanos para com o Papa. Podemos perceber, mais uma vez, no discurso vieiriano, traços da espiritualidade inaciana, tendo em vista que é específico da Companhia de Jesus o quarto voto de obediência ao Sumo Pontífice, além dos três votos próprios a todas as ordens religiosas.³²⁴

É importante notar que as *legendas* medievais mencionam a pregação de Santo Antônio ao Papa Gregório IX, de quem recebeu o título de “Arca do Testamento”, por sua sabedoria e eloquência. A *Assidua* e a *Raimondina* esclarecem que o frade menor foi à Roma para resolver problemas internos da ordem. O santo, provavelmente, integrou o grupo de franciscanos que consultaram o Papa sobre o valor do *Testamento de São Francisco* e sobre a interpretação da *Regra* franciscana. Esta passagem de sua vida é aludida no *Agiologio Lusitano*, quando Jorge Cardoso lhe atribui o título de “Segundo

³²³ VIEIRA, António. *Op. cit.*, Volume III, p. 79.

³²⁴ “Além dos três votos, comuns a todas as Ordens, faz o professo solene mais um, de obediência ao Papa, a respeito das missões.” LEITE, Pe. Serafim SJ. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Belo Horizonte - Rio de Janeiro, Editora Itatiaia, 2000, Tomo I, p. 10.

Fundador” da ordem seráfica ao declinar seu “primitivo rigor”. O que é interessante destacar nesta passagem do sermão é como, mais uma vez, padre Vieira se apropria da hagiografia do taumaturgo para articulá-la com a missão universal de Portugal e, ao fazê-lo, acaba por projetar aspectos da espiritualidade inaciana em sua vida.³²⁵ Como veremos adiante, na concepção do jesuíta, Igreja e Estado português se uniriam para promover a conversão dos povos, guiados pela ordem de Santo Inácio.

Também é importante notar que a própria missão apostólica portuguesa, exemplificada na hagiografia de Antônio, representa a obediência a Cristo, pois o Império é dele. Nas palavras de Vieira, foram os portugueses soldados de Cristo a combater em prol da Igreja, numa clara alusão ao “slogan” da Companhia de Jesus:

*“Foram sempre os soldados portugueses como os fabricantes do segundo Templo de Jerusalém, que com uma mão pelejavam e com a outra iam edificando. Nenhum golpe deu a sua espada, que não acrescentasse mais uma pedra à Igreja. Se pelejavam, se venciam, se triunfavam, era para tirar reinos à idolatria, e sujeitá-los a Cristo; para converter as mesquitas e pagodes em templos, os ídolos em imagens sagradas, os gentios em cristãos, os bárbaros em homens, as feras em ovelhas: e para trazer estas ovelhas de terras tão remotas, e em número infinito, ao rebanho de Cristo, e à obediência do Sumo Pastor.”*³²⁶

Parece-nos que a importância atribuída pelo jesuíta à aliança entre a monarquia portuguesa e a Igreja, bem como ao seu fim último, acaba por nos remeter, novamente, às teses profética de padre Vieira.

Na Carta intitulada *Esperanças de Portugal. Quinto Império do Mundo*, também conhecida como *Carta ao Bispo do Japão*, Padre Vieira expõe a essência de seu discurso profético, mais tarde ampliado na *História do Futuro*, segundo o qual haveria de existir um Quinto Império, isto é, uma monarquia universal cristã, comandada pelo Papa e pelo

³²⁵ A este respeito é interessante mencionar a forma como o pregador, no “Sermão de Santo Antônio” de 1642, refere-se às mudanças na vida do frade menor, tudo “Para maior glória de Deus” (*Ad majorem Dei gloriam*), insígnia da Companhia de Jesus: “Se a quarta propriedade do sal for ser sujeito das transformações dos elementos, em que santo se viram tantas metamorfoses, como em Santo Antônio, transformando-se do que era, para ser o que mais convinha? De Fernando se mudou em Antônio, de secular em eclesiástico, de clérigo em religioso, e ainda de um hábito em um outro hábito, para maior glória de Deus tudo, sendo o primeiro em que foi crédito a mudança, e a inconstância virtude.” VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 174.

³²⁶ *Idem, ibidem*, p. 80.

príncipe português, mais precisamente, D. João IV ressuscitado, e que iria promover a conversão universal dos judeus, gentios e hereges.³²⁷

Segundo Maria Leonor C. Buescu, o escrito enviado ao Bispo do Japão em 1659 pode ser considerado como um esboço da obra *História do Futuro*, com a qual apresenta uma singular proximidade de conteúdo.³²⁸ A autora argumenta que este escrito desencadeou os conflitos do jesuíta com o Tribunal do Santo Ofício, que, em 1660, pediu a D. André Fernandes o documento para exame. O processo inquisitorial se desenrolou de 1663 a 1667, data em que foi publicada a sentença cassando *in perpetuum* a palavra e encarcerando o jesuíta. No ano seguinte, devido a mudanças políticas na corte, foi restituída a liberdade de padre Vieira. Sete anos mais tarde, em 1675, o jesuíta foi declarado, pelo Papa Clemente X, isento para sempre das Inquisições de Portugal e demais Reinos.

Para Buescu, as reprovações do Santo Ofício recaíram, principalmente, sobre as seguintes suposições do jesuíta: o reconhecimento do sapateiro Bandarra como profeta iluminado, a previsão do “ressurgimento de ‘certa pessoa’” que assumiria o império do mundo e o advento do Quinto Império, para o qual:

“(...) é necessária a realização da fórmula que obsidia o pensamento milenarista unum ovile unus pastor: a conversão universal e a redução de todas as religiões, heresias e seitas a uma só religião, passando pela solução do problema judaico,

³²⁷ Sobre a *Carta ao Bispo do Japão* e as polêmicas que este escrito suscitou entre os sebastianistas, informamos José van den Besselaar: “Em fins de abril de 1659, Antônio Vieira, à data missionário no Maranhão, escreveu uma longa carta ao seu confrade André Fernandes, confessor da rainha regente na Corte de Lisboa. Fundando-se nas trovas de Bandarra, que tinha por verdadeiro profeta, o jesuíta sustentou a tese de que o defunto Dom João IV havia de ressuscitar para desbaratar o Turco, conquistar a Terra Santa e ser monarca do Quinto Império. Divulgada em larga escala, a missiva teve enorme repercussão na metrópole, sobretudo entre os sebastianistas. Estes não sentiam saudade alguma do Bragantino recém-falecido, mas ansiavam pela vinda de uma figura mais empolgante e mais heróica, que para eles era Dom Sebastião.” BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2002, p. 25.

³²⁸ Na introdução da *História do Futuro*, Maria Leonor C. Buescu afirma que, para estudiosos da obra de Antônio Vieira, como João Lúcio de Azevedo e Raymond Cantel, o período mais importante para o avanço do projeto da *História do Futuro* foi entre os anos de 1653 e 1661, quando Vieira se encontrava no interior do Maranhão, “novo cenário da profecia de Daniel”. Cabe ressaltar que, para Azevedo, desde 1649, ou até mesmo antes, o jesuíta iniciou as primeiras linhas de sua obra profética. BUESCU, Maria Leonor Carvalho. “Introdução”. IN: VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*. Introdução, atualização de texto e notas por M. L. Carvalho Buescu. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1982, p. 14.

É importante salientar que, segundo Alcir Pécora, além da *Carta ao Bispo do Japão* e da *História do Futuro*, outros dois textos do jesuíta constituem as obras mais conhecidas de seu *corpus* profético, quais sejam, *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* e *Clavis Prophetarum*. PÉCORA, Alcir. *Op. cit.*, pp. 52-53.

pelo qual se bate Vieira, durante os anos do reinado de D. João IV — posição que, aliás virá agravar seu processo.”³²⁹

Como afirma Jacqueline Hermann, segundo padre Vieira, 1666 marcaria o ano de uma grande conversão para a qual concorreriam “*o Báculo com o apoio do ceptro*”, numa alusão à aliança entre os poderes temporal e o espiritual para promoção da cristianização dos povos:

*“Na retórica barroca pulsava, pois, a prática da missionação, a experiência de colonização das almas dando base empírica à profetização da grandeza portuguesa — sebástica, joanista. No Portugal barroco de Vieira, a nação se abria à diversidade cultural na península e no além-mar, para depois fechar-se à consumação do Quinto Império unicamente cristão.”*³³⁰

Num interessante artigo sobre as representações do Novo Mundo nos sermões de Padre Vieira, João Adolfo Hansen ressalta que a América portuguesa foi uma preocupação constante do jesuíta dada a importância da cristianização do gentio para a concretização do projeto divino para Portugal. Em consonância com a afirmação de Jacqueline Hermann, Hansen afirma que a atividade missionária era essencial para a tese profética do Quinto Império.³³¹ Como também que, na “Defesa do livro intitulado Quinto Império (1665-1666)”, padre Vieira afirmou que o Papa e os pregadores evangélicos eram instrumentos de conversão ao lado de um imperador que lhes daria assistência e segurança. Para Hansen, esta aliança entre os poderes deve ser analisada levando em consideração que, no pensamento de Vieira, há uma unidade entre a teologia e a política, sem a compreensão da qual não se pode apreender a formulação de suas teses proféticas, bem como de toda sua obra.³³²

³²⁹ BUESCU, Maria Leonor Carvalho. *Op. cit.*, p. 14.

³³⁰ HERMANN, Jacqueline. *Op. cit.*, p. 243.

³³¹ De acordo com Alcir Pécora: “(...) esse império sacramentado tem, para Vieira, a duração aproximada de mil anos, durante os quais desaparecerá o pecado, e, com ele, as intermináveis guerras que atormentam o século: Pax et Concordia não será anseio, nem finalidade, mas fato para os que viverem então, e viverão, não muitos, mas muito. Passado esse tempo, Padre Vieira chega a admitir o Anticristo, a Batalha Final, e, depois, o Dia do Juízo. Quanto ao que será depois disso, o seu gosto não parece preocupado em anunciar.” PÉCORA, Alcir. *Op. cit.*, pp. 256-257.

³³² HANSEN, João Adolfo. “Sermões”. IN: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil. Um Banquete no Trópico*. 2ª ed. São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 1999, pp. 28-29.

A questão da unidade teológica e política do pensamento de padre Vieira é amplamente discutida no livro *Teatro do Sacramento*. Segundo Alcir Pécora, para o jesuíta, a Igreja e o Estado, mais precisamente o Estado português, são ordens institucionais que se integram na “militância da nação eleita”.³³³ Portanto, como foi afirmado anteriormente, o Estado português possui um fundamento teológico, cabendo-lhe cumprir os desígnios da Providência na história:

*“(...) para Padre Vieira, não há artifício de uma política verdadeiramente cristã (e ele certamente existe) que não acabe por revelar-se como uma atualização providencial, não há gesto político do Estado verdadeiramente cristão que não remeta organicamente à sua missão co-participativa dos designios de Deus para o mundo e sua história.”*³³⁴

Podemos perceber como, nos *Sermões de Santo Antônio* de padre Vieira, há uma articulação entre a faceta apostólica do frade menor e a missão universal de Portugal, reino que teria sido instituído por Deus com a missão de levar o Evangelho aos povos. Nesse sentido, a memória do santo informa as construções do jesuíta acerca da missão apostólica dos lusitanos, ao mesmo tempo em que visa a produzir o efeito da missão delegada aos portugueses. Como foi dito por David Lowenthal, “*toda memória transmuta a experiência e destila o passado*” e, neste processo, acaba por reconstruir uma identidade.³³⁵

No discurso vieiriano, o Reino de Deus é participado com o reino de Portugal, pois sacraliza a expansão do império luso. Na construção desta imbricação, Santo Antônio é representado como figura exemplar.

Por último, gostaríamos de destacar, nos trechos citados, o fato de Vieira, várias vezes, referir-se ao santo apenas como Antônio, o que acaba nos remetendo novamente às reflexões de Alcir Pécora em *Teatro do Sacramento* quanto ao pensamento do jesuíta em relação aos místicos. Como afirmamos anteriormente, segundo o crítico literário, há no pensamento vieiriano um deslocamento da trajetória ascética dos santos para a afirmação da “vontade santificada”, a qual pode ser exercitada no mundo. Nesse sentido, um santo

³³³ PÉCORA, Alcir. *Op. cit.*, p. 246.

³³⁴ *Idem, ibidem*, p. 134.

significa a possibilidade puramente humana de chegar à união com o divino; por isso, o pregador chama-os, muitas vezes, apenas por seus nomes.³³⁶

Podemos supor que, nos sermões ora analisados, o *exemplum* “fala” e se confunde como falante com o auditório e com o pregador. Em outras palavras, Antônio significa a possibilidade humana de união com o divino e, em decorrência, significa a possibilidade de os portugueses cumprirem sua missão ao mobilizarem sua vontade em direção a Deus. Nesse sentido, exemplificar não é simplesmente ilustrar, mas sim usar o exemplo para mover o auditório, composto por portugueses, à sua missão universal. Portanto, o *exemplum* possui uma função política: promover a comunhão fundamental para consumação da Providência na história.

Por outro lado, não podemos desconsiderar que o jesuíta possui o mesmo nome do santo, o que lhe permite transformar os sermões em discursos sobre sua própria missão. Passemos, pois, a investigar esta construção.

3.2. Antônio e Vieira

No século XVIII, Dionísio Teixeira Aguiar publicou uma coleção de sermões do padre Vieira, obra esta que dedicou a Santo Antônio.³³⁷ De acordo com o organizador, o jesuíta recebeu o nome de Antônio por causa da devoção dos pais ao taumaturgo e por ter seu batizado ocorrido no dia da comemoração da trasladação do corpo do frade menor:

³³⁵ LOWENTHAL, David. “Como conhecemos o passado”. IN: *Projeto História. Trabalhos da Memória* (Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História do Departamento de História - PUC-SP).

São Paulo, n^o 17, novembro/98, p. 94.

³³⁶ PÉCORA, Alcir. *Op. cit.*, p. 87.

³³⁷ Na “Razam da Obra e Prologo Historico ao Leitor”, o organizador alega que a edição teria como principal motivação a raridade e o alto custo da *editio princeps* dos *Sermões* do jesuíta: “(...) e por não haver reimpressão, tão raros, que dificultosamente se acha qualquer Livro, e achando-se para se adquirir he preciso grande dispendio. O que supposto, teve a curiosidade de fazer reimprimir os grandes Sermoens, que contém Livro, para que com limitado custo possão muitas pessoas as obras de penna tão rara.” VIEIRA, Antonio. *Colleçam dos principais sermoens que pregou o P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesus dedicada A Sto. Antonio de Lisboa; e offêrecida a Antonio Martins, homem de Negocio nesta Corte*. Por Dionisio Teixeira de Aguiar, Familiar do Santo Officio. Com um Hum Prologo Historico da vida, e acçoens

*“(…) que sahio a ver a luz do mundo a 6 de Fevereiro de 1608: foy-lhe administrado o Sagrado Baptismo a 15 do mesmo mez, na sua Parochia, erecta na antiquissima Sé Metropolitana, hoje reduzida a uma sumptuosa Basilica de Santa Maria (...). Festejava a Igreja neste dia a Trasladação do Taumaturgo Antonio Santo, que tambem alli bebera a luz da graça; e por esta razão lhe derão o nome de Antonio, e pela grande devoção, que tinham ao dito Santo Lisbonense seus Pays Christovão Vieira Ravasco, Fidalgo da Casa de ElRey, natural da celebre Praça de Moura, e Dona Maria de Azevedo, senhora de muitas virtudes, e herdada nobreza, natural desta Cidade.”*³³⁸

Nesta coleção foram publicados dez sermões de Vieira, entre os quais um pertencente à série dedicada ao taumaturgo lisboeta — o sermão pregado no Maranhão no ano de 1654 — que aparece com o seguinte título no sumário da obra: “Sermão de S. Antonio, Pregado aos Peixes”.³³⁹ Interessante escolha do organizador, se levarmos em consideração que, neste sermão, é notória a produção da semelhança entre o santo e o pregador, bem como a preocupação de Teixeira Aguiar em afirmar a afinidade entre ambos, como demonstra o trecho abaixo:

*“A quem, se não a Vós, meu singular Patrono, Antonio Santo, se devião consagrar com mais direito, os admiraveis discursos, que neste Livro estão compreendidos? He o seu Author hum Patricio vosso, a quem tambem ornava o nome de Antonio, e foy retrato vivo de vossas grandiosas virtudes; e assim justo parece, que o que foi cópia pela affetuosa imitação, se consagre com respeito ao seu original.”*³⁴⁰

Chama atenção, nas citações acima, a forma como o organizador da *Colleçam* designa o taumaturgo, como *Antônio Santo*, o que remete tanto ao frade menor como ao jesuíta português.

mais singulares do Padre Antonio Vieira. Lisboa: na Officina dos Herd. de Antonio Pedroso Galvão, M.DCC.LIV, “Razam da Obra e Prologo Historico ao Leitor”, s.n.

³³⁸ *Idem, ibidem*, s.n.

³³⁹ Título do sermão na coleção organizada por Dionísio Teixeira: “*Sermam de Sto. Antonio, pregado aos Peixes, pelo Padre Antonio Vieira, na cidade de S. Luiz do Maranham*. Este sermão todo he allegorico, pois o dito Padre, quando o pregou, estava por embarcar occultamente para este Reyno: por fallar verdade o tinham perseguido bastantemente os moradores daquelle Estado, como das allegorias deste se póde ver”.

³⁴⁰ VIEIRA, Antonio. *Colleçam dos principais sermoens que pregou o P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesus dedicada A Sto. Antonio de Lisboa; e offerecida a Antonio Martins, homem de Negocio nesta Corte*. Op. cit., “Ao Gloriosíssimo Santo”, s. n.

A produção da semelhança entre ambos é justamente um dos efeitos decisivos dos panegíricos vieirianos dedicados a Santo Antônio, isto é, a homonímia, a identidade como português, o ofício de pregador e, muitas vezes, a circunstância da pregação ou da publicação dos sermões permitem ao pregador construir discursos auto-referentes.³⁴¹

Começemos a analisar esta característica do discurso de Vieira pelo “Sermão de Santo Antônio” de 1654.

Nesta prédica, Vieira pregou a partir de um caso recolhido do anedotário do frade menor: “A pregação aos Peixes” em Rimini. No *Flos Sanctorum*, de Frei Diogo do Rosário, e no *Agiológico Lusitano*, há a referência a esta maravilha, uma das mais populares do culto antoniano.

As *legendas Assidua*, *Vida Segunda* e *Raimondina* se referem às pregações do padre franciscano aos hereges em Rimini sem mencionar este relato maravilhoso, justamente por questionarem a veracidade de milagres realizados em vida pelo santo. No entanto, a *Legenda Rigaldina*, responsável por destacar a faceta taumatúrgica de Antônio e inserir várias maravilhas em meio a sua vida, narra a pregação do santo aos peixes como resposta à resistência dos homens. De acordo com o hagiógrafo, o “caso” teria ocorrido nos arredores de Pádua:

“Se, porém, os homens, dotados de entendimento, desprezavam a sua pregação, Deus mostrava, com sinais e prodígios, por meio de animais irracionais, que ela era digna de veneração. Um dia nos arredores de Pádua, alguns hereges desprezaram a sua palavra e escarneceram dela. Antônio, aproximou-se do rio, que passava perto, e de forma que todas as pessoas presentes pudessem ouvir disse aos hereges: ‘Porque vos mostrais indignos da palavra de Deus vou voltar-me para os peixes, para confundir mais fulgurantemente a vossa incredulidade’.”³⁴²

³⁴¹ De acordo com Margarida Vieira Mendes, é sobretudo nos sermões consagrados aos santos que padre Vieira irá construir discursos auto-referentes. A autora afirma que, principalmente nestes panegíricos, há, muita vezes, uma articulação entre a narrativa hagiográfica e os acontecimentos em jogo na vida do jesuíta no momento da pregação ou da reelaboração dos sermões para a publicação. No seu livro sobre a obra sermonária vieiriana, Margarida dedicou uma parte a este estudo, no qual analisou, entre os “Sermões de Santo Antônio”, os de 1654 e 1671. Sobre o tema ver “Os equívocos referenciais”. IN: MENDES, Margarida Vieira. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa, Caminho, 1989, pp. 253-293.

³⁴² RIGAUD, Frei João de, OFM. “*Legenda Rigaldina*”. IN: SANTO Antônio de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, volume III, p. 40.

No sermão de 1654, Vieira se apropria desta “maravilha” e diz que imitará a resolução do santo: resolve pregar aos peixes diante da resistência dos moradores do Maranhão às suas palavras, mais especificamente diante das negativas dos colonos em face às iniciativas jesuíticas quanto à regularização do trabalho indígena:

*“Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento, que nas festas dos santos é melhor pregar como eles, que pregar deles. Quanto mais que o sal da minha doutrina, qualquer que ele seja, tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo Antônio em Arimino, que é força segui-la em tudo. Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra, para emenda e reforma dos vícios, que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina; e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós o sabeis, e eu por vós o sinto.”*³⁴³

Podemos perceber, no trecho acima, como Vieira produz a semelhança com Santo Antônio tendo em vista a circunstância da pregação: ao tentar ensinar a doutrina cristã, o franciscano enfrentou a resistência dos “hereges” de “Arimino”, assim como Vieira encontra a resistência dos colonos. É importante lembrar que, após a morte de D. João IV em 1656, o jesuíta passou a definir explicitamente como “heresia” a escravidão dos índios e a violência dos colonos contra os jesuítas.³⁴⁴

Fica claro, na citação abaixo, como o jesuíta se aproveita da homonímia para ressaltar as perseguições perpetradas, pelos colonos do Maranhão, contra ele e seus companheiros inacianos:

“Vindo pois, irmãos, às vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor; a primeira, que se me oferece aos olhos hoje, é aquela obediência, com que chamados acudistes todos pela honra de vosso Criador e Senhor, e aquela ordem, quietação, e atenção, com que ouvistes a palavra de Deus da boca de seu servo Antônio. Oh grande louvor verdadeiramente para os peixes, e grande afronta e confusão para os homens! Os homens perseguindo a Antônio, querendo-o lançar da terra, e ainda do mundo, se pudessem, porque lhes repreendia seus vícios, porque lhes não queria falar à vontade, e condescender com seus erros, e no mesmo tempo os peixes em inumerável concurso acudindo à sua voz, atentos, e suspensos às suas palavras, escutando com silêncio, e com

³⁴³ VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Porto, Lello & Irmão, 1993, Volume III, p. 251.

sinais de admiração e assenso (como se tiveram entendimento) o que não entendiam. (...) Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos pregadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez, em que assim o fizestes. »³⁴⁵

E, mais adiante:

“Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demônios perseguis vós? Só uma diferença havia entre Santo António e aquele peixe: que o peixe abria a boca contra quem se lava, e Santo António abria a sua contra os que se não queriam lavar. Ah moradores do Maranhão, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! Abri, abri estas entranhas; vede, vede este coração. Mas ah sim, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes. »³⁴⁶

No trecho a seguir, podemos perceber como Vieira, além da homonímia, recorre à antonomásia — pregador — e à identidade como português para transformar o santo em figura auto-referente, visando modificar os ânimos do auditório:

“Mas ponde os olhos em António vosso pregador, e vereis nele o mais puro exemplar da candura, da sinceridade, e da verdade, onde nunca ouve dolo, fingimento, ou engano. E sabeis também, que para haver tudo isso em cada um de nós, bastava antigamente ser português, não era necessário ser santo. »³⁴⁷

É interessante destacar que, no segundo “Sermão de Santo Antônio” pregado em Roma, o jesuíta pondera sobre a decisão do taumaturgo de pregar aos peixes como documento para os pregadores evangélicos diante da resistência dos ouvintes. Podemos supor que padre Vieira poderia também estar se referindo à sua própria resolução no Maranhão: como o “santo menor”, não abandonou o púlpito e perseverou na sua missão:

“O mesmo sucedeu a Santo António com os hereges, cuja vaidade e soberba não só fazia pouco caso de sua doutrina, mas se retirava e fugia de a ouvir. E que faria António neste

³⁴⁴ HANSEN, João. *Op. cit.*, p. 43.

³⁴⁵ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 254.

O recurso à homonímia, no “Sermão de Santo Antônio” de 1654, é analisado por Margarida Vieira Mendes em: “Os equívocos referenciais”. IN: MENDES, Margarida Vieira. *Op. cit.*, pp. 279-281.

³⁴⁶ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 258-259.

³⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 281.

*caso? Far-se-ia também invisível? Não o sofria seu zelo. Vai-se diante dos mesmos hereges à ribeira do mar: chama em voz alta aos peixes(...)*³⁴⁸

Para Vieira, as missões jesuíticas representavam a retomada do destino de Portugal de promover a expansão de seu Império e a conversão universal da gentilidade. Nesse sentido, a expansão lusitana sob o influxo missionário seria modelada pela ordem inaciana. Os remédios propostos pelo pregador para solucionar o problema do gentio na América lusitana pressupunham privilégios para os jesuítas na condução dos “negócios dos índios”. Em Vieira, há um reforço do papel missionário da Companhia de Jesus no cumprimento do plano salvífico da Providência na história.³⁴⁹

Dessa forma, podemos perceber como o “Sermão de Santo Antônio” de 1670 trata da missão universal dos portugueses, dos pregadores evangélicos, particularmente dos inacianos e, por conseguinte, do próprio Vieira, como jesuíta e português:

*“E se Antônio era luz do mundo, como não havia de sair da pátria? Este foi o segundo movimento. Saiu como luz do mundo e saiu como português. Sem sair ninguém pode ser grande: Egredere de terra tua, et faciam te in gentem magnam: disse Deus ao Pai da Fé. Saiu para ser grande, e porque era grande, saiu. (...) Assim o fez o grande espírito de Antônio, e assim era obrigado a o fazer, porque nasceu português.”*³⁵⁰

É importante destacar, contudo, que Vieira ocupava um lugar instituído: o de pregador e de missionário. Assim, seria um representante da palavra de Deus inserido num conjunto de instituições e de ações no mundo. E, de acordo com sua concepção, estas ações seriam norteadas por um princípio providencial, como bem demonstra o trecho extraído do “Sermão de Santo Antônio” de 1671:

“Primeiro que tudo, não faça dúvida dizer o Texto que este filho havia de reger as gentes com vara de ferro; porque é propriedade dos termos, ou títulos, com que na Escritura se descrevem os que Deus elege e constitui (como elegeu e constituiu a Santo Antônio) para pregadores universais do mundo: Ego autem constitutus sum rex ab eo super Sion montem sanctum ejus praedicans praeceptum ejus: Reges eos in virga ferrea, et tamquam vas figuli

³⁴⁸ VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, p. 139.

³⁴⁹ Sobre esta discussão ver: PÉCORA, Alcir. “Vieira, o índio e o corpo místico”. IN: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

confringes eos. Assim regia e encaminhava Santo António com a lei e preceitos divinos todas as gentes a que pregava.”³⁵¹

A mão da Providência teria também atuado para retirar Santo Antônio de Portugal, impedindo que sofresse martírio em terra própria. Eis um dos argumentos do único sermão da série dedicada ao frade menor que não foi pregado. Neste discurso, o jesuíta ressignifica a hagiografia do frade menor tendo em vista o tema da “ingratidão da pátria”.

De acordo com todas as narrativas hagiográficas consultadas, o santo deixou Portugal rumo à África movido pelo “desejo de martírio”, seguindo o exemplo dos cinco franciscanos mortos pelos muçulmanos no Marrocos. No “Sermão de Santo Antônio” de 1671, Vieira pergunta por que o santo teria abandonado a pátria se o seu intento era o martírio. De acordo com o pregador, se o “lume da Igreja” tivesse permanecido em Portugal, teria alcançado a “palma do martírio”, numa clara alusão às perseguições e acusações que o jesuíta teria sofrido em sua pátria:

“Agora sim, que já posso responder a Santo António, e confutar a sua escusa. De maneira, meu Santo, que deixais Portugal, e vos embarcais para África, porque dizeis, que ides buscar o martírio? Antes por isso mesmo vós não deveis sair da vossa pátria.(...) Escusado é logo ir buscar o martírio incerto por mar em terras estranhas, se o tendes mais breve e mais seguro na mesma onde nascesteis. Amanheçam em Coimbra os resplendores dessa teologia, que depois há-de ter a primeira cadeira na segunda religião, de que tendes tomado o hábito; passai com os ecos desta fama a Lisboa, e começai a levar após vós a Corte com eloquência mais que humana desta língua imortal, e eu vos prometo (não tanto que ela falar, senão depois que for falada) que não falem naturais vossos, que vos façam mártir.(...) Todos os raios que de si despedir a vossa luz, se hão-de converter em setas que se empreguem em vós. O vosso nome há-de ser o aplauso de todas as vozes, e o vosso corpo o alvo de todas as setas. Não vos há-de valer serdes filho de S. Francisco, uma vez que mostrardes que sois geração de gigante: Stirpem Enoc vidimus ibi.”³⁵²

No sermão, a doença que teria acometido o santo na África é vista como ação da Providência para que retornasse ao “solo damasceno de sua pátria”:

³⁵⁰ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 72.

³⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 96.

³⁵² *Idem, ibidem*, pp. 92-93.

*“Essa foi, se eu me não engano, a providência daquela inopinada enfermidade, com que apenas tinha posto os pés Santo António nas praias africanas, quando foi outra vez obrigado a se embarcar para os ares pátrios, como se lhe dissera Deus: Vens buscar o martírio a Berberia, deixando Portugal, e Lisboa? Torna, torna para donde vieste, que também lá há Marrocos e Tutuões.”*³⁵³

A inveja dos naturais teria enegrecido as boas obras de Santo Antônio, se este tivesse permanecido em Portugal.³⁵⁴ Para demonstrar seu argumento, o jesuíta se refere às várias passagens da vida do franciscano, como também às maravilhas de seu anedotário, interpretando-as com “humor invejoso”. O trecho a seguir é exemplar para demonstrar a construção do discurso auto-referente, isto é, como Vieira faz coincidir a narrativa hagiográfica e os acontecimentos de sua vida:

*“Dai-me licença que eu me revista um pouco de humor invejoso, e vede como haviam de ser avaliadas na sua pátria as obras boas, e tão boas, de Santo António. (...) Outra vez fugido um noviço do convento, mandou o Santo ao Demónio, que com uma espada nua o esperasse ao passar de uma ponte, e o fizesse tornar para donde viera; e não haviam de dizer que até o Inferno obedecia a António, senão que era homem de tais artes, que tinha trato secreto e familiar com os demónios, e ao menos, que usava de meios tão suspeitosos, que deviam ser delatados ao Santo Ofício.”*³⁵⁵

Cabe destacar que este trecho foi extraído de um longo parágrafo em que é descrita a vida e as obras do franciscano, contudo, é nesta passagem que Vieira se refere estrategicamente ao santo apenas pelo nome de Antônio, o que remete aos problemas que o próprio jesuíta viveu com o Santo Ofício, conforme mencionamos páginas atrás.

³⁵³ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 94.

³⁵⁴ É interessante mencionar a forma como o jesuíta se refere às obras de Santo António no sermão pregado em dia da Santíssima Trindade: “Oh, António não menos poderoso que todos estes ministros de Deus tão santos, com a investidura de toda a onnipotência divina, obsequiosa, por não dizer sujeito a vosso império! Mas nunca para destruições, nunca para ruínas, nunca para dano, castigo, perda ou dor de alguém; mas para remédio, para alívio, para consolação, para alegria, para bem e utilidade de todos. Nisto mostrastes, e provastes claramente ao mundo que os poderes com que obráveis em tudo quanto fizestes, qui fecerit, eram de participação não de outra Pessoa da Santíssima Trindade, senão do Padre, que como pai tudo faz para o bem, e não sabe fazer mal.”³⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 186.

³⁵⁵ *Idem, ibidem*, pp. 118-119.

Enquanto em Portugal as obras do jesuíta eram denegridas, em Roma, seu gênio oratório era reconhecido e aclamado.³⁵⁶ A partir dessa perspectiva, padre Vieira interpreta o desvio do barco do frade menor para a Itália: no sermão ora analisado, frei Antônio foi levado para terra onde “pudesse luzir”.

“Mas como Deus não queria de Antônio o seu martírio, a nova providência de uma furiosa tempestade o derrotou da pátria, para onde tornava, e o levou a tomar porto em Itália. E porquê, ou para quê? Porque Deus lhe tinha mandado que luzisse a sua luz diante dos homens: Sic luceat lux vestra coram hominibus. E para a sua luz luzir diante dos homens, era necessário que o mesmo Deus o levasse a terra onde houvesse homens, diante dos quais pudesse luzir. Oh terra verdadeiramente bendita, pátria da verdade, asilo da razão, metrópole da justiça, que não debalde te escolheu Deus para colocar em ti o seu eterno sólio!”³⁵⁷

Em Roma, Vieira tornou-se famosíssimo, passando a pregar em italiano a partir de 1672. Devido à afluência dos que queriam ouvi-lo, soldados guardavam a Igreja em que orava³⁵⁸. No “Sermão de Santo Antônio”, pregado em dia da Santíssima Trindade, o jesuíta parece se apropriar das descrições das pregações antonianas em Pádua, presente nas narrativas hagiográficas, transferindo-as para Roma e, dessa forma, aludir também às suas próprias pregações na sede da Santa Sé.

A *Vida Segunda*, seguindo a tradição da *legenda Assidua*, assim descreve as pregações de Santo Antônio em Pádua:

“Continuando o servo do Senhor a fazer o quanto se comprometera durante aquele tempo sagrado, todo o povo foi possuído de tão vivo desejo de o ouvir que, afluindo a ele a

³⁵⁶ De acordo com Vieira, ainda que a pátria fosse ingrata, os ecos da fama de seu “filho ilustre” chegavam a Portugal: “Assim chegavam e se ouviam de longe em Portugal, as maravilhas do seu grande português: e posto que não sei se eram tão cridas e aplaudidas então, como mereciam; o que só posso afirmar sem escrúpulo, é, que não seriam tão bem ouvidas na terra própria, como ele era ouvido nas estranhas. (...) Ouviam, que se o não queriam ouvir os hereges obstinados, para confundir sua dureza e rebeldia, ia pregar aos peixes, e que eles, chamados de sua voz, concorriam de todo o mar em cardumes, grandes e pequenos, e postos por sua ordem com as cabeças fora da água, como se tiveram o uso de razão, que faltava aos homens, escutavam atentos o que o Santo lhes dizia, e assentiam a tudo: *Quanta audivimus!* (...)” VIEIRA, Antônio. *Op. cit.*, pp. 103-104.

³⁵⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 95.

³⁵⁸ PÉCORA, Alcir. “A arte de morrer, segundo Vieira”. IN: VIEIRA, Antônio. *A arte de morrer: os sermões da Quarta-feira de Cinzas de Antônio Vieira*. Conceção e organização, prefácio, notas e cotejo com a *editio princeps* por Alcir Pécora. São Paulo, Nova Alexandria, 1994, p. 21.

multidão em peso, necessitou de organizar cada dia reuniões na igreja. Mas uma vez que a multidão excedia a capacidade de qualquer igreja, o Santo resolve falar a céu aberto e aí espalhava, com abundância, a chuva salutar da doutrina de que as almas estavam sedentas. (...)

*O homem de Deus, enquanto falava, era ouvido por todos com tanta atenção que, embora estivessem reunidas em assembleia trinta mil ou mais pessoas, dificilmente se ouvia um murmúrio ou qualquer ruído. Também os comerciantes, fechavam as suas lojas, não ousavam vender nada até que, terminado o sermão, cada um voltava ao seu trabalho. (...)*³⁵⁹

No “Sermão de Santo Antônio”, pregado em dia da Santíssima Trindade, de forma semelhante descreve Vieira as pregações de Santo Antônio em Roma. É importante lembrar o processo de reelaboração pelo qual passaram os sermões para serem inseridos na *editio princeps*. De acordo com João Francisco Marques, o referido sermão, pregado durante a Missão do Grão-Pará e Maranhão, provavelmente, teve partes ampliadas quando foi reelaborado para sua publicação, na undécima parte dos *Sermões*, em 1696³⁶⁰:

*“Os dias em que pregava, ainda que fossem feriais, a sua pregação, para que não se tocam os sinos, e só a fama de que havia de pregar, os fazia de guarda. Fechavam-se as oficinas, fechavam-se as lojas, fechavam-se as tendas, fechavam-se os tribunais; e nem os oficiais atendiam às suas artes, nem os mercadores aos seus interesses, nem os requerentes aos seus pleitos, nem os ministros aos seus despachos; enfim dias santos. E se estes dias santos não começavam das vésperas, começavam das matinas; porque não só madrugavam os ouvintes, mas à meia-noite, como dizem todas as crônicas, se preveniam muitos a tomar o lugar nos campos. S. Jerônimo, S. Gregório, S. Leão Lapa, e muito particularmente Santo Agostinho, se queixavam do anfiteatro romano, porque lhes tirava os ouvintes; mas quando em Roma pregava Santo António, os anfiteatros eram os desertos, e os desertos e os campos os anfiteatros.”*³⁶¹

Mais adiante, articula novamente ser português e o ofício apostólico:

³⁵⁹ ESPIRA, Frei Juliano de. “Vida de Santo Antônio Confessor ou Vida Segunda”. IN: SANTO António de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, volume I, p. 132.

³⁶⁰ MARQUES, João Francisco. “Santo António na Parenética Seiscentista Portuguesa”. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E TESTEMUNHO. 8º Centenário do Nascimento de Santo António. Actas. Braga, Universidade Católica Portuguesa - Família Franciscana Portuguesa, 1996, Volume II, p. 864.

³⁶¹ VIEIRA, António. *Op. cit.*, pp. 197-198.

*“Grande maravilha em uma cidade de tantos passatempos e delícias, a sua maior fosse um homem que a despovoava. Como eram tão inumeráveis os ouvintes, não era menos maravilha que todos ouvissem o pregador. (...) Todos ouviam, e com maior maravilha todos entendiam o pregador, como se falasse na sua própria língua; porque a língua do apóstolo português era das mesmas com que sobre os de Cristo desceu o Espírito Santo.”*³⁶²

Mas há que se considerar que Vieira também se refere ao frade menor como Santo Antônio de Pádua, principalmente, nos sermões referentes ao período em que o jesuíta esteve em Roma, o que novamente nos remete à produção da semelhança entre o pregador e o santo.³⁶³ Não podemos desconsiderar, como anteriormente foi dito, o reconhecimento e a aclamação que Vieira recebeu em Roma, como bem demonstra o trecho extraído do sermão de 1671:

*“Não assim o generoso e fiel ânimo de António, e por isso antes de Pádua, que de Lisboa. Não teve agravos que perdoar à pátria; porque os antecipou com fugir dela: foi porém tão reconhecido, e tão agradecido às honras que recebeu da devoção, da piedade, e da nobreza de Itália, posto que terra estranha, que não tendo outra cousa que lhe deixar (como aquele que tinha deixado tudo) por prenda de seu amor, por memorial de sua gratidão, e por fiador perpétuo de seu patrocínio, deixou nela o depósito de seus sagrados despojos; para que também entendam todos os que amam, veneram, e servem a Santo António, de qualquer nação ou condição que sejam, que servem a tão bom pagador, que não sabe dever o que deve; que e só é natural das suas obrigações, porque não reconhece outra pátria.”*³⁶⁴

Por outro lado, o trecho acima, uma vez mais, demonstra que o modelo de santidade proposto por Vieira nos *Sermões de Santo Antônio* estaria assentado, sobretudo, na militância do frade menor, ou seja, na sua disposição para o universal. Como “pregador universal do mundo” caberia a ele ser, acima de tudo, “natural de suas obrigações”. Esta vocação para o apostolado, no discurso de Vieira, seria extensiva a todos os portugueses, como membros da nação eleita por Deus para instaurar o reino de Cristo na terra.

³⁶² VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 198.

³⁶³ Contudo, é importante destacar que também no “Sermão de Santo Antônio” pronunciado em 1642 e no “Sermão de Santo Antônio” pregado em dia da Santíssima Trindade há menção ao santo de Pádua. Ver Apêndice A.

³⁶⁴ VIEIRA, António. *Op. cit.*, p. 122.

Considerações Finais

No presente trabalho, estudamos como o jesuíta Antônio Vieira apresenta a figura de Santo Antônio nos sermões que lhe dedicou, a fim de entendermos por que lhe atribui determinados significados naquele momento histórico.

Inicialmente, refletimos sobre a noção de santidade da Igreja tridentina, tendo em vista os ataques dos reformadores protestantes àquela matéria doutrinal. Ao mesmo tempo, procuramos destacar o esforço dos pregadores católicos em afirmar o valor da intercessão dos santos e da veneração a suas imagens, haja vista os questionamentos dos protestantes. Nestas disputas, foi fundamental o papel da Companhia de Jesus, ordem religiosa que surgiu em meio à Reforma Católica, no século XVI, cuja atuação foi decisiva para a difusão dos preceitos tridentinos.

Em conformidade com estes preceitos, o sermonário dito barroco foi grande propagador do culto aos santos. Para produzir um panegírico de santo, o pregador se apropria de toda uma tradição hagiográfica e devocional que envolve a figura que deseja louvar, visando acomodá-la à circunstância da pregação e aos efeitos a serem buscados. Partindo deste pressuposto, para melhor compreendermos a figura de Santo Antônio na série de sermões que Vieira lhe dedicou, estudamos, inicialmente, narrativas hagiográficas medievais e modernas buscando perceber significados atribuídos ao taumaturgo lisboeta naqueles textos. Além disso, investigamos traços do culto antoniano em Portugal e na América lusitana no século XVII.

Dessa forma, pudemos perceber, num primeiro momento, que, em cada prédica, Antônio Vieira concede um acento à figura de Santo Antônio, tendo em vista, muitas vezes, a circunstância da pregação e da publicação do sermões. No “Sermão de Santo Antônio”, pronunciado em 13 de junho de 1638, dias após a expulsão dos holandeses da Bahia, o pregador se propõe a demonstrar que a vitória e a defesa da cidade de Salvador couberam, principalmente, a Deus e a Santo Antônio. Portanto, nesta prédica, o santo emerge, sobretudo, como protetor dos portugueses na luta contra os batavos, sendo designado como “nosso divino defensor”. Já no “Sermão de Santo Antônio” de 1642, pronunciado na véspera da Convocação das 2^{as} Cortes do governo bragantino, que tinham por fim “remediar” as finanças do Reino, o pregador afirma ser Santo Antônio “Procurador dos

Céus nas Cortes do Reino”, condição esta que lhe possibilitaria dizer seu parecer sobre a conservação de Portugal, a qual naquele momento residiria na cessão estratégica dos privilégios e isenções da nobreza e do clero no tocante à matéria tributária.

Identificamos, contudo, quatro traços do santo que, particularmente, o jesuíta destaca em seus sermões: ser português, pregador apostólico, taumaturgo e franciscano. Ao compararmos as prédicas com as narrativas hagiográficas, observamos que, nos sermões ora analisados e no *Agiologio Lusitano*, há uma articulação entre o fato de Santo Antônio ter nascido em Lisboa e a sua virtude apostólica. Esta articulação não se encontra na *legendas* medievais e no *Flos Sanctorum* de Diogo do Rosário, nos quais o apostolado de Antônio se vincula ao seu ingresso na ordem franciscana, o que nos remete para a ampla circulação de idéias milenaristas, sebastianistas e messiânicas em meio à Restauração Bragantina e mesmo anteriormente, durante o domínio filipino. Antônio Vieira é considerado o mais importante formulador do mito do Quinto Império no Seiscentos e, como tal, um dos maiores propagadores da vocação apostólica dos portugueses.

Portanto, nos “Sermões de Santo Antônio” de padre Vieira, à parte as suas diferenças, há sobretudo uma articulação entre a faceta apostólica do frade menor e a missão universal de Portugal. Nesse sentido, a memória do santo informa as construções do jesuíta acerca da missão apostólica dos lusitanos, ao mesmo tempo em que atualiza ao auditório e ao leitor a missão que teria sido delegada aos portugueses.

Produzindo esta articulação, o jesuíta, muitas vezes, projeta aspectos da espiritualidade inaciana à vida do pregador franciscano. Como foi dito, para Vieira o expansionismo lusitano com o fim de cristianizar os povos seria modelado pela Companhia de Jesus. Dentro dessa perspectiva, para que o “destino português” se efetivasse, seria fundamental, por um lado, a aliança entre Monarquia portuguesa e Igreja e, por outro, a participação dos pregadores evangélicos, sobretudo dos inacianos, na conversão do povos à fé católica.

A consideração acima nos remete a outro efeito fundamental dos panegíricos analisados neste trabalho, qual seja: a homonímia, a identidade como português, o ofício de pregador e, muitas vezes, a circunstância da pregação e da publicação dos sermões permitem a Vieira fazer coincidir a narrativa hagiográfica antoniana e acontecimentos de sua vida, em outras palavras, permitem ao jesuíta construir discursos auto-referentes.

Portanto, nos *Sermões de Santo Antônio*, de padre Vieira, o *exemplum* “fala” e se confunde como falante com o auditório e o pregador. Dentro dessa perspectiva, Santo Antônio significa a possibilidade humana de união com o divino e, conseqüentemente, significa a possibilidade de os portugueses cumprirem sua missão ao mobilizar sua vontade em direção a Deus.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes:

Sermões de Santo Antônio de Padre Vieira:

“Sermão de Santo Antônio. Pregado na Igreja e dia do mesmo Santo, havendo os Holandeses levantado o sítio que tinham posto à Baía, assentando os seus quartéis e baterias em frente da mesma igreja.” IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmãos - Editores, volume III, 1993, pp. 31-61.

“Sermão de Santo Antônio. Pregado na festa que se fez ao Santo na Igreja das Chagas de Lisboa, aos 14 de Setembro de 1642, tendo-se publicado as Cortes para o dia seguinte.” IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmãos - Editores, volume III, 1993, pp. 149-174.

“Sermão de Santo Antônio. Pregado na Dominga *infra octavam de Corpus Christi* com o Santíssimo Sacramento exposto, em São Luís do Maranhão no Ano de 1653.” IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmãos - Editores, volume III, 1993, pp. 225-247.

“Sermão de Santo Antônio. Pregado na cidade de São Luís do Maranhão, no Ano de 1654.” IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmãos - Editores, volume III, 1993, pp. 249-284.

“Sermão de Santo Antônio. Pregado na Dominga *infra octavam* do mesmo Santo no Maranhão, no Ano 1657.” IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmãos - Editores, volume III, 1993, pp. 285-318.

“Sermão de Santo Antônio. Pregado na cidade do Maranhão, em dia da Santíssima Trindade.” IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmãos - Editores, volume III, 1993, pp. 175-223.

“Sermão de Santo Antônio. Pregado em Roma, na Igreja dos Portugueses.” IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmãos - Editores, volume III, 1993, pp. 63-83.

“Sermão de Santo Antônio.” IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmãos - Editores, volume III, 1993, pp. 85-122.

“Sermão de Santo Antônio. Panegírico e apologético, contra o nome, que vulgarmente em Roma na Igreja dos Portugueses, se lhe dá de Santo Antonino.” IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmãos - Editores, volume III, 1993, pp. 123-147.

Os Sermões de Santo Antônio foram consultados nas seguintes edições:

VIEIRA, Antônio. *Santo Antônio luz do mundo: nove sermões*. Transcrição, introdução e notas de Clarêncio Neotti. Petrópolis, Vozes, 1997.

_____. *Sermões*. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmão - Editores, volume III, 1993.

_____. *Sermões: Padre Antônio Vieira*. Organização e introdução por Alcir Pécora. São Paulo, Hedra, 2000, Tomos I e II.

_____. *Sermões do Padre António Vieira* (edição fac-similar). São Paulo, EditoraANCHIETANA S. A., 1943-45, Volumes II, III, VIII, XI e XII.

Outras obras de Padre Antônio Vieira consultadas:

VIEIRA, António. *Cartas*. Coord. e anotadas por J. Lúcio de Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925-1928. 3 Volumes.

VIEIRA, Antonio. *Colleçam dos principais sermoens que pregou o P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesus dedicada A Sto. Antonio de Lisboa; e offerecida a Antonio Martins, homem de Negocio nesta Corte*. Por Dionisio Teixeira de Aguiar, Familiar do Santo Officio. Com um Hum Prologo Historico da vida, e acçoens mais singulares do Padre Antonio Vieira. Lisboa: na Officina dos Herd. de Antonio Pedroso Galvão, M.DCC.LIV.

Legendas medievais e coleções de milagres de Santo Antônio:

ESPIRA, Frei Juliano de. "Vida de Santo António Confessor ou Vida Segunda". IN: SANTO António de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, 1998, volume I, pp. 123-150.

I FIORETTI de Santo Antônio: o livro dos milagres. Tradução para o italiano: Vergilio Gamboso. Tradução: Carmelo Surian. Aparecida, Santuário, 1995.

LIVRO dos Milagres ou Florinhas de Santo António de Lisboa. Introdução e tradução: Frei Fernando Félix Lopes, OFM. IN: SANTO António de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, 1998, volume III, pp. 71-140.

PECKHAM, Frei João. "*Legenda* de Santo António intitulada *Benignitas*". IN: SANTO António de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, 1998, volume II, pp. 15-49.

RIGAULD, Frei João de, OFM. "*Legenda* Rigaldina". IN: SANTO António de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, 1998, volume III, pp. 15-62.

SAINT-ROMAIN, Frei Pedro Raymond de. "*Legenda* Raimondina". IN: SANTO António de Lisboa. *Biografias - Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, 1998, volume II, pp. 55-93.

VIDA Primeira de Santo António também denominada *Legenda Assidua*. IN: SANTO António de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, 1998, volume I, pp. 31-100.

Hagiografias dos séculos XVI e XVII:

CARDOSO, Jorge. *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas*. Consagrado aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio, insignes patronos desta inclyta cidade Lisboa, e a seu illustre Cabido Sede Vacante, composto pelo licenciado Jorge Cardoso natural da mesma cidade. Tomo III. Que comprehende os dous meses de Maio, & Junho, com seus commentarios. Lisboa: na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza, anno 1666.

ROSÁRIO, Frei Diogo do. *Flos Sanctorum das Vidas e Obras Insignes dos Sanctos. Com muitos Sermões & praticas espirituas, que servem para muitas Festas do anno*. Vistas & cotejadas com seus originaes authenticos, pelo padre Frey Diogo do Rosayro, da Ordem de Sam Domingo. [For] mandado do Illustriss. & Reverendiss. Senôr dom frey Bartholomeu dos Martires, Arcebispo & Señor de Braga, Primaz, & c. Agora nesta ultima impressam emendado com muita diligencia, & acrescentado de novo algumas vidas de Sanctos, como se vera na Taboada. Com licença do Conselho Geral da Sancta Inquisição, & do Ordinario. A custa de João Despanha, & Miguel Darenas livreiros. Com Privilégio Real. 1590.

Outras fontes impressas:

BLUTEAU, d. Raphael. *Vocabulario portuguez e latino (....) Autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos e offerecido a El-Rey de Portugal, D. João V.* Pelo Padre D. Raphael Bluteau (...). Coimbra, no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Com todas as Licenças necessarias. Anno Domini M.DCC.XIII, Volume 3.

_____. *Vocabulario portuguez e latino (....) Autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos e offerecido a El-Rey de Portugal, D. João V.* Pelo Padre D. Raphael Bluteau (...). Coimbra, no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Com todas as Licenças necessarias. Anno Domini M.DCC.XX, Volume 7.

BULA da Canonização de Santo António (11 de junho de 1232). IN: SANTO António de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, 1998, volume I, pp. 23-26.

O SACROSSANTO e ecumênico Concílio de Trento. Lisboa, Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1808, Tomos 1 e 2.

Bibliografia:

ALGRANTI, Leila Mezan. “A hagiografia e o ideal de santidade feminina: o impacto da leitura de vidas de santos nos conventos do Brasil colonial”. Separata da *Revista de Cabral A Pedro I*. Porto, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2001.

ALVES, Maria da Trindade Mexia. *Santo Antônio: o santo do menino Jesus*. Lisboa, ICEP, 1996.

ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. Prefácio Michel Meyer; introdução, notas e tradução do grego Ísis Borges B. da Fonseca. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

AUERBACH, Enrich. *Mimesis*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1987.

AZEVEDO, João Lúcio de. *História de Antonio Vieira*. 2ª. ed. Lisboa, Clássica, 1931.

BARTHES, Roland. “A retórica antiga”. IN: *Pesquisas de Retórica*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1975.

BERNARDI, Orlando OFM. “O franciscanismo de Santo Antônio”. IN: *Cadernos do IFAN*. Bragança Paulista, EDUSF, 1997, nº 18.

BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2002.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo, Paulus, 2002.

BLANCO, Francisco de Asís Chavero, OFM. “Los Sermones de Sancto Antonio de Juan de La Rochelle. Para una tipología de la santidad franciscana”. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E TESTEMUNHO. 8º Centenário do Nascimento de Santo António. Actas. Braga, Universidade Católica Portuguesa - Família Franciscana Portuguesa, 1996, Volume II.

BRUNETTO, Carlos Javier Castro. “A iconografia portuguesa de Santo António e sua difusão no Brasil”. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E TESTEMUNHO. 8º Centenário do Nascimento de Santo António. Actas. Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1996, Volume II.

BUESCU, Maria Leonor Carvalho. “Introdução”. IN: VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*. Introdução, atualização de texto e notas por M. L. Carvalho Buescu. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.

BURKE, Peter. “How to be a Counter-Reformation Saint”. IN: GREYERTZ, Kaspar von (org.). *Religion and Society in Early Modern Europe 1500-1800*. Londres, George Allen & Unwin, 1984.

CAEIRO, F. da Gama. *Santo Antônio de Lisboa. Introdução ao estudo da obra antoniana*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995.

CERTEAU, Michel de. "Uma variante: a edificação hagio-gráfica". IN: *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982.

CHIAMPI, Irleamar. "O Barroco e a utopia da evangelização (Vieira e o "Sermão da Sexagésima)". IN: ARAGÃO, Maria Lúcia Poggi de e MEIHY, José Carlos Sebe Bom (coord.). *América: ficção e utopia*. São Paulo, EDUSP, 1995.

CIDADE, Hernani. *A literatura autonomista sob os filipes*. Lisboa, Livraria Sá da Costa — Editora, [19_?].

DELUMEAU, Jean. *El catolicismo de Lutero a Voltaire*. Barcelona, Editorial Labor, 1973.

_____. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

_____. "O milenarismo português". IN: *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 29.^a ed. Rio de Janeiro, Editora Record, 1992.

_____. *A propósito dos frades*. Salvador, Progresso Editora, 1959.

HANSEN, João Adolfo. "Sermões". IN: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil. Um Banquete no Trópico*. 2.^a ed. São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 1999.

HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XV e XVII)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

JABOATÃO, Antonio de Santa Maria (frei), ofm. *Nove Orbe Seráfico Brasilico, ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil*. Rio de Janeiro, Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858-1862.

KARNAL, Leandro. *Teatro da fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo, Editora Hucitec, 1998.

LE GOFF, Jacques. "Memória". IN: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, Vol. 1 Memória - História.

_____. *São Luís. Biografia*. Rio de Janeiro - São Paulo, Editora Record, 1999.

LEITE, Pe. Serafim SJ. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Rio de Janeiro, Livraria Portugália-Instituto Nacional do Livro, 1943, Tomo IV.

_____. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa - Rio de Janeiro, Livraria Portuguesa - Civilização Brasileira, 1949, Tomo IX.

_____. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Belo Horizonte - Rio de Janeiro, Editora Itatiaia, 2000, Tomo I.

LIMA, Luís Felipe Silvério. *Padre Vieira: sonhos proféticos, profecias oníricas. O tempo de Quinto Império nos Sermões de Xavier Dormindo*. (Dissertação de mestrado). São Paulo, FFLCH-USP, 2000.

LOWENTHAL, David. "Como conhecemos o passado". IN: *Projeto História. Trabalhos da Memória* (Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História do Departamento de História - PUC-SP). São Paulo, nº 17, novembro/98.

MARQUES, João Francisco. "A cronologia da pregação de Vieira". IN: MENDES, Margarida Vieira; PIRES, Maria Lucília Gonçalves e MIRANDA, José da Costa. *Vieira escritor*. Lisboa, Edições Cosmos, 1997.

_____. *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668. A Revolta e a mentalidade*. Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989. 2 Volumes.

_____. "Santo António na parenética seiscentista portuguesa". IN: CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E TESTEMUNHO. 8º Centenário do Nascimento de Santo António. Actas. Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1996, Volume II.

_____. "A tutela do sagrado: a proteção sobrenatural dos santos padroeiros no período da Restauração". IN: BETHENCOURT, Francisco e CURTO, Diogo Ramada (organização). *A memória da nação*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1991.

MARQUES, Maria Alegria Fernandes. "O culto de Santo António na diocese de Coimbra. Subsídios para a sua história". IN: CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E TESTEMUNHO. 8º Centenário do Nascimento de Santo António. Actas. Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1996, Volume II.

MELLO, Evaldo Cabral. "Os holandeses no Brasil". IN: HERKENHOFF, Paulo (org.). *O Brasil e os Holandeses 1630-1654*. Rio de Janeiro, GMT Editores Ltda., 1999.

_____. *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. 2ª ed. revisada e aumentada. Rio de Janeiro, Topbooks, 1998.

_____. *Rubro Veio: o imaginário da restauração pernambucana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

MENDES, Margarida Vieira. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa, Caminho, 1989.

MISSAL Quotidiano e Vespéral. Por Dom Gaspar Lefebvre, Beneditino da Abadia de Santo André. [s.l.], [s.n.], 1955.

MOTT, Luiz. "Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu". In: *História da vida privada na América Portuguesa*. Organização Laura de Mello e Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

_____. "Santo Antônio, o divino capitão do mato". In: REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio. Histórias dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

NEOTTI, Clarêncio. "Introdução ao Sermão de Santo Antônio". IN: VIEIRA, Antônio. *Santo Antônio luz do mundo: nove sermões*. Transcrição, introdução e notas de Clarêncio Neotti. Petrópolis, Vozes, 1997.

NEVES, Margarida de Souza. "Os jogos da memória". IN: MATTOS, Ilmar Rohloff de. *Ler e escrever para contar*. Rio de Janeiro, Access Editora, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. "Vão surgindo os sentidos". IN: *Discurso Fundador (A formação do país e a construção da identidade nacional)*. Campinas, Pontes, 1993.

PÉCORA, Alcir. "A arte de morrer, segundo Vieira". IN: VIEIRA, Antônio. *A arte de morrer: os sermões da Quarta-feira de Cinzas de Antônio Vieira*. Concepção e organização, prefácio, notas e cotejo com a *editio princeps* por Alcir Pécora. São Paulo, Nova Alexandria, 1994.

_____. "As artes e os feitos". IN: *A máquina de gêneros*. São Paulo, Edusp, 2001.

_____. "Sermões: o modelo sacramental". IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões: Padre Antônio Vieira*. Organização e introdução Alcir Pécora. São Paulo, Hedra, 2000, Tomo 1.

_____. "Sermões: a pragmática do mistério". IN: VIEIRA, Antônio. *Sermões: Padre Antônio Vieira*. Organização Alcir Pécora. São Paulo, Hedra, 2001, Tomo 2.

_____. *O teatro do sacramento*. São Paulo - Campinas, Edusp - Editora da UNICAMP, 1994.

_____. "Tópicos políticas dos escritos de Antônio Vieira". IN: VIEIRA, Antônio. *Escritos históricos e políticos. Pê. Antônio Vieira*. Estabelecimento dos textos, organização e prefácio por Alcir Pécora. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

_____. "Vieira, o índio e o corpo místico". IN: NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

REMA, Frei Henrique Pinto (OFM). "Vida e obra de Santo Antônio de Lisboa. Evocação do 8º Centenário do Nascimento". IN: *Voz Lusitana*. Revista da Academia de Ciências, Letras e Artes. São Paulo, nº 5, segundo semestre de 1995.

SALOMÃO, Sônia Netto. "Os sermões 'italianos' de Antônio Vieira: contribuições para um estudo crítico." IN: MENDES, Margarida Vieira; PIRES, Maria Lucília Gonçalves e MIRANDA, José da Costa. *Vieira escritor*. Lisboa, Edições Cosmos, 1997.

SANTO Antônio de Lisboa. Biografias - Sermões. Braga, Editorial Franciscana, 1998. 3 Volumes.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *O Pináculo do Temp(l)o. O Sermão de Padre Antônio Vieira e o Maranhão do Século XVII*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1997.

SERRÃO, Joel. "A parenética e a linguagem da pintura". IN: MENDES, Margarida Vieira, PIRES, Maria Lucília e MIRANDA, J. Costa (organizadores). *Vieira Escritor*. Lisboa, Edições Cosmos, 1997.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. 2ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924, Tomo I.

_____. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. 2ª. ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1926, Tomo II.

_____. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, Tomo IV.

SOARES, José Carlos de Macedo. *Santo Antônio de Lisboa militar no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio - Editora, 1942.

SOUZA, Laura de Mello. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Néri de Almeida. "Hipóteses sobre a natureza da santidade: o santo, o herói e a morte". IN: *Signum*. Revista da Abrem. São Paulo, Associação Brasileira de Estudos Medievais, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. "Santo Antônio na América portuguesa: o 'Martelo da Restauração'". IN: COLONIAL SAINTS: HAGIOGRAPHY AND CULT OF SAINTS IN THE AMERICAS, 1500-1800. Toronto, University College-University of Toronto/Canadá, May 12th-14th, 2000.

VAUCHEZ, André. "O santo". IN: LE GOFF, Jacques (direção). *O homem medieval*. Lisboa, Editorial Presença, 1989.

VIDA dos Santos de Butler. Edição completa organizada, revisada e ampliada por Herbert J. Thurston, S. J. e Donald Attwater. Petrópolis, Vozes, 1989, Volume VI.

APÊNDICE A

Principais títulos, virtudes e epítetos de Santo Antônio nos sermões que lhe dedicou Padre Vieira

Título do Sermão	Principais títulos, virtudes e epítetos de Santo Antônio
<i>Sermão de Santo Antônio. Pregado na Igreja e dia do mesmo Santo, havendo os Holandeses levantado o sítio que tinham posto à Baía, assentando os seus Quartéis e baterias em frente da mesma igreja</i>	“David”; “Menor”; “Servo” [de Deus]; “Santo Antônio, sendo um só, é todos os santos”; “Patriarca”; “Filho de São Francisco”; “Profeta”; “Apóstolo”; “Martelo das Heresias”; “Mártir”; “Confessor”; “Virgem”; “Santo universal”; “Nosso antemural”; “Nosso segundo defensor Santo Antônio”; “Arca do Testamento”; “Nosso defensor”; “Nosso santo”; “Oculto protetor de seu terreno”; “Nosso vitorioso defensor”; “Pontual recuperador do perdido”; [Trono de Cristo]; “Nosso David”; “Glorioso santo”.
<i>Sermão de Santo Antônio. Pregado na festa que se fez ao Santo na Igreja das Chagas de Lisboa, aos 14 de Setembro de 1642, tendo-se publicado as Cortes para o dia seguinte.</i>	“Arca do Testamento”; “Martelo das Heresias”, “Defensor da Fé”; “Lume da Igreja”; “Maravilha da Itália”; “Honra da Espanha”; “Glória de Portugal”; “Melhor filho de Lisboa”; “Querubim mais eminente da religião seráfica”; “Nosso português Santo Antônio”; “Procurador [d]o Céu às Cortes do Reino”; “Sal da terra”; “Luz do mundo”; “Cidade sobre o monte”; “Perfeito Procurador de Cortes”; “Fiel como português, Santo Antônio de Lisboa; estadista como italiano, Santo Antônio de Pádua”; [Zelo]; [Sabedoria]; “Santo Antônio, para os estranhos, é recuperador do perdido; para com os seus, é conservador do que se pode perder”; “Espírito apostólico”; “Afável”; “Benigno”; “Familiar”; [Asceta].

<i>Sermão de Santo António. Pregado na Dominga infra octavam de Corpus Christi com o Santíssimo Sacramento exposto, em São Luís do Maranhão no Ano de 1653.</i>	“Grande maravilha de todas as memórias do mundo”; “Nosso prodigioso português Santo António”; “Servo”; “Discípulo”; “Eliseu”; “Sacramento”; “Em Santo Antônio está o Sacramento sem cortina”; “Arca do Testamento”; “Santo onde Deus se mostrou mais admirável”; “Vós sois o sal da Terra. Vós sois a luz do mundo”; “Santo António é o sal e a luz da mesa do Santíssimo Sacramento”; “Sal, e luz desta mesa: <i>Vos estis sal: vos estis lux</i>”; “Milagroso pregador e piedoso filho”; “Grande português”; “Santo Eucarístico”; “Santo em que Deus depositou as maravilhas do Sacramento”; “Santo António é exposição do Sacramento”; “Santo sacramentado”; “Fradinho menor”; “Nosso santo”; “Medianeiro”, “Ofício de reparar todas as [almas] perdidas”
<i>Sermão de Santo António. Pregado na cidade de São Luís do Maranhão, no Ano de 1654.</i>	“Nosso grande português Santo António”; “Grande António”; [Santo doutor da Igreja]; “Foi sal da terra, e foi sal do mar”; “Vosso pregador Santo António”; “Servo António”; “Santo menor”; “Vosso grande pregador”; “Rêmora vossa”; “Fiel servo de Cristo António”; “Menor”; [Humildade]; “Arca do Testamento”; “Santo pregador”; “António vosso pregador”; “Candura”, “Sinceridade”, “Verdade”, “Português”.
<i>Sermão de Santo António. Pregado na Dominga infra octavam do mesmo Santo no Maranhão, no Ano de 1657.</i>	“Candeia que se acendeu para buscar a dracma”; “Nosso glorioso Santo António”; “António deparador de almas perdidas”; “Tão devoto servo, e tão favorecido da Mãe da Graça”; “Deparador das cousas perdidas”; “Deparador”; “Deparador Santo António”, [Humildade]; [Caridade]; “Grande Santo”; “Santo António deparador das almas perdidas”; “Eficaz luz”; “Santo deparador”; [Confessor]; [Benigno]; “Divino António”; “Nosso deparador”; [Castidade]; “Vosso servo”, “Benemérito deste diviníssimo Sacramento” [Eucaristia]; “Filho” [de São Francisco]; “Remédio dos fracos”; “Deparador de almas perdidas António”; “Deparador das almas perdidas”; “Deparador o nosso Santo para Almas perdidas pelo pecado da cobiça”; [Santo prodigioso], “Nosso santo”; “Admirável deparador de almas perdidas é o nosso santo”; “Certo deparador de almas perdidas é o nosso santo”; “Nosso santo deparador”; “Tem por ofício deparar tudo o perdido”; “Deve, e está obrigado ao deparar”; “Gloriosíssimo santo”; “Ardentíssimo zelo”, “Piedade”.

<i>Sermão de Santo António. Pregado na cidade do Maranhão, em dia da Santíssima Trindade</i>	“Nosso português Santo António”; “Grande servo António”; “Servo”; [Zelo]; “Menor”; “Nosso santo”; “Verdadeiramente grande”; “Grande no reino do Céu”; “Prodigioso menor”; “Grande”; “Grande homem”; [Poder]; [Sabedoria]; [Bondade]; “o Santo”; “Nosso menor”; “Cheio de tão extraordinárias grandezas”; [Humildade]; “Português”; “Fradinho”; “Inquiridor milagroso”; “Franciscano”; “Frei António”; “Deus, ou vice-deus português”; “Martelo dos Hereges”; “Brandura”; “Grande dominador da vida e da morte”; [Paciência]; [Caridade]; [Oração e penitência]; “Poderoso”; “Poder piedoso, amigo e santo”; “Primeiro mestre da teologia, e Escritura Sagrada de toda a Religião seráfica”; “Primeira luz”; “Fonte de Luz”; “Pai” [da Família Franciscana]; “Pai dos Lumes”; “Grande António”; “Jasão”; “Prometeu”, “Teseu”; “Sabedoria e eloquência divina”; “Um homem”; “Pregador”; “Apóstolo português”; “Filho” [de São Francisco]; “Filho mais amado” [de São Francisco]; “Eficácia da palavra de António”; “Arca do Testamento”; “Grande pregador”; “Pescador de homens”; “Pescador de Peixes”; “Nosso taumaturgo português”; [Simplicidade]; “Frei António”; “Mais prodigioso e milagroso de todos os santos”; “Cônego Regrante”; “Dom Fernando”; “A fama da Universidade de Coimbra, e a admiração dos seus doutores”; “Profissão de idiota e ignorante”; “Argos de si mesmo”; “Réu de sua própria ciência”; “Santificador”; “Santo absoluto, e por antonomásia”; “Santo e simples e absolutamente”; “Santo sem aditamento”; “o Santo por antonomásia, e sem aditamento”; “Santo entre todos os santos”; “Santo António, singular entre todos, santo sem aditamento”; “Santo António de Pádua”; “Santo, e mais nada, porque é mais que tudo”; “Frei António”; “Grande na Corte do Céu”; “Espírito”; “Paráclito”; “Consolador”; “Paráclito universal”; “Não há outro consolador e paráclito mais pronto e mais familiar e doméstico”; “António, verdadeiro e universal paráclito”; “António, piedoso consolador, e certíssima consolação de todos os angustiados e aflitos”; “Língua viva e imortal”; “Língua a mais eloquente e poderosa oradora”; “Fradinho de S. Francisco”.
---	---

<i>Sermão de Santo António. Pregado em Roma, na Igreja dos Portugueses.</i>	“Português italiano”; “Italiano Português”; “Santo António de Lisboa”; “Santo António de Pádua”; “Bom português”; “Luz do mundo”; “Sol”; “Corpo milagroso”; “O milagre dos santos”; “Primeiro valido de Deus”; “Bom valido”; “A luz do mundo”; “Santo português”; “Verdadeiro português”; “Português”; “Religioso da sagrada Ordem de Santo Agostinho”; “Cônego Regrante”; “Português e resoluto a alumiar o mundo”; “Soberano David menor”; “Vencedor do Gigante”; “Menor”; “Josué”; “Grande”; “Luz da França e da Itália”; “Primeira luz”; “Sol que levava a saúde nas asas”; “Luz da Europa”; “Martelo das heresias”; [Recuperador do perdido].
<i>Sermão de Santo António.</i>	“Nosso santo português”; “Luz do mundo”; “Luz”; “Filho” de Portugal; “Filho do seu coração”; [Mártir]; “Português”; “Grande homem”; “Grande santo”; “Meu Santo”; [Sabedoria], [Eloquência]; [Modéstia], [Humildade]; [Santo Doutor]; “Filho de São Francisco”; “Geração de gigante”; “O primeiro homem”; “Filho varão”; “Filho [que] havia de reger as gentes com vara de ferro”; [Pregador universal do mundo]; “Martelo das Heresias”; “Prodigioso parto da Lusitânia”; “Arca do Testamento”; “Grande português”; “Prático do país”; “Filho” [de Lisboa]; “Sol da Terra”; “Fradezinho menor”; “Prudente”; “Ouro”; “Divina prudência e providência”; “Generoso e fiel ânimo de António”; “Antes de Pádua, que de Lisboa”; “Bom pagador”; “Natural das suas obrigações”.
<i>Sermão de Santo António. Panegrico e apologético, contra o nome, que vulgarmente em Roma na Igreja dos Portugueses, se lhe dá de Santo Antonino.</i>	“Peregrino português”; “Santo António de Lisboa”; “Santo António de Pádua”; “António de Portugal”; “Nosso António”; “Meu Santo”; [António] “da Europa”; “Português”; [Restituídor das perdas]; “Devedor”; “Martelo das Heresias”; “Magno”; “Máximo”; “Nosso Santo António”; “Santo Antonino”; “António de Lisboa”; “António o português”; “Antonino”; “Grande santo”; “António o grande”; “Sol”; “<i>Vos estis lux mundi</i>”; “António o sol”; “Servo António”; “Sucessor dos Apóstolos”; “Grande”; “Eliseu”; “Milagroso”; “Autor do milagre”; “António foi vida e ressurreição”; “Pregador”; “Grande discípulo” [de Cristo]; “Frei António”; “Arca do Testamento”; “Pai e Pastor”; “Famoso herói entre todos os santos”; “Natural, ou sobrenatural grandeza”; “Menor”; “<i>Magno</i>”.